3 1761 07041575 7

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/camillocastellob02cast

I
18
8620

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SERGIO DE CASTRO

Camillo Castello Branco

Typos e episodios da sua galeria

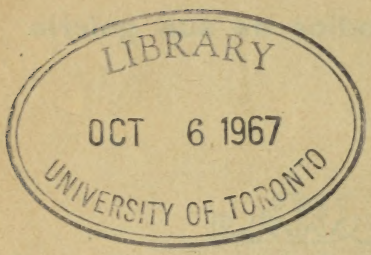
VOLUME II

1914

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

PQ
9261
C3Z64
v.2



1914

—

OFICINAS TIPOGRÁFICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

Da Parceria António Maria Pereira

Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

Prologando

Este segundo volume começou a ser coordenado quando foi recordada, com muita honra, a memoria de Camillo—de *Camillo,* porque na historia litteraria passará apagadamente o titulo *Visconde de Correia Botelho*, sem que nós, com esta annotação, queiramos desmerecer nas intenções com que elle procurou a distincção nobliarchica, que n'elle vinha consagrar a fidalguia da sua ascendencia.

Camillo é *Camillo,* e ainda hoje tambem sómente se diz *Garrett* e se diz *Castilho.*

E esta patriotica recordação do seu nome deu-se a proposito do anniversario triste—vigessimo primeiro anniversario—da morte que foi procurada por quem tanto, como elle, apreciava a vida nos seus prazeres e nas suas glorias.

Mas não se pense que, commemorando-se a lutuosa data nacional, alguma cousa se fez ou se garantisse na execução, para que, a respeito da immortalidade de Camillo, se sahisse para fóra das palavras sonoras e das phrases solemnes soltadas ao vento!

Os seus restos mortaes ficaram onde estavam; a sua obra ficou restricta ás edições do commercio; os seus descendentes continuaram na incerteza das desoladoras eventualidades da vida pobre...

Nada de justiça se fez, e nem sequer a antiga commissão, nomeiada seis annos antes para angariar os meios que custeassem o monumento que de direito se lhe devia, nem essa, com os seus dedicados admiradores, soltou a voz para se impor e coordenar no meio do movimento que se delineou!

Palavras, palavras, palavras...

Sons que passam, vozes sem ecco, consoante a capa de livros de poetas gloriosos, que começaram a vida litteraria por ser modestos... no titulo de sobrescripto ás suas poesias!

Escreveu-se muito, porque em Portugal, em nossos dias, escreve-se sempre abundantemente, com grande superfluidade. Encheram-se columnas, muitas columnas, todas ellas alinhavadas com a mesma algaravia moderna, especie de giria letrada com que, ao mesmo tempo, se aprecia, annota e commenta um acontecimento politico, os merecimentos de um auctor ou um caso policial. Pode-se mesmo dizer que Camillo, que nunca merecera essas honras, entrou pela primeira vez, e após vinte e um annos passados por sobre a sua morte, nos dominios da espalhafatosa e mirabolante *reportagem* portugueza.

Palavras, palavras, palavras...

Mas toda a regra tem excepção.

Appareceu, com effeito, a excepção, e essa... da parte de um morto, de Fialho d'Almeida, que poucos dias antes, como fizera Camillo, se suicidara tambem!

Veio essa excepção a consistir no *Programma*, por Fialho elaborado, para a feitura de um livro, *in memoriam*, que a commissão de 1906 projectou.

E esse programma, embora de uma quasi impossivel execução com os actuaes elementos criticos do paiz, é no entanto um documento valiosissimo, que o sr. Alberto Pimentel entregou á publicidade pelo jornal a *Republica*.

Merece toda a importancia, e nós queremos juntal-o ao nosso trabalho, que embora de somenos valia no que nos é proprio, é de facto o mais completo de minuciosidades sobre a complexa obra de Camilo Castello Branco.

Programma de Fialho d'Almeida

Hereditariedade cerebral, physiologica ou morbida de Camillo, sua vida e educação provincial, e determinantes de tudo isto no seu typo e caracter de escriptor.

Adolescencia de Camillo—estudos scientificos e litterarios e primeira influencia d'elles nas directrizes da sua personalidade de escriptor.

Phase religiosa, phase romantica e estylo das obras de Camillo n'essas phases. (1)—Formação

(1) Aqui faltou a observação. Camillo não teve *phase religiosa*; teve *phases religiosas*, não havendo, por isso, a apurar-lhe um estylo especial para ellas.

do vocabulario; palavras, phrases e aggregados constructivos.

Phase erudicta e archeologica.—Camillo historiador e archeologo; evolução do seu estylo, vocabulario, etc., durante ella.

Phase naturalista ou realista das novellas de Camillo logo depois do advento de E. Zola e Eça de Queiroz em Portugal: evolução do estylo e palavras e aggregados constructivos, etc.

Camillo pamphletario: a ironia, processos de invectiva, phantasia humoristica, etc.—Irreverencia e sarcasmo das suas satyras.

Em que escola filiar Camillo como romancista, e no caso dos seus romances terem soffrido a influencia de mais d'uma, classificação d'elles por escolas ou influencias de escola.

A sociedade portugueza nos romances historicos e nos romances da vida contemporanea, caso elles valham como documentos para a psychologia e historia particular d'essa sociedade.

Processos de demonstração nos romances de Camillo: analyse psychologica, descripção, paisagem, etc. Papel secundario da paisagem, das descripções de interior e mais accessorios novellescos, nos romances de Camillo, e razões do resumido papel d'esses accessorios.

Se é possivel aperceber da obra de Camillo uma philosophia dirigente, uma theoria da vida, embora atrazada, etc.

Importancia da obra de Camillo na serie dos novellistas nacionaes: se ella marca alguma pha-

se, e qual, e em qùe altura, entre os escriptores da serie novellista.

Integração da obra de Camillo na vida nacional: o que ella exprime das nossas lutas e interesses quotidianos—e mais do caracter, do typo, da moral, e emfim das tendencias sociaes da familia e raça portugueza.

Vida amorosa de Camillo, e influencia d'ella nas mulheres e idilios dos seus romances.

Typos de belleza feminina de Camillo, e indagação da sua realidade e fidelidade relativamente aos das mulheres portuguezas. Quaes os typos de mulher dos seus romances, mais detalhadamente colhidos, pela observação, da vida real.

Parallelo entre a obra de Camillo e a dos seus contemporaneos hespanhoes: afinidades e quaes as derivadas da raça e as derivadas da analogia de temperamento, visualidade poetica, educação, etc.

Processo de factura dos romances de Camillo. —Sua maneira de escrever e de compor.

Os heroes amorosos de Camillo, e interferencia auto-biographica, se a houver, na psychologia d'esses heroes.

Caracter e tendencias do amor nos livros de Camillo, e se elle exprime e caracterisa, por via observativa, o typo de amor portuguez, se typo um ha.

Outros typos da obra novellesca de Camillo: os typos de acção. — Os typos simplesmente contemplativos, ou affectivos.—Os typos comi-

cos.—Os typos de integridade moral.—Psychologia e justificativos d'esse typo e se elles serão colhidos da vida real, ou simplesmente sonhos da imaginação do escriptor.

Se na dissolução e tendencias cosmopolitas das lettras portuguezas actuaes a obra de Camillo deve declarar-se uma obra nacional, e por quaes razões e ideaes tendentes a afervorar o portuguez no espirito da patria, de sólo, e de familia de que tanto hão mister os povos pequenos, ameaçados de se perderem na onda d'expansão dos paizes externos e avançados.

§ *unico e resumo.* Feições dominantes da obra de Camillo: estylo, systema de entrecho, theoria da vida (se a ha), ironia, passionalidade e effusão lyrica, mulheres e feição do amor, da honra, da dedicação, etc.—tudo exemplificado n'um romance.—Quaes obras de Camillo devem constituir o nucleo de escolha, e ser recommendadas á leitura popular.

Está muito bem. Não haverá, para todos os capitulos, quem lhe possa corresponder litterariamente para que o monumento fique condigno, mas o programma, como resumo ou synthese, embora em demasia systematisado, dos predicados diversos da obra camiliana, é uma perfeição do conhecimento que denota, minucioso, da obra do grande escriptor portuguez.

Fialho d'Almeida!

. . . . . .

. . . . . .

Eu conheci Fialho d'Almeida ha 41 annos completos: em 1870. Era elle praticante de uma pharmacia no largo do Metello, ao Campo de Sant'Anna, arrumada n'uma loja do velho palacio dos condes da Lapa, actualmente propriedade da bondosa, intelligente e quasi ignorada poetisa, a nobre sr.ª Marqueza de Pomares.

Conheci-o então porque elle era companheiro de um patricio meu, tambem poeta modesto, Antonio Casimiro Mourato, que veio a morrer em Angra do Heroismo.

Estou a vêl-o. Era um franzeninho imberbe e loiro. Mal começava a pennujar-lhe o bigode, primicias d'aquella barba que depois se lhe tornou patriarchal. Acanhado, timido, ninguem diria que d'aquelle casulo sahiria a larva, que criando azas e erguendo-se em vôos atrevidos, se havia de evidenciar um dia como critico petulante de audacias.

Começava elle então a collaborar lyricamente n'um jornal de Leiria, e ainda me offereceu, enviando-o para Coimbra, o seu primeiro livro.

Nem já me lembra o titulo... Depois fez-se medico, fez-se critico, azedou-se, e perdeu o seu valor, que era enorme, na bohemia dos cafés.

E' que já dizia Victor Hugo no prefacio do *Le Roi s'amuse*:

Les success de scandale cherché valent peu et durent peu.

Acharam-lhe graça, muita graça; envaideceu-se com a situação, e começou a desperdiçar o espirito na critica, perdendo-se o critico de valor, perdendo-se o contista original, esbanjando-se o chronista, inutilisando-se por ventura o poeta e o romancista.

Mas talentoso sempre, impondo-se; e tanto que eu,

uma victima entre a multidão das victimas do seu espirito, fui-o admirando sempre, encontrando-nos como se não nos conhecessemos... Admirava-o no *Barbear, pentear*, nos *Gatos*, no *Paiz das uvas*, e em outros livros todos elles como estes—trabalhos de graça, de estylo rebuscado, de viveza excepcional, de phrases felizes, de trechos encantadores, mas *negativos*, sem aquella solidez e utilidade que valorisa um escriptor na corrente tradiccional ou no movimento renovador de uma phase historica da litteratura de um povo!

E sendo assim que a individualidade de Fialho se esboçava no meu espirito, foi com enorme admiração que li o *programma* transcripto.

E' perfeitamente acabado. E' o seu unico trabalho *concreto* que conhecemos. E' a sua unica *construcção*. Vale mais, para nós, que qualquer dos seus livros em oitavo, de trezentas paginas. Vê-se que Fialho d'Almeida conhecia Camillo em toda a sua obra complexa, em todas as modalidades, em todas as circumstancias, em todos os sentimentos, em todas as materialidades, em todas as coherencias, em todas as contradicções, em todos os desfalecimentos, em todas as reacções, em todos os processos, em todas as alegrias, em todas as amarguras, em todas as bellezas de fórma, em todos os periodos e phrases, em todas as eventualidades do tempo e do meio!

Apenas com o defeito de pretender que tudo isso se systematisasse, quando tudo isso, na obra de Camillo, fugia ao systema, sendo d'elle a perfeita negação!

Pois muito bem.

E' Fialho d'Almeida que por esse *programma* impõe á geração actual, que foi a sua, ou ás gerações que se

seguirem, que Camillo Castello Branco seja commemorado a valer, como homem de lettras superior, que por todas as feições que elle esmiuda, tem direito—*direito*, note-se bem—a um assignalado registo nacional, por todos os meios porque se affirma a verdadeira justiça de um povo para com aquelles que enriqueceram o seu valor collectivo. E' tempo de pagar essa divida de honra; e onde não chegarem os admiradores, onde não chegarem os devotos, onde não chegar a imprensa, nas forças unidas de Portugal e Brazil, que chegue o poder do Estado, n'uma decisão que acabe com todas as incertezas e com as inercias de tudo e de todos.

Andam no ar, na atmosphera politica e social, muitos fluidos desformisados, para rebentarem em tempestades destruidoras ou purificadoras. Mas em quanto os problemas não tomam uma fórma precisa e concreta, entretenhamos a nossa actividade em acções de justiça social, devendo de todas ser a primeira aquella em que sáldemos a divida em aberto para com a memoria de Camillo Castello Branco, mais litterario ainda que Castilho, ainda mais complexo de qualidades de escriptor que Almeida Garrett.

Affirmemos a certeza do nosso passado, já que tão incertos andamos sobre o futuro dos nossos destinos!

5 de agosto de 1911.

Novellas do Minho

Vem a ser este o titulo generico sob que se publicaram, de 1875 a 1877, em edições de Mattos Moreira, os pequenos romances ou contos que se chamam *Gracejos que matam*, *O Commendador*, *O Cego de Landim*, *A Morgada de Romariz*, *O Filho Natural*, *Maria Moysés*, *O Degradado* e *A Viuva de Enforcado*.

A seguir, e por sua ordem, a todos elles faremos referencias especiaes, porque todos elles as merecem.

A conhecida theoria de Taine, na parte referente ao *momento*, em que tudo se deve considerar, póde ter applicações muito especiaes ao homem de acção e evidencia—ou elle seja politico, artista, banqueiro, litterato, commerciante, industrial, jornalista...

Todos teem o seu momento maximo na reflexão das suas suas forças; e esse momento maximo de força, acção e prestigio para Camillo foi no periodo de 1870.

Pontificava então, impondo-se, com mais admiradores que verdadeiros crentes, com mais vencidos que adeptos, com mais legionarios que sectaristas, porque a sua imposição era toda intellectual.

Ora foi n'esse periodo aureo, no prestigio do seu nome, na pujança do seu estylo, na dominação do seu humorismo, que appareceram, e chegaram a ganhar multidão, as *Novellas do Minho*, que é onde a sua fórma, pelo contraste da virilidade e da flexidez, da paixão e da ironia, alcançou a maxima perfeição.

O seu Bernardes, como soia chamar ao artista oratoriano, nunca brincou com tanta graça com a phrase breve e conceituosa, burilada e completa na perfeição de todas as suas intenções!

O grande Camillo, como artista da prosa romantica, encontra-se ali em toda a plena luz intensa da sua naturalidade, nos pequenos romances ou contos das *Novellas do Minho*.

... ou *contos*, escrevemos nós.

E' o conto um genero litterario, que parecendo *moderno*, representa no entanto a mais antiga das fórmas romanticas da litteratura.

Romanticas na generalidade da palavra.

As suas modalidades, reflectindo civilisações, no sentido d'essas civilisações serem a synthese dos costumes, é que são numerosissimas.

Das fadas, boas ou más, ás realidades, tristes ou alegres; do entretenimento das crianças á curiosidade affectiva ou especulativa dos homens; das cousas do Olympo, do Ceu, do Inferno, ao Baratro ainda mais negro e profundo que estes—dos enredos da Terra; da moralidade pura ou convencional á immoralidade despejada e hypocrita; das dymnastias sobrenaturaes que Chompré lexicographou ás lendas de outros systemas olympicos que nem sequer conhecemos, mas que com toda a certesa existiram; humanamente de Hoffmann e Berault a

Daudet e a Armand Silvestre; das *Mil e Uma Noites* arabes ás brejeirices das gazetas *boulevardianas*... que enormissimas variações n'essas phantasias através os seculos, através as sociedades, as raças, os povos que se dessiminam, as nacionalidades que desapparecem, as linguas que se aperfeiçoam, as linguas que se confundem, as montanhas que se erguem ás nuvens, os mares que occupam o logar das montanhas!...

Mr. Friedlaender, traduzido por Charles Vogel, deu-nos curiosas informações sobre os *contos*, que já eram conhecidos de gregos e romanos...

Mas lá iamos nós cahir, se proseguissimos n'esta toada, em erudições fastidiosas, ainda que fossem facilmente architectadas á custa de diccionarios e dissertações!

Mas deixemos essa especialidade ao indefesso academico Dr. Theophilo, que muito se compraz com o que aos outros enfastia.

Entre nós tambem é grande, do meiado do seculo XIX para cá, a lista dos nossos *contistas*.

Os *Contos do Tio Joaquim*, de Paganino; os *Contos ao luar*, de Julio Cesar Machado; os *Contos sem arte*, de D. José d'Almada; os do sr. dr. Theophilo Braga; os do sr. dr. Teixeira de Queiroz *(Bento Moreno)*; os do sr. Alberto Braga; os de Fialho d'Almeida, Augusto Sarmento, Pinheiro Chagas e Trindade Coelho; e os de tantos e tantos, muitos e muitos talentosos rapazes litteratos, que para ahi viçam, duplicando-se e multiplicando-se sem destrinça facil, por muito se parecerem todos elles uns com os outros—formam uma bibliographia vasta, que bem merece ser um dia examinada no conjuncto do seu valor e do seu caracter.

Mas antes de sobre elles se fazer um estudo comparado, sentenciaremos que por todos se sobrelevam os *contos* de Camillo que se agrupam sob o titulo generico de *Novellas do Minho*.

Ali encontram typos accentuados; ali apalpam-se costumes; ali vivem-se sentimento; ali exhibem-se caracteres; ali ha conceitos e ha exemplos; ali dão-se lições—e tudo na fórma concisa do enredo, da eterna belleza da graça espontanea e da eloquencia suggestiva do coração.

Ali retrata-se ao natural uma parte importante da sociedade portugueza—porque tanto é sociedade de Portugal a que se conjuncta nas intrigas de S. Carlos, da Arcada ou da Avenida, como a que se expande sem convenções entre as carvalheiras e as aguas correntes dos corregos minhotos ou trasmontanos.

O artista soube metter-se melhor nas oitenta paginas do formato 16, que os jornaleiros litterarios da França nas duas columnas do *Figaro* ou do *Gil Blas*, excedendo-os a todos na concentração do conceito e na concentração do dialogo, que nas *Novellas do Minho* alcança a maxima perfeição, sem nehum esforço propriamente litrerario.

E vão ler, verificando, os que porventura hoje se limitam aos *contos*, quasi sempre sem côr e sem sabor, com que os jornaes de Paris entreteem os seus clientes da banda da Europa que vem do Trocadero ao Terreiro do Paço.

Gracejos que matam

Abre o livrinho por uma verdadeira monographia sobre o que seja o *espirito* em terras portuguezas, nas diversas transfigurações por que elle tem passado através... as civilisações e os progressos.

No plural ou no singular, a gente, quando precisa de uma explicação sobre factos de novidade, attribue-as á civilisação e ao progresso, que na sua qualidade abstracta teem costados de sobra para todos os carregos.

Ora pois, vejamos a escala por onde nós viemos subindo, subindo até tocarmos com o *homorista;* é um diccionario: chocarreiro, tregeitador, arlequim, palhaço, proxinello, maninêlo, pollichinello, truão, jogral, goliardo, farcista, histrião, farçola, vegete, bobo, pierrot, momo, bufão, folião, etc.

Mas no entanto somos mal ageitados a estas modalidades, porque lá diz o aucter com toda a verdade:

> «Ainda assim o estreme *espirito* portuguez, por mais que o afiem e agucem, é sempre rombo e lerdo; não se emancipa da velha escola das farças: é *chalaça*.»

Mas as graças muitas vezes pagam-se caras, e a historia de uma tirada graciosa, que levou ao homicidio cobarde, é a que se conta nos *Gracejos que Matam*.

A acção passa-se em 1851, nas Caldas de Vizella, sendo linda a paisagem em que se enquadra.

Na ilhota da Ponte desencalmavam-se D. Helena da Penha, a *Morgada Velha*, viuva do Capitão Mór de Athey; D. Irene, sua filha, a *Morgada Nova;* o Abbade de Santa Eulalia, frascaz e latinista; o namorado de Irene, bacharel Alvaro de Abreu, assomadiço e cobardão, filho segundo da Casa e Honra de S. Gens, em Refojos de Baixo, o qual bacharel Abreu usava armas em toda a fatiota que lhe enfardelava o corpo; João Pacheco, do Arco de Bahulhe, mundano bem educado e generoso, que em Lisboa fôra discipulo de esgrima de D. Francisco de Castello Branco, o *Chico* Bellas; e finalmente José d'Almeida, um Saint Preux, que parecia ter bebido o elixir da eterna juventude...

O Abreu da Honra de S. Gens tinha a preoccupação de *fazer espirito*, em quanto que o Pacheco não gostava d'essa tineta; e assim de certa vez, debaixo dos arvoredos de Vizella, deu-se o seguinte episodio, quando um do bando entalhava um M na casca de um amieiro.

«—Esse *M*, disse o Abreu galhofando, póde significar uma exclamação vociferada por Cambronne em Waterloo.

«—Prove—interveio José d'Almeida...

«Todos perceberam, salvante as damas, que não conheciam os aromas da historia de França.

«—Que horas são?—perguntou enfastiada a morgada Irene.

«—Cinco, responderam todos, abrindo os relogios, excepto João Pacheco.

«—Singular caso!—disse elle—tenho este relogio ha doze annos: é a primeira vez que pára, tendo corda. Se o ar sulfurico de Vizella tivesse sobre o dono a influencia que tem sobre o relogio, seria obrigado a parar; e parar, diz não sei quem, é morrer.

«—Mas é que tu precisas de *corda*—remoqueou Abreu.

«—De *corda* preciso; de *carrasco* é que não, contando comtigo--redarguio Pacheco.

«—Apanhe aquelle pião á unha, sr. doutor! —exclamou o Abbade de Santa Eulalia.

«As duas morgadas riram-se com bastante intelligencia, e José d'Almeida, golfando tres novellos de fumo do pipo do cachimbo turco, regougou

«--Bem bôa! bem bôa! essa vou escrevel-a... E tirou a carteira.

«Alvaro d'Abreu enfiou. As damas fitavam-no de modo que o esporeavam a desforrar-se. O vingativo Abbade torturava-o; e por fim, o sio silencio de todos era um commum vexame: sentia-se mortificada a gente.

«—Vamos dar um passeio na ponte.»

Parecia ficar aqui a scena, mas não ficou, pois que por tal arte se estomagou o Abreu, que mandou desafiar a João Pacheco!

Este acceitou constrangido pelo conhecimento da sua superioridade, mas contentando-se em feril-o ligeiramente

quando podia mandal-o para outro mundo, o bacharel ficou ruminando vingança, realisando-se esta por um assassinio encommendado a sicarios de aluguer!

E aqui temos os *gracejos que matam.*

Mas tudo se paga n'este mundo, porque casando a menina Irene com Alvaro, o cobarde tanto se tornou aborrecido, que a mulher lhe fugiu para a posse de Jaques Semith, janota do Porto, que se enfardelava em vinte e sete fraks e vinte e sete colletes, que ia variando de manhã á noite.

E o bacharel Abreu levou vida airada por essa Europa fóra, vindo a morrer, pobre e abandonado, em Cauterets.

De uma grande intensidade—apenas 95 paginas em que todas estas cousas se referem!—não sobraram ensanchas para *conceituar* ao primoroso escriptor.

Mas ainda assim, temos por onde transcrever.

Comecemos por duas sentenças, que os medicos não pódem contradictar, embora muitas vezes sejam de diagnostico diverso:

«O pulso é o denunciante do coração.»

«O amor é o sangue mais apressado.»

Nem os medicos, nem os poetas!

Era de mau feitio, o tal Alvaro d'Abreu; em todas as rodas em que convivia provocava inimisades, e até fizera mudar de terra o boticario, com quem se inimisara inexoravelmente, desde que elle, por causa de umas eleições municipaes, solemnisadas a arrocho, o doestou, no *Periodico dos Pobres*, de *atheu* e *carbonario*.

E Camillo observa:

> «Ainda havia carbonarios e atheus n'aquelle tempo. Hoje ha mais fé e... petroleo.»

Tinha havido carbonarios em 51; não os havia em 75; tornou agora e havel-os, como é publico e notorio.

E *le monde marche*.... ás reviravoltas!

Mas voltando ao orgão phisiologico do amor:

> «O coração tem crises de embriaguez e sobre-excitações sanguineas que refluem ás bossas craneanas.»

E é assim que elle muitas vezes influe no *espirito*, real ou duvidoso.

Como nota final, registamos que os *Gracejos que Matam* foram dedicados ao dr. Thomaz de Carvalho, lente da Escola Medica, Enfermeiro Mór, Socio da Academia e par do reino, intelligente e sagacissimo mundano, que ainda não encontrou quem lhe tracejasse a individualidade distincta fóra das minudencias communs do seu necrelogio.

Conhecemol-o de perto. Aos oitenta e tantos annos triumphou valente de duas pneumonias, e com a sua suissa branca, sempre muito limpa, entregava-nos por esse tempo, em S. Carlos, de que foi assiduo frequentador até á morte, um soneto de ressaibos classicos para ser publicado anonymamente no *Diario Illustrado*, e dedicado a uma mulher, que segundo nos dizia estava no segredo da publicação.

Bons tempos, e esplendidos typos de homens, em que era exemplar de ver-se o dr. Thomaz de Carvalho!

O Commendador

O entrecho é simples e commovente.

Junto da egreja de Santa Maria de Abbade, no Minho, apparece um engeitadinho mal enroupado, mettido entre as grossas raizes de uma oliveira.

Dá com elle a tia Barnabé Tecedeira, pobre de meios e riquissima do seu coração de bondade.

Cria-o e educa-o por entre mil sacrificios. O engeitado faz-se homem, mas como namore e *desgrace* Maria Ruiva, filha de Silvestre Ruivo, o mais rico lavrador da freguezia, e sobrinha de tres padres, o rapaz foge para o Brazil, pois que lhe negam a rapariga em casamento e o ameaçam de morte.

Mas sorri-lhe a sorte, e Belchior Barnabé, que assim se chama o engeitado, volta riquissimo, e casa com a Maria Ruiva, que o Abbade da freguezia protegera com requintes de bondade santa, em desconto dos seus peccados, que haviam sido muitos contra a disciplina da Egreja e contra o sexto Mandamento.

E o Commendador Belchior fica a gosar a vida n'um palacete edificado no local em que estivera o estabulo, onde o recolhera e criara a tia Barnabé Tecedeira!

O livro foi dedicado a D. Antonio da Costa (de Sousa de Macedo), filho segundo da casa dos Condes de Mesquitella, que publicara, havia pouco, um livro interessante intitulado o *Minho*, repositorio das suas impressões de jornadeador, todas ellas apologeticas e enthusiastiças.

Enthusiasmo em que Camillo desbasta despiedoso, escrevendo no prologo :

> «Mas o que D. Antonio da Costa não teve tempo de ver e apalpar foi o miolo, a medula, as outras cousas romanticas do Minho; quero dizer—os costumes, o viver que por aqui palpita no povoado d'estes arvoredos onde assobia o melro e a philomella trila.
>
> «Ah ! meu amigo ! Romances tecidos de casos candidos e innocentes, apenas os fazem por aqui os passaros em Abril quando urdem e afôfam os seus ninhos. Os restantes dos animaes não oviparos vista-m'os V. Ex.ª no Catarro ou no estabelecimento da famosa senhora D. Cecilia Fernandes, da travessa de Santa Justa, que eu lh'os farei representar ao vivo no proprio coração do Minho—entre Fafião e S. João Kalendario—as scenas contemporaneas da fina *Baixa* e peores.»

Isto posto, e como que a completar o quadro, trasladamos um dos dialogos mais caracteristicos de Camillo, quando a ama do Abbade o apressa para que vá baptisar a criança encontrada pela tia Barnabé :

> «—Salte d'ahi para fóra, seu calaceiro !—E

deu-lhe uma sonora palmada na nadega esquerda! Um rapaz de vinte e sete annos está ahi inteiriçado como um velho! Ufa!

«—Está quieta, Joanna, olha que me fazes vento!

«Ella puchou-lhe pelo pé direito, que excedia o volume de tres pés; e elle, com o outro, despedido á tôa, sacou-lhe do baixo ventre um som tympanico de ôdre cheio.

«—T'arrenego! — bradou ella, recuando de mãos postas na parte molestada.—Você atira? Tem má manha!

«—Cheguei-te?—volveu elle risonho, embiocando-se na felpuda coberta, e encostando-se á almofada de chita, que estofava o espaldar do leito.

«—Que brincadeira!—queixou-se a moçoila arrufada—podia matar-me com o couce, se me dá aqui no coração!...

«E punha a mão no estomago.

«—Isso não é nada, rapariga!... Olha se amuas.

«—Nada, não é!... não que a barriga é minha.

«—Pois tu com este frio de mil diabos, vens-me mecher na roupa, e de mais a mais puxaste-me pelo pé do joannete, que tem a frieira aberta!

«—Então dissesse-o...—tornou ella com semblante ageitado á reconciliação.—Salte d'ahi!... vá baptisar o engeitado; que, se elle morre sem baptismo, verá que ingranzeu se levanta na freguezia. Bem basta o que dizem...

«—Calça-me as meias de lã; mas tem cuidado que se me não despegue o emplasto da frieira.

«E emquanto a moça, com geitosa meiguice, lhe encanudava nas pernas cerdosas as grossas meias, alisando-lh'as ao correr da tibia, resmungava elle:

«—Quem seria a grande bebeda que engeitou a cria?»

Nestes tempos de hoje, o trecho camiliano, serviria de thema a artigo profundo, intitulado— *Os reaccionarios!*

Do faceto passemos ás philosophias tristes, que são apropriadas ás meditações d'aquelles, que já recordam saudosos as cousas acontecidas ha vinte annos:

«Vinte annos! Que são vinte annos?

«Nós, ainda hontem eramos rapazes, ó velhos! Este *hontem* levou vinte annos a resvalar para *hoje*. Que se passou n'esse lapso fugitivo de nossa vida entre a juventude e a velhice? Nada. Temos a nosso lado filhos homens, e netos que ámanhã serão homens; e, todavia, parece que ainda hontem com um raio de sol e com o perfume de uma rosa compunhamos o sorriso da loira mãe d'esses homens, que está hoje velha! Ainda hontem eramos poetas pelo amor, affoitos pela aspiração, valentes pela mocidade! Que grandes cousas devem ter-se passado n'esse instante de vinte annos, em quanto esperavam outras que nunca vieram! A scismar sempre

com o futuro, não o viamos passar; e deixou-se conhecer porque marchava pesado, tardio e triste: era a velhice. Chegou de repente; escureceu-se-nos tudo, como se as alegrias nos fulgissem do seio de um relampago. Esta treva foi instantanea, e gastou vinte annos a condensar-se. Que são vinte annos?»

Uma interrogação a que afinal todos pódem responder; todos quantos tiverem passado as Thermopilas dos quarenta...

Podem fazer a interrogação, sem que possam fabricar o trecho.

O Cego de Landim

Este cego, de que se faz chronica, vinha a ser Antonio José Pinto Monteiro, fallecido aos sessenta annos de edade e trinta de cegueira, e que jaz em mausoleu que uma filha enriquecida no Brazil lhe mandou construir no cemiterio de uma viloria minhota.

Seu pae barbeava em Landim *com ferocidade impune*, menos destro, de certo, que o tradicional confrade de Sevilha:

Calle de Francos,
Numero quindice,
A mano manca!

Pelo contrario:

«A espada de Affonso Henriques e as navalhas d'élle teem tradicções sanguinarias.»

Foi assim o rapaz, como caixeiro, continuar-lhe as tradicções para o Brazil. Parolava politicas, e como n'esse tempo — tempos felizes! — as parolices não eram bem vis-

tas nem bem ouvidas pelo commercio, perdeu o modo de vida e perdeu a luz dos seus olhos, porque n'uma refrega de azedas discussões, um official imperialista tanto lhe amachucou o craneo, que elle nunca mais logrou olhar o sol de Deus.

De febra rija, pediu um violão, e acompanhado de Amaro Faia, ou *Amaro Faiante*, que era da mesma corda, chorou fados e modinhas com a colheita abundante de pratas e cobres.

Depois fez-se falsificador de notas; depois, por dinheiro, denunciante dos socios, e vindo para a terra, ergueu casas e viveu á larga, gostando muito de jantarocas, em que regalava comensaes chupistas.

Foi-se a fortuna, mas arranjou outra, que pelos mesmos processos desbaratou, casando com Joanna Tecla, com 70 annos de sua edade, que maridando-se com elle veio a dar pela quarta vez o santo nó indessoluvel do matrimonio.

A vida accidentada d'este homem de muitas aventuras é contada ou referida com o maximo interesse. Prendem-se os episodios pittorescos com os episodios lacrimantes, sendo da classe dos primeiros este dialogo curioso, quando o Cego faz os primeiros dedos de namoro á viuva casquilha e dengue:

«Passeiavam silenciosos, quando ao longe, no pinhal do Mosteiro, cantou um cuco.

«—Olha o cuquinho a cantar!—disse ella com meiguice.

«—Gosta de ouvir o cuco, sr.ª D. Tecla?—perguntou o Cego.

«—Eu gosto de toda a passarinhada—respon-

deu ella com toda a denguice infantil da Lili de Gœthe.

«—O cuco é passaro de mau agoiro!—tornou elle.—Eu, com mêdo de tal ave, não quiz casar.

«Tecla riu-se descompassadamente, provando que conhecia a linguagem symbolica. E o Cego, nesta aberta de galhofa, beliscou-lhe o braço esquerdo.

«—Ai!—exclamou ella—Isto o que foi?!

«—Não se ria assim das fraquezas do proximo, Joanninha!—respondeu o Cego, dando assim ao beliscão o ar innocente de um gracejo familiar.—Eu não quiz casar nunca porque o meu coração nunca sentiu ao perto nem ao longe a mulher digna d'elle. Cheguei aos cincoenta e dois annos, pode-se dizer, sem sentir a este coração as palpitações que estou agora ouvindo. E' a primeira vez—e estreitava lhe o braço contra o lado esquerdo com umas palpitações tremulas—é a primeira vez que amo; porque é esta a primeira vez que encontro a mulher, a esposa digna da minha ternura. Que me responde, Tecla? não me responde, prenda adorada?—instava elle, sacudindo-lhe a mão com transporte.

«A viuva inclinou a face para o seio, deixou-se apertar com o indolente abandono das suas faculdades sensitivas, esteve impando, como quem suspira a custo, e murmurou:

«—De vagar se vai ao longe, sr. Monteiro!»

E dos episodics tristes?

De tristezas está o mundo cheio, e por isso será melhor trasladarmos mais um episodio que seja alegre.

Vem a ser aquella passagem em que a irmã refere ao Monteiro as coisas desagradaveis que dizem d'elle em Villa Nova de Famalicão e redondezas, no periodo aureo em que elle dava jantares de estrondo.

> «Elle, que na America posera o cauterio á ladroagem, á falsificação das notas e ao adulterio aggravado pelo homicidio, não sabia como amordaçar a maledicencia dos seus conterraneos se não occupando-lhes as linguas no trabalho da deglutição. A cada injuria que lhe chegava aos ouvidos, mandava comprar dois leitões.
>
> «—Mano Antonio, dizem que tu entregaste os ladrões ao chefe da policia—dizia a menina Neves.
>
> «—Dizem?—pois, visto que os não posso entregar a elles, compra-me um perú, e dá-lh'o ámanhã com recheio.
>
> «—Mano Antonio, agora dizem que denunciaste os da moeda falsa.
>
> «—Compra anhos e capões; atasca essas linguas em podim de batata; embola-m'os com almondegas; deita-lhes aziar de ovos em fio; afoga-lhes os escrupulos com vinho de 1815, menina.»

Ahi fica o receituario para situações similhantes, de Antonio José Pinto Monteiro, o *Cego de Landim*.

A Morgada de Romariz

A novella tem litteratura, e formosa, e bella, communicativa, alegre, ensinadora, interessante. Tem dialogo, e vivo, apetitoso, cheio de graça, cheio de interesse.

Mas o *enredo* é pequeno: póde resumir-se na genealogia da fortuna prodiga, que fez de Felizarda Faisca e José Francisco Alvarães *morgados de Romariz,* com a honra de fornecerem a Camillo Castello Branco o titulo curioso para uma *novella do Minho.*

Um rapaz de Villa Nova de Famalicão foi para Lisboa em 1774 a entregar-se ao commercio, e em tão boas horas elle marchou com os seus sócos, as suas aspirações e as suas maneiras dôces, que ellas lhe alcançaram a alcunha de *Joia,* partindo para a outra vida aos sessenta annos de edade, deixando, sem herdeiros forçados, abundatissimo cabedal.

Para a sua companhia chamara um irmão pedreiro, a quem legou tres mil peças de sete mil e quinhentos, ou fossem cincoenta e seis mil cruzados, numeros redondos.

Este irmão do mercador, de nome Bento, regressou ao Minho como se fosse pobre, continuando no antigo mester, como se mister lhe fosse ganhar o pão quotidiano com o suor do seu rosto.

Mal comia, mal se vestia, isolando-se de tudo e de todos, como se a vida lhe tivesse sido ingrata, e precisasse do isolamento para o cultivo das suas tristezas.

Nem para os seus! E foi assim que repelliu um filho, que desertara, o Joaquim Faisca, peiorando-se-lhe a indole, de sua natureza ruim, a ponto de se alistar n'uma quadrilha de salteadores, combinando com os companheiros a melhor fórma de roubar o pae!

Sem resultado, afinal, porque o velho avarento morreu de congestão quando indicava aos ladrões, mas enganando-os, o sitio pedragoso de Vermoim, onde elles suppunham escondido o seu dinheiro.

Ficaram todos desapontados, mas decorridos annos o thesouro foi descoberto por acaso, pelo neto de Bento Pedreiro e filho de Joaquim Faisca, Silvestre de S. Martinho, que d'esta maneira se tornou rico proprietario nos arredores de Barcellos, adquirindo a *Honra de Romariz*, paço senhorial que fôra dote de D. Genebra Trocozende, no seculo XII, a qual Genebra fôra casada com D. Fafes Romariguez, filho de D. Egas, que gerara D. Fuas...

E foi com esta mistura de Fafes, Fuas e Egas que se criou a importancia e imponencia, em meiados do seculo XIX, dos Morgados de Romariz, que o auctor nos apresenta a assistirem no theatro de S. Geraldo, em Braga, á representação do *Santo Antonio*, de Braz Martins.

E nada mais.

Mas vejamos o retrato da Morgada:

> «Era uma senhora de espavento, avermelhada, com as frescuras untuosas e joviaes dos quarenta annos sadios, seios altos e aflantes, pulsos rijos e averdugados pela compressão das pulseiras cravejadas de esmeraldas e rubis».

Retrato que nós apartámos para a galeria camilliana, que não tem, a oleo, secção que se lhe compare no Muzeu das Janellas Verdes, merecendo que n'ella se enfileire tambem a photographia de um amanuense de Barcellos, que pretendia a Felizarda, que afinal veio a cahir em sorte ao Andrães. (1)

Ahi vae:

> «Era um sujeito que perlustrara as regiões da sciencia por toda a extensão do *Manual Encyclopedico* do sr. Emilio Achilles Monteverde. Era auctor de charadas impressas. Só a *Felizarda*, 6. Tinha este moço, José Hypolito de nome, immensa fé na briza, no paul, na junça e no archanjo da poesia de 1840. Era melancholico e magro como um galgo doente. A sua paixão grande, não fallando na falta de dinheiro, era Felizarda. Ganhava trez tostões por dia na escrivaninha da camara, e devoravam-n'o aspira-

(1) Os *typos* de Camillo dariam, para um caricaturista de genio, uma *Galeria* das mais accentuadas originalidades humanas.

ções a ter cavallo e carrinho. Entretanto, andava pelas casas a recitar a poesia de Palmeirim:

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor;

Ou da lua de Londres, o

É noite; o austro saudoso
Rompe a custo o plumbeo ceo.

E chorava, quando os versos tocavam funebres.

Para fim, duas sentenças, ou que melhor nome hajam:

«São muitos os pedreiros felizes, e pouquissimos os grandes do mundo que a inveja dos pequenos não perturbe.»

«O verbo *amar* só é verdadeiramente regular quando o matrimonio o defeca.»

O Filho Natural

O fidalgo de Agilde, Vasco Pereira Marramaque, vigessimo terceiro neto de Gonçalo Mendes, o *Lidador*, entregava-se aos 23 annos, em 1846, a leituras de Arlincourt e Eugenio Sue.

Posto que os nossos tempos de politica caseira fossem por então muito pouco romanticos!

E assim, por suggestões de amores francezes, se completou um romance em Celorico no tempo dos senhores Cabraes.

Namorava em verso, o Marramaque, e como se sahisse com vantagem de um recontro metrico com um collega de Refojos, que em motejos lhe satyrisava a musa, era mais a mim, mais a mim, em materia de femeaço enamorado em sua volta, como borboletas esvoaçando em derredor de pavio acceso.

Uma das avesinhas implumes, que cahiu nas garras do endecassylibo do milhafre, foi a *Thomasinha da Botica*, formosa e querida filha de Macario Affonso, pharmaceutico em Argilde, que tanto se tomou no coração, que morreu a breve trecho da deshonra da rapariga.

Muito pouco tempo durou, porém, a lua de mel de Vasco com Thomasia, porque o fidalgo Marramaque, eleito deputado, casou em Lisboa com uma filha do conde de Cabril, cuidando que saldava as contas com a orphã do boticario doando-lhe umas quintas e deixando-lhe um filho nos braços!

Mas enganou-se. A Thomasia tinha brios, e se apertou contra o seio o filhinho, atirou de si as quintas offerecidas e as joias doadas, esteiando-se no amparo moral do Abbade de Pedraça, que era nobre de sangue e ainda mais fidalgo de sentimentos.

Foi elle o padrinho do filho de Vasco e de Thomasia da Botica, vindo a ser este o *filho natural* de que se trata na novella.

Esse padrinho previdente mandou-o para o Brazil a mourejar a vida, e com tanta sorte embarcou o rapazinho, que se chamava Alvaro Affonso da Granja, que voltou á patria ingrata com grossos cabedaes.

E foi elle por fim que manteve com abundancia a existencia do pae desalmado, que decahira da sua fortuna e das suas prosapias, por se conjugarem os seus desperdicios de politico mundano com as exigencias luxuosas da mulher, muita dada a estadeamentos de *toilettes*.

N'esta novella—aviso ao leitor que saboreia com lagrimas os bons sentimentos—, chora-se com prazer e satisfação—porque ha d'este choro!—, pois que Alvaro e sua irmã *legitima*, Maria da Piedade, são criaturas de tanta belleza moral, que o coração acompanha as suas obras de fazer bem, até que as glandulas lacrimaes se abrem em doce pranto, que se alivia com o contraste dos ridiculos humanos representados pelo poetastro de

Refojos, que por fim venceu o Marramaque nas pugnas eleitoraes, e pelo praticante de boticario, Dionisio, que andava pelo mundo aos tombos, a miude deslombado por effeito dos seus atrevimentos cupidinios!

Comecemos por um trecho em que Camillo ironisa as monomanias fidalgas, quando aliaz elle era dado tambem a essa especialidade de amor proprio:

> «Se eu tivesse de ir ao arrepio, na piugada genealogica d'este sujeito, encontrava-me com o macaco de Darwin. E' familia muito antiga a dos Marramaques—são anteriores á historia e talvez aos macacos. E se me não falha a conta dos avós apurados n'esta linhagem, o diluvio universal está desmentido.»

Passando a um *pae da patria*, que se apresta em seus ensaios oratorios:

> «Parecia andar-se já ensaiando rhetoricamente. Explicava o que eram regeneradores, fallou no heroe de Almoster, desfez nos meritos do sr. Avila e João Elias, sarjou fundamente as carnes dos cabralistas, passeiando e gesticulando com a mão no coz das calça como José Estevam. Thomasia escutava-o, seguia-o com os olhos fascinados n'aquellas energias desconhecidas. Nunca lhe vira mimicas tão violentas, tamanhos assomos de colera politica, olhando ás vezes para um ponto elevado. Thomasia não sabia que elle erguia os olhos para a cadeira da presidencia, e ás vezes para a galeria das senhoras, *in petto*. Era uma

vocação que estoirava de subito, imprevista e fatal. Elle mesmo, a só com a sua transformação, espantava-se de ter tido em sua pessoa uma incubação surda e tanto tempo apathica.»

De quando em vez, Camillo faz erudição, mas apraz-se em a fazer divertida e alegre, como a do seguinte trecho:

«Havia em Roma dois sanctuarios consagrados ao Pudor. Em um dava-se culto ao «pudor das senhoras»; no outro «ao pudor do mulherio» *(pudicitia plebea)*. Não sei qual dos dois pudores era menos envergonhado. Hoje é impossivel extremar duas cousas que não existem; por quanto, tomo os oculos, tomo rapé, e leio em Ovidio, e na Theogonia de Hesiodo, que a Pudicicia, assim que vira lavrar o cancro da corrupção no seio do genero humano, fugiu para o ceo, com sua irmã a Justiça.»

Difficil de extremar, escreveu o auctor; *impossivel,* é que elle devia ter escripto, desde que a civilisação nivellou todas as classes.

Em tudo...

Mas voltando ao tal sujeito, que se espantava de ter em sua pessoa uma incubação oratoria surda e tanto tempo apathica.

Estava elle fallando no parlamento, quando foi assumpto d'este interessante dialogo:

«—Faz favor de me dizer qual d'estes deputados é o Visconde de Agilde?

«—E' aquella besta que além está fallando com outra besta...

«Alvaro não tinha de memoria a classificação zoologica d'aquellas especies parlamentares. Veio, porém, a saber que o Visconde de Agilde era um sujeito de bigode encerado, luneta de um vidro, calvo, de feições duras, trigueiras e descarnadas.

«—Elle pediu a palavra—notou o informador, e continuou:—«Quanto quer o senhor apostar que o Visconde diz tres asneiras em duas palavras?

«—Não aposte porque já ouvi dizer quatro—respondeu Alvaro.

«—Então o senhor, por mais que me digam, é do Porto, e conversa com os janotas do Suisso? Espere, lá vai o javardo grunhir.

«O Visconde, d'esta feita, deixou desairado o critico, que era da opposição. Ora este critico era aquelle poeta de Basto, que projectava romancear o Abbade, e conseguia ser correspondente politico de um jornal portuense.»

O que não impediu que elle assim concluisse o seu juizo:

«—Que burro!—observou o correspondente do *Nacional*, tomando notas—que dois burros é aquelle homem!»

Este final não era mau para fecharmos o capitulo,

mas são de melhor doutrina os pequenos trechos que vão copiados com toda a sua singelesa:

«As angustias mais cerradas deixam sempre uma clareira alumiada por uma réstea de esperança.»

«O amor medra em surdas raivas como as bellas flores nos residuos immundos.»

«O ser fidalgo tem isto de bom: quando a consciencia não obriga, obriga o appellido. O peior é quando não ha appellido nem consciencia.»

Maria Moysés

Dramatisação intensa, em que sobrenada uma d'aquellas almas de mulher, tão santamente bôas, que parecem ser modelo perdido, pois que d'elle se conhecem rarissimos exemplares.

Essa mulher é *Maria Moysés*...

Mas não precipitemos, e summariemos o entrecho.

Antonio de Queiroz, que andava para frade cruzio, mas que mudou de rumo para a militança quando lhe morreu o irmão morgado, *enganou* a Josefa de Santo Aleixo, filha de João da Lage e de Maria do mesmo appellido.

O cadete quer casar-se com a rapariga, mas seu pae, o Morgado de Cimo de Villa, oppõe-se tenaz. Leva-o para Lisboa, arranja-lhe matrimonio de prosapia, mas como o rapaz não desista do seu intento, não está com mais medidas, e mette-o na cadeia!

No entretanto a Josefa está gravida, e Antonio de Queiroz, por intermedio de um amigo, manda-lhe dizer quə fuja para a Temporã, em Ribeira de Pena, onde encontrará abrigo.

Ella, que já dera á luz, foge com a filhinha; mas na fuga, sendo surprehendida, morre; a filhinha vai rio abaixo, e como fosse encontrada entre juncaes por Francisco Bragadas, pescador de chumbeira, foi baptisada com o nome de *Maria Moysés*, em comparação do caso biblico, que o leitor conhece ainda se é... de trinta annos para cima.

Foram suas madrinhas, a pedido do Bragadas, as sr.as D. Maria Tiburcia e D. Filippa, fidalgas do Arco de Bahulhe, vivendo solteiras cincoentonas em companhia de seu irmão Desembargador, Theotonio de Valladares.

Por signal que as duas senhoras chegaram a pensar que se tratava de uma intriga, com pretenção a metterlhes em casa uma bastarda do mano Theotonio, sendo expressa essa desconfiança n'esta phrase picante de D. Maria Filippa para D. Maria Tiburcia:

«Olha que isto é marosca, mana...».

Com reticencias!

Das que assim fallavam, a D. Filippa morreu quando a afilhada, muito mimosa de carinhos, contava 15 annos, dando entrada no convento das Therezinhas de Braga pela protecção do conego João Correia Botelho. Mas tendo herdado da madrinha 5:000 crusados, representados na quinta de Santa Eulalia, na margem direita do Tamega, ali se recolheu mais tarde, fazendo este programma de vida: criar meninos engeitados.

E como o Conego lhe objectasse, posto que santamente, respondeu:

«O meu desejo é dar aos engeitados a caridade que recebi.

«—Mas tencionas procural-os?

«—Isso não; espero que a divina Providencia os leve onde eu estiver.»

Aconteceu o que era de prever: *a caridade de uma mulher era afrodisiaco para a fecundidade das outras.* A casa encheu-se-lhe de crianças, despejando-se-lhe ali os engeitadinhos de Basto e Ribeira de Pena, de todo o Barroso e Cerva, d'aquem e d'alem Tamega, e os cinco mil crusados da madrinha e mais quatro que lhe legara o Conego iam quasi consumidos quando em 1850, trinta e oito annos depois que sahira de Portugal, chegou do Brazil, onde militara, á sua casa de Cimo de Villa o general Antonio de Queiroz e Menezes, pae de Maria Moysés, de quem ignorava a existencia.

Em resumo: o general sabe tudo, e... *tableau* de lagrimas, como o quadro impõe aos que ainda as pódem verter, por sua felicidade, pois que segundo o Evangelho, *felizes são os que choram...*

Mas vamos aos quadros e á doutrina, começando pelas impressões familiares que a morte produz... *no jardim de Portugal:*

«O leitor urbano mal imagina como são estes paes e maridos ruraes quando lhes morrem os filhos ou as mulheres. Os mais lugubres, se estão seis horas de forçado jejum a que os obriga o funeral, de lareira apagada, começam a cahir n'um sentimentalismo de burro com fome. Nunca vi uma lagrima luzir n'estas caras. A estupidez é mais valente que a morte. Se falta a luz que adelgaça e rompe a treva do homem barba-

ro, á mistura com a velhacaria que a civilisação lhe tem dado, o cerebro e o coração são umas empadas de massa inerte, umas substancias granulosas ou fibrosas contidas nos saccos membranosos.

«Não ha nada mais bestial que o homem sem alma que se faz na educação.»

Quadro e doutrina, dissemos; e dissemos bem.

Quadro:

O homem a assimilhar-se ao burro com fome.

Doutrina:

A estupidez a vencer a morte.

Adiante...

Adiante topamos com a observação verdadeira de que o criticismo está na razão directa da ruindade do espirito.

N'estes termos:

«Uma cousa verdadeira, que quasi sempre affirma os maus homens, é a critica mordaz dos costumes. Percebem e farejam os actos mais absconditos da sociedade, como se a sociedade fosse obra d'elles. As pessoas candidas e boas vivem quasi sempre logradas, e andam vendidas n'esta feira de peccados, como o *Serafim* do auto de Gil Vicente.»

Sendo esta observação, phisica e moralmente verdadeira, tirada da pessoa conspicua de um escrivão do Jniz de Paz:

«Mauricio tinha no corpo a nevrose que au-

gmenta o calibre da retina, e lhe espeja imagens atravez os corpos opacos. Racicionou com a logica dos corruptos, que é a arte de pensar bem. Não se póde ser perfeito hoje em dia sem se ser um bocadinho idiota. A esta saudavel ignorancia das miserias do proximo chama o meu Padre Manuel Bernardes *trevas clarissimas*.

E fechemos o relato com dois pensamentos que nos parecem ser do melhor quilate:

«O prazer de dar é muito maior que o de receber».

«A esmola é boa, mas a prodigalidade é má, ainda quando se quer justificar com o titulo usurpado de caridade.»

O Degredado

Trata-se de um homem que primeiro se chamou *João do Couto*, almocreve trasmontano, possuidor de uma récua de quarenta machos muito aguizalhados, e que aos setenta e sete annos falleceu no Porto chamando-se *João Evangelista Villa Real*, enfardado de vermelho na sua qualidade de moço fidalgo, e ornamentando o seu nobre peito com o habito da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Na qualidade de *João do Couto* pandegara em Traz-os-Montes e Alemtejo; rendera, fazendo-se valer principalmente pelo primor com que manejava o carvalho cerquinho de choupa contundente e perfurante, mulherio em barda; assassinara á tôa, sem escrupulo, a proposito de disputas insignificantes, e sendo mandado para a Africa, ali se matrimoniou com a rica viuvu do cirurgião Manuel Baptista, que elle em tempo namoriscara com famelicas intenções em Borbelinho, suburbios de Villa Real.

Chamava-se Rosa, a mulher que fôra o seu ideal e se tornara a sua realidade; mas, como ella lhe morresse,

e elle, em perigo de morte, fizesse voto de casar *com a primeira mulher perdida que encontrasse, assim que pozesse pé no chão da patria*, desobrigou-se da jura, dando mão de esposo a *Clemencia* e mais nada, que encontrou a frigir peixe á porta de uma locanda na Ribeira Velha, *da sempre nobre e fiel cidade de Lisboa*, embora lhe fosse asseverado que ella era doida como cabras. Boa cosinheira, isso sim; isso era a Clemencia, mas estava sempre de tacha arreganhada para quem lhe dirigia graçolas, deixando esturrar os tachos, e andando ao tempo com a telha de casar com um anspeçada de artilheria...

Mas como voltou o degredado ao continente?

Voltou indultado, pela sangoeira abundante que fizera em pretos rebeldes de Inhambane e Lourenço Marques, sendo tão bem acceite por governadores e ministros, que ao depois se lhe passou carta de Barão em 1861, registada no Livro IX, folha 42 V, como se póde ver do traslado que d'elle fez o Visconde de Sanches Baena no seu Archivo.

E é por todas estas cousas do mundo, que Camillo dedica a monographia romantica aos *senhores fidalgos da Casa Real e cavalleiros professos na Ordem de Christo* n'estes termos expressos da sua muita admiração:

> «Offereço a Vossas Excellencias esta bioagraphia de um seu confrade. Vão as suas pessoas, senhores fidalgos e cavalleiros professos, ufanar-se do irmão d'armas que tiveram na sua cavallaria. Deus Guarde a Vossas Excellencias para confusão de Bonança, de Latino Coelho, de Oliveira Marreca e de outras cabeças da hydra.

«De S. Miguel de Seide, aos 20 de Novembro de 1876.»

Menos de uma duzia de linhas, pezando mais, pelo miolo, que um livro de critica enlabyrinthada em maravalhas de theses e processos!

De resto é recheiado d'este espirito todo o *Degredado*, por entre noticia de muitas mortes a tiro e a facada.

Até o *Diario de Noticias* foi alvejado:

«Se houver lacunas e imperfeições n'este livro, serão prehenchidas e sanadas pelos annuncios eroticos e fesceninos dos jornaes medianeiros nas cousas mais secretas e delicadas do peito humano: completa madureza da civilisação pela imprensa. Se o *Diario de Noticias* me consente a presumpção, affoito-me a vaticinar que na podridão do fidalgo de ruim casta ha de tresandar mais a ethnographia do seculo XIX que no alcayotismo dos amorios estampados e atirados nas azas dos qatro ventos a milhares de leitores (Tiragem 25:500 exemplares).

«Estudiosos que patinham no marnel dos meus commendadores, hão de ser em maior numero, se me não engano, que os curiosos em descobrir quem foi a senhora do annuncio—*chapeu verde, luneta de tartaruga*—a qual bem póde acontecer que fosse uma tartaruga de luneta.»

E os poetas tambem apanharam, para que ficassem de companhia com o sympathico jornal, que n'aquella época costumava ser assumpto das suas satyras:

«Poeta que hoje em dia, com os seus cantares, apanhe emprego com a cotação de 400$000 réis afora emolumentos, corresponde ao grego Simonides que, em concursos poeticos, ganhou 56 bois! Um hymno grego rendia uma manada de rezes, pesando pouco mais ou menos 32:000 kilogrammas; hoje, e aqui no paiz da madre-silva e da larangeira, não ha quem abra concurso de sonetos a meio biffe.»

Segue o livrinho quasi todo assim n'esta toada, e tanto que, pesquisando-o com muito cuidado, apenas apurámos este conceito:

«A felicidade tem generosidades quasi absurdas.»

Por isso muitos exploram a felicidade de alguns, que se não lembram que essa senhora é muito dada a retouçamentos de caprichos, e que de improviso se transmuda em desdita, para não fugir ao sexo!

A Viuva do enforcado

E' dividido em tres partes este romance; porque é um verdadeiro romance intercallado entre a colleção de novellas.

E bem diversas são essas partes, porque correspondem a phases distinctas da vida accidentada da Theresinha Pereira, filha do curtidor Joaquim Pereira, que da rua das Donas da antiga cidade de Guimarães abalou para Hespanha nas azas pandas do amor com o ourives Guilherme Nogueira, que burilava a primor, e que, se não fazia versos, era porque a poesia, que lhe repletava o espirito, nem sequer em alexandrinos se podia despejar á vontade.

Mas não foi só a attracção de Thereza pela melancholia sympathica de Guilherme que a levou a abandonar pae e mãe: foi tambem o mêdo de a matrimoniarem com o tio Manuel, pessoa rica do Porto, com sessenta mil cruzados de fortuna, e outros tantos numeros, pouco mais, pouco menos, de sua edade.

O Pereira foi-lhes no encalço, representado por aguazis, mas não lhes poz as mãos, porque casando *pro for-*

ma em Roufa, por influencia do conego Norberto, tio de Guilherme, d'ali se passaram a Zarza, onde este tinha outro tio, que os recebeu de braços abertos e lhes legou boa fortuna.

Eram felizes em Hespanha, quando o pobre rapaz, ourives e poeta, morreu thisico, deixando no mundo a estremecida esposa, moça e linda, com muita vida, e com as suggestões perigosas da exhuberancia d'essa seiva da mocidade.

Mas.. ahi vai uma anachreontica caseira:

Copinho sobre copinho
Dizem os doidos por vinho;
Mas inda ha cousa melhor:
Um amor sobre outro amor.

Esse segundo amor appareceu-lhe na pessoa esbelta de Antonio Maria da Neves Carneiro, emigrado em Hespanha por ter sido um dos desnaturados *divodignos*, que em 1828 fizeram matança em cathedraticos legitimistas de Coimbra, na historica embuscada do Cartaxinho.

Casaram; mas como Neves Carneiro abandonasse por Thereza a Ignez, que se morreu de paixão, e esta fosse filha do faccinoroso alcaide Roja de Valderas, elle por vingança denunciou o moço portuguez, que veio a morrer na forca depois de muitas peripecias dramaticas, que prendem pela phantasia e pela fórma litteraria em que se enquadram.

Mas o romance não acaba pela scena do enforcamento. Não; porque a formosa Thereza volta a Zarza, e procura apunhalar a Rojas de Valderas. O punhal, porém, fraca impulsão encontra nas suas mãos franzininas, e o

alcaide, adoçando a sua natureza de féra, contenta-se em mostrar-lhe, nas cartas de Neves Carneiro a sua filha, que esta, sobre ser abandonada, tinha levado para a sepultura o segredo da sua deshonra.

Então a pobresinha abala estarrecida para Guimarães, onde vive ainda por largos annos, destribuindo o tempo entre orações e esmolas aos pobresinhos.

A *Viuva do Enforcado* avantaja-se a todas as peças da colleção em lances pungentes e scenas de alegria, sendo farta messe para forrageamento de citações.

Comecemos, pois, a fazel-as. A belleza de Therezinha impressiona de improviso o ourives, que veio a ser o seu primeiro marido. Mas elle fica calmo, fugindo ao principio geral.

> «Por via de regra os olhos baixam-se e as faces tingem-se. *Ha sempre congestões n'estas cousas.*»

Assim, o prologo do amor é quasi sempre uma congestão! Sendo assim, muitas vezes, quando esse amor *abre os olhos*, já se não póde desalojar sem outras imperfeições.

Veja-se:

> «Não é o estylo das meninas que extravia as almas sinceras. Um coração em flor compraz-se nos delictos grammaticaes da mulher adorada. Os homens que se encantam com rhetoricas, e preferem uma engenhosa metaphora a uma ingenua tolice, são os que teem verdete no coração, em resultado das oxidações, das ferrugens

que lá se formaram pelas lagrimas das primeiras paixões.»

Comprazer-se, achamos de mais, embora seja bella esta quadra de Gonçalves Crespo:

Tem cinco letras sómente
O teu nome de Maria.
São mais lindos que as estrellas
Teus erros de orthographia.

Os nossos visinhos não são poupados pelo humorismo de Camillo, embora haja mais espirito que verdade n'esta passagem cheia de graça:

«Em Hespanha as mãos tingidas de sangue de homem ou de touro nunca horrorisaram ninguem. Ali o sangue humano e o chocolate são dois artigos nacionaes. O matar é um idiotismo na moral hespanhola, assim como na grammatica de cada lingua ha umas aberrações a que chamam tambem idiotismos.»

O chocolate, coitado, ou coitadinha da Hespanha, é que hoje se reduz a ser *nacional* apenas pelo commercio!

O que se acceita incondicionalmente, á parte feminismos ridiculos, é esta observação feita em honra do sentimento feminino:

«A mulher, quando ama, tem heroismos e abnegações de que o homem—o ser mais egoista do reino animal—é incapaz.»

Passemos agora ao entranhado amor pelo rincão natal.

Quem o não tem ?! Quem o não sente ?! Quem é que, ruim do seu natural, não tem por elle vertido lagrimas quentes de uma saudade funda ?!

E' tal e qual como descreve o auctor :

> «Os sitios visitados depois de muitos annos de ausencia, revivem recordações, figuras, existencias e vozes que por ahi vimos e ouvimos quando os deixámos.»

Podiamos ainda fazer muitas transcripções, mas queremos fechar por uma, que mostra o poder enorme de elasticidade da prosa de Camillo, quando aborda os quadros mais realistas, não os aplebeando *á franceza*.

Vejam, por exemplo, o que elle nos diz das inconveniencias do pae da Theresinha, quando andava em busca da filha que fugira :

> «Aqui Joaquim Pereira soltou uma exclamação que se não pode tirar do tinteiro, por ser portugueza de mais, e ter passado a obsoleta, depois de haver sido o cognome illustre de uma familia heraldica. As boas palavras correm os seus fados, como dos bons livros, dizia Marcial.»

O demonio do ouro

Este romance em dois volumes, muito complicado de mechanica, como eram quasi todos os que o auctor destinava ao folhetim—quando ainda em Portugal se publicavam romances portuguezes nos jornaes—, sustenta uma these original, e, por ventura, excentrica e inadmissivel para muitos.

E vem a ser que o ouro, em vez de felicidades, acarreta desgraças e infortunios.

E' contra a observação; é contra as praticas, e é mesmo contra a opinião dos poetas, na escala que entre nós vem muito autorisadamente, no decorrer dos tempos, de Bocage a João de Deus.

O primeiro disse d'elle:

Gero vicios e virtudes!

E o segundo:

Tem tanta graça o maldito!

Mas comprehende-se: o auctor apenas deu foros de

regra geral a uma excepção; ou por outra, assentou a consequencia da acção dos personagens que elle movimentou, a seu alvedrio, pela força do phantasia.

E' romance do meiado do seculo XVIII, quando Portugal começava a levantar-se para um renascimento economico—pois que moral, litterario e scientifico nunca elle se definiu *nacionalmente* n'esse periodo—por mais que se encommendassem reformas e ellas se traduzissem em muita legislação.

O romance, obra prima na feitura litteraria, vai de um mestre escola em Povoa de Lanhoso aos centros commerciaes dos mais ricos negociantes de Londres.

João Verissimo se chama o mestre escola, coração todo feito de bondade santa, que para casar-se com uma rapariga bonita abandonara o estudo dos seminarios, ganhando o pão nosso de cada dia, o pão de rala dos pobres, com a leccionação de meninos.

Ahi lhe vai ter Manuel, creança abandonada, filho de Carlota das Courellas, que morrera ethica, e do Padre Bento da Mó, que a despresara.

Perfilhou-o de facto José Verissimo, ensinando-lhe tudo quanto sabia, e o rapaz tanto se lhe tornou grato, que o ficou substituindo, ganhando o magro sustento da familia, quando elle cegou aos 33 annos de edade.

Era um lar abençoado dentro da propria miseria, em que Manuel amava a Eulalia, filha do mestre, com aquella adoração dos que se dedicam sem reservas!

Mas o rapaz não podia nem devia ficar por ali. Impeliu-o o mestre a que fosse procurar vida pelo commercio, encontrando-a no Porto, e em taes condições em casa do inglez John Bearsley, que ao fim de tres mezes

se habilitava a soccorrer a familia que lhe dera abrigo e protecção.

A narrativa dos pormenores, em que se traduz a gratidão do mocinho, é tão commovente, tão bem escripta, tanto do natural nos dominios da bondade, que muitos olhos, que a lerem, devem verter as lagrimas abençoadas que sobem a esses olhos das nascentes limpidas do coração!

Do Porto segue Manuel para Londres, como empregado estimadissimo da mesma firma; mas indo despedir-se á Povoa, ali sabe, por acaso, que é filho do Padre Bento, ficando a chorar saudades da pobre mãe, que mal conhecera, mas de quem previu as desgraças da pobre vida.

Uma vez em Londres, o portuguesito affeiçoou-se ao guarda livros da casa, Fowler, que levava vida faustosa, descondizente com as costumadas austeridades da vida do seu mester.

Era John Fowler, como vem a dizer Camillo, dado a bandarrices e a flaino aparavilhado!

Amava bailarinas e actrizes, e ao mesmo tempo exercitava o officio em calculos sobre o seu futuro, lançando os olhos cubiçosos a Anna Bearsley, herdeira de tres milhões, requestada de lords e promettida esposa de um filho do Conde de Chetersfield.

Mas este casamento desfaz-se, por effeito de uma porfia de pundonores, á ingleza, entre a soberba commercial e o orgulho fidalgo; desfaz-se, para depois chegar até ao matrimonio, quando as mutuas dedicações apagaram os ressentimentos d'esse orgulho e d'essa soberba.

Mas Johns Fowler é despedido da casa Berasley, e

attribuindo injustificadamente o despedimento a Manuel Vieira, assalaria a quem o mate; na aggressão porém é morto um outro homem por engano.

Então Fowler, para dar mantimento á sua insaciabilidade de gosar, mette-se a falsificador, sendo victima a honrada firma dos seus antigos protectores, que pelo meio traiçoeiro seria reduzida á ruina completa, se não fosse o trabalho e a dedicação d'aquelle pobresinho que João Verissimo recolhera na Povoa, porque elle se multiplica para que a casa Bearsley não sossobre no recontro de tantas tempestades imprevistas.

Assim Fowler, de aventura em aventura, transfigurando-se, mudando de cara, mudando de nome e mudando de mulheres, representando sem escrupulos todos os papeis que as circumstancias lhe impõem, anda pelas Americas, até que dá fundo em Lisboa, onde por fim recorre ao suicidio como sendo a morte menos affrontosa que o ameaçava.

Como notámos desde logo, este romance de Camillo é complicadissimo na sua technica. Nem um romance de fancaria, do moderno mercantilismo litterario da França, multiplica tanto as situações; e é assim que em um dos episodios imprevistos, o Conde de Chertersfield aprehende na America uma grande parte da fortuna Bearsley, que Fowler tinha em seu poder, conseguindo leval-a a porto de salvamento, quando apenas vivia um representante d'essa casa e sua sobrinha Anna, que ruminava á ingleza o seu tranquillo amor pelo Conde, que por sua parte ruminava um amor egual.

E' n'estas alturas que Manuel Vieira vem a Portugal, casa com Eulalia, salva da miseria, reconhecendo-o, a seu pae o Padre Bento da Mó, quando este chegara ás

ultimas degradações; e tanto poude sobre o seu animo a dignidade d'este filho de eleição, que o tonsurado rufião se recolhe ao convento do Bouro, onde morre com fumos de santidade!

Milagres da bondade—da formosa e rara bondade, que quando a fortuna consente que ella se exercite e prodigalise, produz d'estes miiagres e outros similhantes e dessimilhantes.

Regressa Manuel Vieira a Londres; João Verissimo recupera, por uma operação, a vista que perdera aos 33 annos de edade; Anna de Bearsley enviuva, mas Manuel Vieira, que entre tantas cousas boas, productos da sua acção, devia sentir-se feliz, como se sentia abençoado, começou a entristecer, a entristecer, *sem que tivesse uma dor, sequer um leve achaque, por onde se désse a si a razão do que secretamente lhe ia na alma.*

Assim fecha o 1.º volume do romance *O Demonio do Ouro.*

A acção do 2.º começa em 1798, ou sejam vinte e cinco annos depois de João Verissimo ter recolhido o engeitadinho, que se tornara o anjo tutelar de muita gente boa e má.

Morrem Roberto Bearsley, João Verissimo e Luiza, sua mulher, Manuel Vieira e Anna de Bearsley.

Em vinte e oito annos o mundo dá mil voltas, e, correspondentemente, o auctor quiz dar outras tantas á vida da sua obra, sendo interessante o capitulo em que elle descreve o muito que soffre um auctor quando dá a morte aos personagens a que dera a existencia:

«Contrista-nos este ir ceifando umas criações que nos avultam fórma e espiritualidade huma-

nas, quer as traslademos da realidade, quer as realisassemos na imaginativa, porque viveram no nosso lar, scismaram comnosco nas solidões da montanha, e as vimos em nossas insomnias, soffrer e gosar.»

E segue n'este teôr, parecendo-nos que nenhum outro romancista fez assim o necrologio das suas *marionettes*.

Manuel Vieira morrera aos 51 annos; a esposa amantisima sobrevivera-lhe dois mezes, e como não tinham filhos, e haviam herdado a fortuna, que avultara, dos Bearsley extinctos, o espolio foi repartido pelos parentes—ou fossem 1:200 contos de réis chovidos, como maná, entre gente pobre do Minho.

E ahi começa o *Demonio do Ouro* a fazer das suas!

A destribuição foi feita pelos pobres, pelos filhos bastardos do Padre da Mó, pelos primos por parte de sua mãe, a Carlota das Courellas, pelos sobrinhos de João Verissimo, e por todos quantos haviam sido bons com o pobresinho do Manuel.

Afóra o melhor de cincoenta contos que foram jarrateados...

Releve-nos o leitor a singelesa d'este relato, que tanto vai feito chãmente, sem refolhos e tafularias de descriptivo, escusando recordar a traça simples que nos imposemos na contestura d'este trabalho, que é, principalmente, de vulgarisação.

Começa o *Demonio do Ouro*...

«Duas especialidades de luxo, de algum modo ridiculas, se manifestaram n'aquelle gentio de oito

centas pessoas, apostadas a dissiparem algumas centenas de contos: uma era que todo o herdeiro comprou seu garrano; a outra era regular cada qual o seu tempo por dois relogios, á feição dos incriveis do Directorio em França. Em dia de romagem, de cada freguezia regorgitava uma caravana de romeiros, cavalgados em garranos, gritando á desgarrada: «Viva Londres!», e, á porta de alguma taberna, se algum ebrio bastante cynico bebia á saude de Manuel Vieira, a chusma gargalhava, babujando com a espuma do vinho uns chascos villanazes, como elles esvurmam d'esta ralé do Minho, a mais bestial raça que estanceia na Europa.»

No romance integram-se novellas, formando, aliaz, a maxima unidade.

Abastardam-se descendentes de capitães e sargentos mores, e sublimam-se, em virtudes christans, os que souberam e poderam restringir-se na modestia da sua vida.

Um official do exercito falta a juramentos de amor, abandonando um filho, que depois de se perverter nos *boulevards* de Paris, se transforma em ladrão minhoto, morrendo na forca.

Uma fidalga falseia a amisade, roubando o noivo á sua amiga intima, que tendo sangue de gitana, e orgulhos de raça estranha a esse sangue, se vinga em lances de tragedia.

Ha ladrões que pagam as malfeitorias á ponta de punhal.

Ha servas dedicadas, até aos ultimos extremos do

affecto, e ha Desembargadores estroinas que morrem cosidos a facadas pelos enteados.

Ha de tudo, e sempre em prova do thema de que o *ouro vindo de Londres,* os 1:200 contos de Manuel Vieira, *em vez de produzirem o bem, sómente d'elles resultou o mal.*

E ainda muito mais, que os leitores podem ver no romance; mas importa que façamos o apuro do que mais se salienta no livro.

Luiza, a filha da tecedeira do Geraz e esposa de João Verissimo, objecta-lhe á caridade, impossivel de exercitar por quem ganha seis vintens por dia, e elle responde-lhe d'esta fórma, que não destôa, na primeira parte, da doutrina dos Evangelhos:

> «Ah! Luiza! tomara-te eu menos ambiciosa, e serias mais feliz... Muito pobre imaginas tu que é Deus! Dizes todos os dias:—«Creio em Deus Padre, creador do ceu e da terra», e receias que o Pae, auctor de todas as riquezas que contém o ceu e a terra, não tenha para esta creança um caldo e uma enxerga...
>
> «—Elle terá... eu é que não, replicou rebeldemente a mulher, que era o typo commum das christans das nossas aldeias, as quaes se destampam ás vezes em remoques demonstrativos de que a ironia com as cousas divinas tambem se encontra nos espiritos broncos por onde não passou o suão ardente da duvida.»

O christianismo estreme a par do philosofismo de

Camillo, que deu para dissertações do sr. conego Senna Freitas!

Mas o Evangelho tambem se exercita com impostura, e assim dada a esmola, e assim recebida, não é decerto escripturada no ceo, nos termos do conhecido verso de Victor Hugo:

> «O pão dado sem caridade traz peçonha que precisa ser diluido em lagrimas.»

Porque a boa doutrina é esta, sempre exposta pelo bondosissimo mestre eschola da Povoa, menos erudito que os seus collegas do nosso tempo muito illustrados em doutrinas, mas ainda mais em gravuras:

> «Quem quizer ter a mão de Deus sempre ao alcance das lagrimas, e o balsamo divino sempre ao pé da dôr que não se merece, hade interpor entre si e a Providencia algum d'aquelles que Jesus chamava para o seu lado. A caridade é a felicidade dos que dão e dos que recebem...»

Variando, ahi vai um thema sobre que podiam dissertar, em commum, psychologos e physiologistas:

> «Envelhece facilmente o corpo fraco onde se debate uma alma poderosa. A vida é um equilibrio de dois factores que não vivem á custa um do outro.»

Variando ainda mais, apparece a nota, que se encon-

tra muitas vezes no auctor, do seu desdem de orgulho fidalgo, porque o tinha Camillo, a proposito das fidalguias improvisadas, que aliaz foram de todas as épocas da nossa historia, embora a materia prima fosse diversa:

> «*Solarengo* antigo vinha de *solar*; o moderno vem de *sola*: entre as duas derivações está o Progresso.»

Vejam agora o seu conhecimento, que é sempre profundo, do coração das mulheres:

> «A mulher educada e esclarecida pela inspiração de agradar, conhece de instincto as desharmonias estheticas, de onde lhe resulta desvairar-se aos olhos melindrosos e intolerantes do homem que ama. Um successo, digno de compaixão, e até demonstrativo de amor, degenera em dissabor de menos preço quando é irrisorio ou vexativo.»

Mas na mulher nem tudo póde ser convenientemente analysado.

Por exemplo:

> «Lagrimas porquê? O chorar tem mysterios reconditos em parte do coração onde não chega a sonda; e, ás vezes, succede cuidar a gente que a sonda toca em fibra generosa, e, ao extrahil-a, dá fé de que tocou em lôdo.»

Podiamos continuar nas excavações, apartando mais curiosidades de estylo e conceito.

Mas os livros de Camillo são muitos, e a quantos podermos havemos de passar revista.

Delictos da Mocidade

No estudo previo d'este trabalho de bibliographia camiliana prevenimos nós que nos não propunhamos a seguir a ordem chronologica da faina litteraria do grande escriptor.

E com effeito, se por ventura a seguissemos, pelos *Delictos da Mocidade, como livro*, deviamos principiar, pois que n'elle se encerram as suas primicias litterarias, de quando elle começava, mas já com *talento*, mas já com a insinuação da sua individualidade, a ensaiar os seus primeiros vôos, que tão alto haviam de erguel-o.

Foi em Agosto de 1889, quando já entrava nas vesperas do triste dia da sua morte, pois que o martyrio durou annos; foi em 1889, iamos dizendo, que o editor Costa Santos se lembrou de colligir em volume a obra esparsa de Camillo, que aliaz ainda ficou muito longe de concluir-se.

O escriptor oppoz resistencia, *não porque se envergonhasse de ter sido rapaz ignorante*, mas porque, a dar-se elle proprio a esse trabalho, *teria de confranger dolorosamente o coração, para lhe arrancar lagrimas e cho-*

ral-as sobre essas paginas, que eram em grande parte a historia da sua mocidade. Mas accedeu, por fim, ás instancias de Freitas Fortuna, que era seu intimo, e que recolheu no seu jazigo, onde permanece, o cadaver de Camillo; e assim foi elle que annotou os escriptos reproduzidos, commentando-os embrulhadamente, sem a necessaria clareza para elles se comprehenderem nas suas origens e no seu merecimento litterario, embora esse trabalho encerre uma critica documentada sobre o espirito religioso do auctor, acintosamente discutido por alguns, mais dados a convencionalismos do que elle foi!

Sob o titulo *Delictos da Mocidade*—que decerto foi escolhido por Camillo, quasi sempre feliz nos titulos, inscrevem-se:

—*Os pundonores desaggravados.*

—*O juizo final e o sonho do inferno.*

—*Communicado.*

—*Principios para uma consequencia.*

—*Algumas flores para um triumpho.*

—*Versos offerecidos a Julio de Carvalhal e Pimentel.*

—*Um dia depois de Val Passos.*

Vamos por partes:

Os pundonores desaggravados, que na serie das locubrações esparsas representa a terceira que produziu (1), é uma especie de satyra em verso decassylabo sem rima, a proposito de um duelo de rapazes, que resultou em troça.

---

(1) A primeira producção é marcada por uma *Ode* publicada no prefacio do *Anoitecer da Vida*; a segunda por um epitaphio que o citado Freitas Fortuna inseriu no livro intiulado *Horas de Luta*.

Não esperam, decerto, os leitores que os *Pundonores* sejam uma obra de valia. Nunca Camillo foi poeta como foi romancista, critico, jornalista, historiador e até comediographo. Mas a nota da ironia, que lhe foi tão individual, já ali se manifesta, mostrando as garras.

Vejam, quando apresenta um dos contendores acompanhado de cortejo:

> Não julgue timidez o loquaz povo
> Ao vel-o acompanhado de tal gente!
> Este homem, que tu vês, nunca foi fraco,
> Tem doce coração, tem alma pura.
> Da Prudencia sequaz, tentar não ousa
> Roubar á sociedade um digno membro.
> A vida tem amor, por si se julga,
> Não ousa usurpar potencia a Deus.

O Juizo Final e o Sonho do Inferno é classificado de *poema em tres cantos.*

E' de 1884, e Camillo nascera em 1826.

O que representa, significa e traduz o... poema?

Será elle que o diga: *o desejo de dizer mal de todas as classes sociaes que lhe não mereciam sympathia.*

E para as cantar, faz esta invocação pela fórma por que Camões pedia ás Tagides que lhe dessem *um som alto e sublimado:*

> Monarchas que habitaes altivo solio;
> Pastores que habitaes choupana humilde;
> Tu, rico, que dinheiro ás razas medes,
> Ou sejas avarento ou sejas prodigo;
> Pobres que mendigaes parco alimento;
> Mancebos que seguis do instincto a pista;
> Caduco que imitaes mancebo ardente,
> Se em vós razão existe, ouvi meus cantos.

O *Communicado* accusa José Cabral, governador civil de Villa Real, de o mandar espancar pelo *crime* «de lhe não tirar o chapeu tendo-o visto á sua janella.»

O Cabral ressentira-se de umas correspondencias publicadas no *Nacional*, mas a ridicula prepotencia foi verberada, lendo-se na desaffronta este periodo doutrinal, que vale mais que os periodos congeneres d'este nosso tempo, em que a respectiva litteratura politica affirma ter alcançado grandes progressos:

> «Póde ser despota o mendigo, porque o é o salteador; póde sel-o o pastor entre os seus companheiros, porque o é o irmão entre os seus irmãos; mas o mandatario do poder—o agente da auctoridade, quando o seja, é tres vezes terrivel, infesto e contagioso na sociedade.»

Muito superior aos periodos de genero, recheiados de *caciques*, do nosso tempo.

Note-se que o *Communicado* tinha esta epigraphe, tirada de *Romanciales*, que tem sido muito applicada a casos similhaute:

> «Quando a minha vida está á disposição de um agente do poder, como posso eu considerar-me livre?»

O pamphleto—deve chamar-se-lhe assim—intitulado *Principios para uma consequencia*, que é como quem diz *permissas para uma conclusão*, foi publicado em serie de artigos, seis ao todo, nas columnas do *Nacional*.

Representa uma generalidade critica emoldurada em uma generalidade historica.

Generalisava-se muito por esse tempo, no periodo de quarenta no seculo XIX. Generalisava-se muito lá fóra, e em Portugal generalisava-se muitas vezes na impren. sa pelo facto das concretisações se tornarem perigosas.

Por exemplo, Guizot generalisando nas suas admiraveis lições, *dava a sua palavra de honra* de que averiguara os factos de que tirara as conclusões; mas Camillo n'esta sua producção politica dos vinte annos insubmissos, se porventura désse essa palavra, juraria por vezes em vão, pelo facto de ser mais inductivo do que deductivo nas suas affirmativas de facto e doutrina.

Mas qual é a *consequencia dos principios* que estabelece?

Em termos precisos: é uma apostrophe á Inglaterra, culpando-a de instrumento das nossas desgraças. Com este vaticinio, que oxalá não tenha um dia, no caminho que levam os acontecimentos, a sua realidade total, pois que uma parte já teve essa realidade, escrevia Camillo:

> «De que vos serve, pois, baratos calculadores de politica, dar o nome ás cousas do futuro?
>
> «Como podereis determinar forças plasticas, destruir o choque das nações, e condemnar um proscripto á perpetua proscripção, e um reinante á eterna conservação do seu reinado?
>
> «Quem conhece de quanta expansão é susceptivel uma potencia barbara—Inglaterra, por exemplo—não carece de dar tratos á philosophia e á conjectura para lhe reconhecer o juiz terri-

vel, que póde exercer sobre uma nação rota e mendiga—Portugal, por exemplo.»

Mas, sem fazermos commentarios ao assumpto escabroso, diremos que este trabalho de Camillo deve ser avaliado mais pelo que revela do que pelo que representa, levando-nos a concluir que se elle proseguisse no caminho encetado de publicista, teria sido o primeiro de todos, o que aliaz lhe não seria difficil, porque se temos produzido criticos e jornalistas em barda, os publicistas teem sido raros, no mais largo, nobre e consciente significado do termo.

E' bastante declamatorio o pamphleto, como de ordinario assim eram ao tempo as producções similares.

Esta transcripção dará prova, cremos, da justesa do nosso juizo:

«A herculea Albion—a nova Carthago, não se peja de abrir ao mundo o grande livro, que lhe herdou o genio das producções que carecem nome em linguagem dos homens. Não queremos, portanto, ser acoimados por palavrear de octiva: hêmos ver essas paginas, que marcam a crise porque vai correndo a barbaridade, e que devem expirar e desapparecer da terra logo que os homens emanciparem a civilisação que grangeiam a despeito dos tyrannos.»

Era bastante declamatorio, mas no seguimento do escripto, Camilo começa em boa linguagem portugueza a assentar a penna de escriptor, na evolução que lhe deu azas para chegar aos maiores esplendores. O que não

obsta a que o seu panygerista seja em demasia exagerado, quando diz que elle nos *Principios para uma consequencia*, a par de disputar primasias com Mommssens, Grotins e Gervinus, enthesourava selecções de fórma como as producções classissimas dos Sousas e Bernardes.

Não, porque a critica é falha de claresa, e a fórma é rebuscada, quando elle ao depois a possuiu tão espontanea como precisa e eloquente!

O *Sentimento* vem a ser a *noticia*, como hoje não escrevem *noticias* os *reporters*, de um desastre acontecido no Porto da Gorça, no Douro, em que pereceram afogados muitas pessoas, dando pretexto para uma nota politica contra os governos, que entretendo-se com cousas de pequena monta, não garantiam n'aquelle rio as condições d'elle ser navegado sem perigos de maior.

Uma noite no cemiterio não tem a menor valia como obra litteraria. Como documento do seu espirito é para ser estudado por alguns especialistas para que Fialho d'Almeida delineou programma.

Camillo tinha um intimo dos seus desoito annos. Era o sargento José Antonio de Mello e Niza, que figura no romance do Abbade de Torgueda, em que se trata da revolução do Minho.

Foi morto n'um recontro com as forças do Barão de Castro Daire, e parece que se metteu ás balas para acabar com a vida que, por amor, lhe era de enorme carga.

Camillo, pranteando-o muito, foi passar uma noite junto do seu coval.

Havia assim amigos ha tres quartos de seculo!

Algumas flores para um triumpho e *Um dia depois de Val de Passos* representam, apenas, objurgatorias de

jornalista liberal contra o despotismo dos Cabraes— despotismo que vai sendo muito desbastado pela critica historica, com a imparcialidade que permitte a apreciação á distancia da vida dos homens com todo o ardente enthusiasmo das suas paixões, que ainda n'esse tempo revestiam um caracter de sympathica e communicativa sinceridade.

De permeio inserem-se uns versos dedicados á memoria de Julio do Carvalhal Sarmento e Pimentel.

Mais se não contém no livro, que promettia ser seguido de outros, com mais *detictos da mocidade*, mas que não chegaram a collecionar-se.

Mas devem collecionar-se ainda, recolhendo de jornaes, de revistas, da epistolographia, de toda a sua producção, em summa, tudo quanto fôr possivel recolher, de grande ou de pequena valia litteraria, porque é necessario que a individualidade de Camillo Castello Branco, tão extraordinaria e originalmente complexa, tão indesciplinada e incoherente, mas sempre superior, fique, por todas as fórmas possiveis, completamente documentada.

Procede-se hoje assim para as artes, para a litteratura, para a sciencia, para a historia, e assim é mister que se proceda tambem para com os homens culminantes no meio de qualquer povo.

Onde está a felicidade

Este romance é continuado por mais dois: *Um homem de brios* e *Memorias de Guilherme do Amaral.* E' uma historia humana, entremeiada de typos originaes: de mulheres que são mais do ceu que da terra, e ainda de outras, que se não passassem em viagem pelo nosso planeta, não faziam falta alguma na arithmetica por que se hade organisar a estatistica das pessoas que vieram a este mundo.

Guilherme do Amaral vem a ser um rapaz bastante rico, da Beira Alta, ledor de muitos romances, de todos os romances do mercado, que se apresentou em Lisboa com a sciencia de Balzac e de Sue, como Callixto Eloy, que atraz fica arrumado, á cidade Ullysses veio parar trazendo de memoria as leis do Digesto, das Decretaes e das côrtes de Lamego.

Em Lisboa riram-se do Amaral. Um disfructador ouviu-o á guiza de *reporter* do nosso tempo, a *interview* passou em giro, e um foihetinista deslinguado, apanhando-a, fez d'ella o recheio de um artigo que foi palitado pelos amadores do escandalo.

N'esta situação melindrosa, Guilherme do Amaral, sentindo-se ridiculo, deu fundo no Porto, que desde logo reconheceu como sendo meio mais apropriado á moldura das suas extravagancias lyricas.

Então para as mulheres foi um successo, indo-lhe na dianteira os trezentos mil cruzados da sua legitima bem aadministrada!

E' logo disputado no primeiro baile em que apparece, o baile do Barão da Carvalhosa, onde se chocava a sociedade elegante portuense do meiado do seculo findo.

Sahem-lhe logo de frente duas namoradeiras: Margarida, a filha do Barão, muito nutrida do seu corpo, e Cecilia Pedrosa, romantica como Amaral, dengue e languida, mas sabida na arte de procurar maridos, como a que mais fosse atiçada n'essa busca pelas suggestões do seu temperamento exigente de prosa.

Mas Amaral passa por ellas indifferente, indo encontrar o seu primeiro amor em Augusta, que descobre no meio da pobresa e no momento angustioso em que de uma congestão lhe morre a pobresinha da mãe, tecedeira e honrada mulher.

Dá-se esse encontro na rua dos Armenios, no Porto, n'uma pobre casa onde em 1809 o usurario João Antunes da Motta enterrara a sua riqueza, que lá ficou, pois que o Motta, fugindo dos francezes, foi um dos que encontraram a morte nas turvas aguas do rio Douro no historico *desastre da ponte*.

Guilherme do Amaral dá esmola a Augusta. Com boa intenção. Com boa vontade.

Mas repara n'ella, e ama; ou, pelo menos, julga ter-lhe muito amor.

O resto imagina-se...

Rendida pela bondade, pouco resiste, e lá vai, enlouquecida de muito amor, para um pequeno paraiso no Candal, improvisado n'uma casinha branca, muito branca, thuribulada pelas moitas de flores, e sempre em festa pela orchestra das avesinhas canoras.

Poesia e que se foi embora, e... viva o Progresso!

A rapariga era de sua natureza intelligentissima, e o amante educa-a com todos os primores que se facilitam pelos livros e pelas prendas, que completam a mulher civilisada.

E Augusta ia adiante de todos os ensinos, adivinhando o que em geral só dá, por muitos annos, a pratica da sociedade.

Dezoito mezes durou este encantamento, vindo ao cabo d'elles a saciedade, quando Guilherme do Amaral, de improviso, foi tocado pelos encantos de uma prima, nascida e educada no estrangeiro, e que o pae trouxera á sua patria para ella esquecer um amor que elle considerava inconveniente.

Deixou-se ir o Amaral, e convidado pelo tio, lá foi com elle para a Hespanha, para a Inglaterra, para a Belgica, seguindo-lhes sempre na piugada o namorado da rapariga, que por fim a poz em tal estado, que o moço romantico teve de abrir os olhos á realidade e os paes tiveram de convir no matrimonio.

Mas Augusta não pertencia á regra geral das mulheres. Não se conformou com o abandono dourado pela riqueza.

Despresou esta, recolhendo-se, como de lá viera, á rua dos Armenios, onde teve um filhinho morto, que ao ser enterrado por seu primo Francisco, artista que valia mais que o *sportman* Guilherme, e que de raiz muito

queria d'alma á prima com quem se criára, dá causa a que se descubra o thesouro do Motta, o melhor de cento e cincoenta contos de réis em notas, peças e joias.

Entrando o dinheiro em scena, operam-se maravilhas, é claro, e quando Guilherme, desilludido em cynico, regressa á patria, depois de muito ter amado para afogar no esquecimento o amor pela prima, encontra Augusta casada com Francisco, e um e outro transformados em *Barões de Amares*, habitando um palacete na cidade de Lisboa, e muito apreciados na sociedade, porque Augusta, a Baroneza, era um modelo de distincção.

No *Homem de brios* diremos o que se segue, e, sem mais, passemos ao que é do costume.

Dá-nos o auctor, ao vivo, um episodio occorrido no Porto, *no tempo dos francezes*, quando a multidão, fanatica *contra os jacobinos*, mas fugindo, ia praticando crimes contra os nacionaes, que como *jacobinos* considerava tambem!

E' o episodio da morte de João da Cunha, o Morgado da Bandeirinha, esfrangalhado pela multidão... A multidão desvairada! Elle a retrata, aliaz com excessos de critica:

> «Acabava de chegar á Porta do Olival um redemoinho de homens, fardados uns, outros esfarrapados, garotos, mulheres esqualidas com o peito nú e as pernas salpicadas de lama. Uma selva de chuços, baionetas, espadas e espingardas, cruzando-se, tocando-se e baralhando-se no ar, ajuntavam ao alarido das vozes o tinido asperrimo dos ferros, e ao quadro da canalha infrene,

ebria, terrivel e omnipotente, os laivos sanguineos da carnagem.

«Era, pois, a canalha que fruia a sua hora de triumpho, de seculo a seculo. Era o tributo de um dia clamado nos comicios da taberna. Pódem estranhar o agro d'esta linguagem. Acharão talvez insolencia nos epithetos com que denegrimos as revoltas populares, que os de má fé politica tratam sempre de justificar com alguma cousa politica, e até com a inviolavel providencia do progresso. Notem, porém, que o povo sanguinario, a que alludem essas e outras linhas de egual despreso, não abraçava, repellia a idéa de reforma; não apregoava a liberdade, assassinava apostolos d'ella; não vinha ao theatro da rebellião trocar a existencia por um sorvo de ar livre que soprava do lado da França, embora impregnado do aroma do sangue; vinha estrangular, na garganta dos raros precursores da liberdade em Portugal, a palavra timida da redempção.»

E sempre será assim!

Da influencia dos romances, e a proposito de Guilheme do Amaral que devorava muitos, é propriamente a dissertação porque abre o texto. N'estes termos:

«Os romances fazem mal a muita gente. Pessoas propensas a adaptarem-se aos moldes, que admiram e invejam na novella, perdem-se na contrafacção, ou dão-se em pabulo ao ridiculo. N'estes ultimos tempos, ha muitos exemplos

d'esta verdade, e tanto mais sensiveis, quanto a nossa sociedade é pequena para se nos esconderem, e intolerante para admittil-os, sem rir-se. Homens sem originalidade, ou originalmente tolos, macaqueiam tudo o que sahe fóra da esfera commum. Credulos até ao absurdo, acceitam como raros e legitimos os partos excentricos de cabeças excentricas, e promettem tombo a uma sociedade mesquinha, onde não apparecem o Zaffie da *Salamandra*, o Brulart de Atar Gull, o Vautrin do *Père-Goriot*, o Leicester do *Luxo e miseria*, em summa, o homem fatal. Estes imitadores são perigosissimos ou irrisorios. Não topando na vida ordinaria o logar que lhes compete, querem conquistal-o por força. E depois, das duas uma: ou atingem o apogeu da perversidade, calcando a honra, cuspindo na face da sociedade, e caprichando em abysmarem-se com as victimas; ou—o que quasi sempre acontece —imaginam-se homens excepcionaes, sonhando como Obermann, raivando como Hamlet, escarnecendo a virtude como Byron, amaldiçoando como *Faust*, accusando sempre o mundo ignobil que os não comprehende romantica.»

Em boa verdade deve observar-se que este genero vai rariando entre nós, pelo facto de um excesso de politica absorver toda a leitura romantica.

A' quelque chôse malheur est bon !

Mas vejamos uma observação que, sendo verdadeira, não é no entanto de bom quilate moral:

«A honra não está na consciencia, está na opinião publica: nós sentimo-nos deshonrados quando os outros dizem que o fomos.»

A observação é verdadeira, mas devemos accrescentar que não é geral.

Ha honrosas excepções, como costuma dizer-se!

Nos exemplares de mulheres dos romances de Camillo, admira-se uma enorme variedade de typos. Um dos mais curiosos é o de Cecilia Pedrosa, *que se deixava vencer pelo estylo*, e que figura n'este romance.

E a proposito, veja-se a regra da determinação dos homens no espirito das mulheres:

«Umas, vence-as a gentileza, outras a valentia, outras o talento, outras o dinheiro, outras a bondade.»

De fórma que a regra geral ainda vem a ser a de que tudo é relativo!

Boa e santa doutrina, ainda sobre a *consciencia*, é a que se encontra n'este trecho:

«Os momentos unicos em que o homem se conhece abrasado de uma faisca divina, são os gosos da consciencia—esse galardão obscuro, intimo, todo coração, que só a caridade nos dá.»

Agora trata-se da verdade e da mentira nas suas modalidades:

«O que tem feito mal a muita gente não é a mentira; é o involucro de palavras artificiosas com que se doura a algema que as verdades lançam ao pulso dos homens.»

Para ser gravado em letras de oiro, se por ventura alguma vez, desmentindo o logar commum, o oiro fosse empregado em gravar principios moraes:

«Dizia minha mãe (é Augusta que está fallando) que uma rapariga que quer ser mais do que é, por mais que seja, fica sendo menos que era.»

Não admira que a tecedeira, mãe de Augusta, philosophasse assim. A mulher, em regra, vê muito adiante, sendo muito bem feita esta observação de Camillo:

«Ha phenomonos de intelligencia na mulher, uma especie de advinhação, luz subita que lhe aclara o entendimento, emquanto lhe soam ao ouvido incultos as palavras de um amante, magicamente harmoniosas.»

Passando de assumpto, mas com egual justeza de apreciação:

«Os antigos videntes fêl-os a santidade; a corrupção faz os prophetas contemporaneos. No homem gasto, vão-se as desillusões, e fica a experiencia. Ora a experiencia é o sexto sentido, a intuição luminosa do futuro, a presciencia das inducções infalliveis de um principio moral.»

Sobre o amor:

«O amor só vive pelo sentimento; cessa com a felicidade; porque o amor feliz é a perfeição dos mais bellos sonhos, e tudo que é perfeito, ou aperfeiçoado, toca o seu fim.»

Paradoxal, mas bonito.
Real, real, vem a ser isto:

«O dinheiro é milagroso, no nosso tempo, como a voz de Moysés em tempos melhores.»

Felizmente? Infelizmente?
Uma e outra cousa.
Mais sobre o amor—o thema inexgotavel:

«O ultimo amor que desampara o homem, é o amor combinado com o orgulho.»

Mas será o amor de verdade? De quinta essencia? De desoito quilates?
Duvidamos.
Ainda mais:

«Amar é um sentimento previlegiado de certas almas. Desejar é outra cousa.»

Por nossa parte, diremos: desejar não é amar; mas amar é desejar.
Cuidando estar na verdade dos factos.
Fechando:

«Sabeis o que é ser poeta? E' querer encravar a roda teimosa das cousas d'este mundo, e sahir com o braço partido».

Embora muitos pensem que o ser poeta se reduz a fazer decimas, sonetos, oitavas e tercetos, de muitas ou poucas syllabas metricas.

Um homem de brios

Continua-se, como os leitores sabem, o remance—*Onde está a felicidade.*

A qual felicidade, para corresponder ao titulo, consistia no muito dinheiro encontrado no cofre escondido na pobre casa da rua dos Armenios.

Para correspondor ao titulo tão sómente, porque afinal esse *dinheirama*, como diria o Vautrin de Balzac quando pontificava ironico entre os convivas da hospedaria de Mad. Vauqueur, não deu verdadeira felicidade a ninguem.

Mas vamos propriamente ao romance *Um homem de brios*, em que Guilherme do Amaral se toma de segunda paixão pela Augusta que abandonara, e que se metarmophoseara em Baroneza de Amares, em todo o prestigio da sua belleza melancholica, producto da sua distincção nativa e da sua bondade infinita.

Viu-a quando ella entrava para um baile. A visão foi fulminante, e desde esse momento o romance, em grande parte, é um estudo psychologico de duas almas—a de Augusta e a de Guilherme.

O Bourget, com a notoriedade analysadora dos seus vinte annos de trabalho, e com as suas palmas de Academia, fica áquem de Camillo, que escreveu este remance ha mais de cincoenta annos, sem que pretendesse firmar escola ou fornecer processos a discipulos.

E regeitado de socio pelo *Instituto* de Coimbra...

Entre Augusta e Guilherme figura sempre, e já no primeiro remance, um personagem anonymo, generalisado na donominação de *Poeta*, que representa o bom senso ironico e alegre, que é muitas vezes o remedio mais efficaz para abrandar as dôres intimas das pessoas doentes dos seus espiritos.

No *Poeta*, que por muitos outros livros apparece, embora muito menos accentuadamente, diz-se que Camillo se figurou, e com effeito da sua individualidade, conhecida e deduzida da sua obra, ha muitas manifestações eguaes nas attitudes, praticas e phrases d'esse personagem; mas a critica, que merece fazer-se, sobre esta feição da vida do grande escriptor, está manifestamente fóra de nosso programma.

E o resumo é o seguinte: Augusta morre thisica e Guilherme do Amaral enlouquece, depois de se haverem aproximado, de se haverem perdoado e de se haverem respeitado, amando-se sempre, como é impossivel encontrar duas pessoas que mais se estremeçam.

Ha factos que parecem inverosimeis, como o do marido de Augusta recolher em sua casa o antigo amante de sua mulher, que fôra apanhado por sicarios junto do seu palacio, consentindo em que ella o trate e em que se discuta, em manifestações gratas, o amor em que os dois se tinham correspondido!

Não é da regra geral da vida, nem da regra geral da

sociedade; mas, se toda a regra tem excepção, o facto justifica-se, ao menos, pela escolastica. Os paradoxos parecem axiomas; os artificios revestem todas as apparencias das verdades dogmaticas.

Ha por ahi muitas aflicções. Choram-se muitas lagrimas...

Drama, muitos dramas emocionantes e sensibilisadores.

Mas Camillo, pelas ironias do *Poeta*, pela pedanteria dos conselheiros enamorados, e pelas garotices de Margarida Carvalhosa, tudo amenisa, e a nota alegre não consente que o leitor seja empolgado pela menotonia, que é em barda, da philosophia que suparabunda.

Mas vamos aos trechos bons, que são em grande copia n'este romance, que mede pelos que são melhores do auctor.

A nota humoristica apparece desde logo.

Vem no prologo:

> «O amor que leva á seducção, a seducção que leva ao fastio, o fastio que leva ao abandono, são alternativas de todos os tempos, nas quaes não se repara, nem o espirito se apraz vel-as escriptas em letra redonda...»

Mas apraz-se vêl-as na forma, no etylo magico do auctor, onde sempre a vulgaridade se reveste dos aperitivos da originalidade!

O *Poeta*, philosophando com Guilherme, vai fazendo justiça democratica:

«Nós os homens que nos julgamos intelligen-

cias de gravata, somos ridiculamente arrogantes da nossa superioridade. Consideramo-nos creaturas previlegiadas com dois sentidos mais que o homem simples, sincero como a natureza o produziu, e um dos enfeites da arte que formam uma segunda natureza, com a qual falseamos todas as propensões ingenuas da primeira.»

Modalidades psychologicas do amor:—trez entre muitas:

«O amor é um deus ou um domonio de tantas faces, que nunca poude escondel-as todas.»

«Entre dois corações, ha duas linguagens extremamente diversas. Pertence á mulher transfigurar-se, e entendel-as.»

«A mulher illude menos quando quando quer illudir-se.»

N'este romance ha passagens que podiam lançar-se como apostillas na *Physiologia* de Balzac.

Queremos, apenas, dar uns exemplos:

«Homem que pensa, que estuda, que trabalha de baixo da influencia tenaz de uma idéa, que scisma na immortalidade que pode dar-lhe a sciencia, ou no dinheiro que pode dar-lhe um livro — tal homem só serve para marido depois que o rheumatismo lhe faz ver o celibato á luz da hymineu.»

«A mulher esperta é o ente mais defeituoso que se conhece aos olhos do homem que, n'outra altura de idéas, lhe vê em baixo a sua insignificancia. Esta mulher serve sómente para um homem extremamente ignorante ou totalmente fatuo.

«Se ignorante, crê que é marido da primeira Magalona; se totalmente fatuo, cuida que por ser osso do osso e carne da carne, é tambem o espirito do espirito de sua mulher.»

Ainda, a proposito das mulheres, o livro nos fornece as seguintes considerações de Bellegard, que por nossa vontade seriam submettidos a um congresso de feminismo nacional:

«Nota-se que a razão de fallarem tanto as mulheres é não saberem nada. Esta maxima, que ao primeiro intuito parece paradoxo, é, não obstante, muito verdadeira. Não tendo ella cousa alguma no espirito, tudo o que lhes toca os sentidos, occupa-as, e converte-se em materia de seus entendimentos. O que vêem, o que ouvem, o que as rodeia, prazeres, tristezas, cousas domesticas, cujo conhecimento agente dispensa da melhor vontade, intrigas, desavenças, etc, são fontes inexgotaveis para ellas. Não lhes falta motivo de palavriado, com tanto que se falle em bagatelas.»

O que toma relevo com este complemento do auctor:

«O homem pensador é naturalmente taciturno. A mulher falladora não consegue atordoar-lhe o espirito, mas mas faz-lhe nos ouvidos a traquinada intoleravel de uma matraca.

«A matraca afugenta do coração todas chimeras do amôr.»

Pura metaphisica, mas aprehensivel e comprohensivel:

«Os prazeres da alma captiva são instantaneos; o vigor immenso dos seus transportes quebra no primeiro arrojo; a desgraças cae nos braços do seu verdugo, e o verdugo converte em seu serviço as forças da victima.»

«Ahi está a alma á mercê do corpo. O sensualismo como resultado de uma aspiração para que a alma não tinha folego. O reinado das paixões.»

Mas ainda sobre a sua propria metaphisica o auctor não poupa a picada da sua ironia:

«Duvidar da claresa com que expuz a minha a minha idéa, seria descrer do alphabeto, e mais ainda da comprehensão de trez pessoas para as quaes escrevo ha não sei que duzias de annos.»

Mas da metaphisica espiritualista pula-se de barranco para o positivismo da materialidade:

«A mulher que chora o amante que teve, na

presença do amante que se lhe offerece, quer persuadir o segundo que é arrastado ao crime pela ingratidão do primeiro.»

Não podemos dar opiniões sobre o assumpto!

Nos bailes do Porto apparece uma pupilla rica. Faz-se desde logo um cerco em derredor da rapariga. Nem se importam, os assaltantes, que ella seja africana. Até lhe consideram como aperitivo o escuro da tez.— E' um encanto, dizem!

A penna de Camillo retrata os especuladores, e essa penna, tão ao vivo sabe trabalhar, que se transforma em pincel.

E' o *Poeta* que os vae indicando a Guilherme do Amaral, e ahi vae um d'elles, nos termos d'esta apresentação:

«Olha! lá está o Conselheiro*** preparando os colarinhos e alinhando o bigode para lhe dar o oitavo assalto. Já lhe follou em jurisprudencia, nos Estados Unidos, em physiologia e na derrota de Waterloo. Vae-lhe pedir trez contradanças e quatro polkas. E' um infeliz na puericia dos seus quarenta annos, e espera morrer n'um *cotillon*, partindo a cabeça no batente de uma porta.

Rasga os folhos dos vestidos ás mulheres, pisa-as na parte mais sensivel das suas mimosas plantas, e cae por fim com ellas na vertigem da febre. Tem só trez paixões conhecidas: dançar, casar rico, e ir ao ministerio. Das trez mordeduras, a da tarantula do ministerio é a unica incicatrisavel.»

As de mais photographias condizem todas com esta. Uma maxima significativa o auctor apresenta n'esta mesma toada:

> «Entre duas mulheres ricas, o ciume não parte do coração; é a porfia de dois tendeiros que moram um na frente do outro, e vêm á porta chamar os freguezes.»

Maxima a que acrescenta este commentario alegre:

> «Aqui não ha Laboryére nem La Rochefoucauld ou Houdelat. São maximas que eu escrevo n'uma mortalha de cigarro, quando vale a penna inutilisar um cigarro, para archivar uma experiencia.»

A chamada *sociedade* tem sido definida de muitas maneiras, as mais diversas. A definição que se segue é bôa, e só os fracos, os que não souberam correr ou acotevelar para apanhar o seu taiher, lhe podem oppor contradictas.

> «A sociedade é um banquete com uma iguaria para cada paladar. Ninguem morre de fome ou de fastio.»

Uma dissertação sobre a psychologia de Augusta, quando a pobresinha, no recontro com o amante arrependido, que a abandonára, pede a morte, porque só na outra vida, sem desdouro, pode encontrar com elle a felicidade.

«Hoje parece-lhe anachronismo um tal desejo? A mim não. A sublime ancia, filha da agonia, é de todos os tempos. Muita gente dilue a sua dôr em lagrimas, e volta de olhos enxutos para o mundo, onde ha panaceias para todas as dores futeis, pueris e desentranhadas do coração. Almas de eleição, porém, não se encontram comnosco ao balcão da mesma pharmacia. Perdem-se de nós, nós perdemol-as de vista e de entendimento, vemol-as no despojo que deixam no cadaver, que é o menos que lhe deixou o desapego da vida, e não sabemos dizer nada do que foram e do que são.»

Aqui nos ficamos.

A lucta do amôr com o dever tem n'este romance um *tratado*. Póde por elle ensinar-se moral, mas moral humana, a que é de verdade e não a que é de convencionalismo, de mentira e de impostura, embora essa moral de *verdade* vá já sendo posta de banda, como obsoleta e inutil, chrystialisada na rotina.

Memorias de Guilherme do Amaral

E' n'este livro que termina, verdadeiramente, a epopéa do coração que principiou na casinha da rua do Armenios, porque é n'elle que se dá noticia do infeliz louco, recolhido pelo Barão de Amares em uma sua quinta de Bellas, encontrar o socego da morte, ficando o Barão a continuar sem desfallecimentos a caridade santa, como sendo a melhor fórma do suffragar a memoria da esposa estremecida e martyr.

Porque lá se diz no fecho do livro que

> «Deus quer o que querem mulheres santificados na cruz do coração.»

Pelas *Memorias* se conclue a epopéa dolorosa, mas essas memorias, bastantes desconnexas, nem correspondem ao artista que as coordenou, nem se ajustam á individualidade de Guilherme do Amaral na sua psychologia, não só sentimental, mas litteraria e intelligente nas suas exteriorisações.

Pretende o auctor, manifestamente, imprimir maior

relevo a esse typo de homem, que com as suas feições sakspearianas, é uma das criações mais pujantes da sua phantasia e da sua critica.

Mas a nosso ver o Guilherme das *Memorias* apouca-se d'aquelle outro Guilherme original e unico, que conhecemos e admirámos no *Homem de brios* e no primeiro romance — *Onde está a felicidade*.

Accentua-se a sua qualidade de homem fatal na suggestão empolgante sobre o coração das mulheres, principalmente das mulheres romanticas dos primeiros cincoenta annos do seculo que findou. Dão-se exemplos, avultando, entre elles, o de uma victima, *Virginia*, letrada sentimentel, que se foi minando da sua paixão, que sómente provocava a indifferença compassiva, até á consumpção total — a da morte.

Publicam-se cartas. Dão-se entrevistas. Trocam-se confidencias. Perpreta-se a poesia rimada, e, diga-se a verdade completa — a poesia somenos — inferior mesmo entre a poesia decadente da época em que as *Memorias* se publicavam, em que reinava no Porto o pittoresco Faustino Xavier de Novaes, e onde na *Grinalda*, com rarissimas excepções, trovavam menestreis rhetoricos e declamadores.

Mas ha muito pouca accentuação, sendo os dois notaveis romances merecedores de um complemento mais unido no individualismo accentuadissimo do protogonista.

E' o que entendemos, e é o que exprimimos, consoante o conselho do poeta (Sá de Miranda nos parece que elle era):

Dizei em tudo a verdade
A quem em tudo a deveis.

E sem mais critica, apuremos o que se nos afigura ser de melhor.

Disserta sobre o que chamam *civilisação*, que varia de época para época, e, em cada época, de criterio para criterio, a proposito de dizer que Guilherme do Amaral, sahindo singelo e simples da sua aldeia, da séde universitaria sahira civilisado para a sociedade:

> «Ouviu fallar no ideal, e deu cabo da materia em busca do phantasma. E' a palavra maldicta que n'este seculo representa a pedra philosophal da Edade Media; com a differença que os alchimistas gastavam o ouro na fornalha e a vida nos vapores mortiferos das retortas, expirando em crenças de melhor mundo, e os idealistas despejam a mãos cheias o ouro, desfiam a vida fibra a fibra, e morrem intempestivamente blasphemando Deus, com a alma em trevas, e muitas vezes esmagadas pelo escarneo publico—extremo supplicio! Os alchymistas tinham por excellencia o nome de sabios, e a posteridade lastimou-os, respeitando-os. Os idealistas são universalmente havidos por parvos, e a posteridade, se os parvos tem posteridade que se occupa d'elles, ha de escarnecel-os.»

Para nós, não está certo. Muitos idealistas teem sido santificados para o ceu e immortalisados para as memorias da terra.

Porque em summa, ha que destinguir, porque as cathegorias do idealismo são muitas, não devendo nem

merecendo todas afferir-se pela nota humoristica de Camillo.

No que estamos plenamente de accordo é n'esta apreciação sobre a influencia dos romances nos costumes:

> «Esta questão de utilidade, fundamentada em materia de romances, achei-a sempre, a um tempo, esterilissima e pueril. E' das theses adequadas a esporear espiritos de novatos na republica das letras, e mais nada. Para mim é de fé e razão que os romances moralisadores de Emilio de Souvestre não lograram ainda melhorar um mau, nem as novellas licenciosas de dezenas de escriptores perverter um bom.»

Pouco mais ou menos, e mais paradoxalmente, já Rousseau entendia da mesma fórma.

De melhor observação vem a ser, de certo, esta affirmativa sentenciosa:

> «Nas mulheres a intelligencia ou nasce com o coração, ou o mata, se vem depois.»

Com esta outra se eguala, e n'uma matetia que é, sobre todas, a mais opiniativa:

> «Quando se não crê, é que mais se ama. Quem não ama, nem sequer detem o seu juizo a duvidar.»

Uma mulher era censurada por se mostrar ao lado

homem a quem incondicionalmente entregara todo o amor.

Ella justifica-se:

> «A sociedade corta-nos todas as avenidas dos prazeres licitos, cerca-nos de motejos, de escarneos, de calumnias, e da lama em que muitas vezes se nutre a sua hypocrita virtude; e, se uma mulher, como eu, se mostra, sem acotevelar a sociedade, sem lhe pedir um talher á sua meza, sem mesmo querer mostrar-se alegre ou lacrimosa, ahi lhe saltam os esbirros da moral publica, arrastando-a ao tribunal para se ver sentenciar de infame, visto que não teve a sensatez de se deixar morrer entre quatro paredes escuras, e ousou vir aos passeios e á luz do sol observar o fausto e acatamento das illustres devassas resguardadas da injuria pelo escudo dos maridos.»

Veem a ser as infelizes de todos os seculos, estas mulheres que vivem fóra do calculo, tanto mais que o casamento nem sempre podo recompensar-lhes a dedicação.

Porque a regra, sendo verdadeira, é muito restricta para estes casos, sendo estes os seus limites:

> «O casamento por commiseração pode ser bem succedido quando a piedade é solida, e essencial no espirito que se devota ao bem estar de uma mulher, abnegando de si proprio, com sacrificio de uma liberdade até certo ponto incompativel com a rectidão da consciencia.»

Agora um tremulo nas modalidades do eterno hymno —dos homens e das feras:

> «O amor divino é um amor de symbolos; a adoração beatifica é a alienação da alma. O corpo é como a estatua de marmore, que tem postas as mãos, e os olhos fitos no céo.»

Dos homens e das feras, porque aquelles, pelo seu orgulho, merecem como castigo estas ironias:

> «O rei da creação! O homem rei da creação! Que escarneo, cuspido á face do Creador, que fez a formiga, a innocentente creaturinha! Os irracionaes amam-se. O instincto nunca lhes mente, e a nós a razão escarnece-nos e o espiritualismo despenha-nos. A materia não os engana na escolha do ser que lhe é necessario: atam-se, vivem e sentem o prazer da vida. Comnosco, quando o instincto nos aproxima, erguem-se entre meios os deveres, as conveniencias, as necessidades, as cousas mais atrozes, ainda. O rei da creação!»

Em materia de espiritualismo:

> «Esta ancia de immortalidade é o derradeiro alento da vida que repulsa a morte. Quando uma espumante inundação rompe as varzeas tapetadas de flores, arvores e fructos, aqui e além, n'este lago, divisavam-se folhinhas boiando, revolteando, como que a disputarem o seu ser á

onda que as leva ao golfão. Em vão reluctam. A arvore foi desarreigada; as folhas presas ao tronco lá vão na invencivel corrente.»

Nós vemos espiritualismo onde outros por ventura, pódem ver apenas o materialismo do espirito agarrado á vida pelo goso material que ella pode dár!

Mas Camillo, entre as suas ironias dicazes, era de facto, como regra geral das suas manifestações, um espiritualista.

Era da mesma orienteção Guilherme do Amaral, que pretendia, até, depreciando-se, attenuar o bem que praticava pela crueldade da phrase.

Vejam:

«E' melhor atirar ouro que lama á cára d'este mundo. O ouro doe mais.»

Exprimia-se assim quando acudia com a esmola aos que muito necessitavam d'ella!

Mas em sentido opposto, como antiodoto:

«A perfeição no vicio tem um poder de fascinação que só a perfeição na virtude poderá vencer.»

A virtude podendo triumphar em todo o caso, devendo receber-se como axioma, concordando-se em que, na materia, ainda ninguem se exprimiu melhor como perfeição de phrase e como perfeição de idéa.

Mas Guilherme do Amaral estava gafado pelo tal

idialismo a que atraz se faz referencia; e tanto, que nem sequer se demovia por estas expressões da mulher que se lhe offerecia:

> «A terra por leito, o céo por docel, o espaço por dominio, o amor por alimento, e a ti por Deus!»

Fechando:

> «O soffrimento acaba onde principia o amor.»

Estamos ouvindo em côro.

Os infelizes — Mentira!

Os felizes — Verdade!

Verdade e mentira — afinal.

Memorias do Carcere

No 1.º de Outubro de 1860 deu Camillo Castello Branco entrada na cadeia da Relação, na cidade do Porto.

Porquê?

Só queremos dizer: *por um crime de amôr*, merecendo talvez a pena que um editor publicasse todo o processo, pois que tudo é memoravel—tudo quanto diz respeito a homens da sua grandeza.

Embora muitos possam considerar que ainda não é tempo de esmiuçar este cruciante episodio da sua vida de aventuras.

Foi-se entregar á prisão, depois de muito tempo andar em negaças aos aguasis, escondendo-se em casa de Francisco Minotis, nas Caldas das Taipas; na de sua irmão querida, na Samardã; na de Vieira de Castro, em Fafe; na de Custodio José Vieira, no Porto.

Era lindo aquelle 1.º dia do mez Outubro de 1860!

«O céo estava azul como nos mezes estivos. O sol parecia vestido de suas galas de Abril, a

bafagem do sul vinha ainda aquecida das ultimas lufadas do Outomno. Que formoso céo e sol; que suave respirar eu sentia, quando apeei da carruagem á porta da cadeia!»

E' verdade: por um crime de amôr, que mais tarde se legitimou, deixando descendencia, que tão infeliz se tornou na caminhada abrulhosa da vida!

Por um crime d'amôr!

E nós sobre o thema d'estes crimes, escrevemos ha muitos annos a seguinte quadra que vale pela intenção, não valendo cousa alguma como salvaguarda dos que cahem nos dominios da lei positiva:

Crimes d'amôr! Não devia
Haver taes crimes d'amôr!
Taes crimes a Magdalena
Perdoou Nosso Senhor!

Quando-se annunciou o livro com o respectivo titulo, pelos modos muitos famelicos de escandalo aguçaram o apetite para saborearem a sua leitura. Mas soffreram decepção. No livro, em dois volumes, pouco ha de individual no que respeita ao auctor, e quasi nada no tocante ao drama que levára Camillo á cadeia. Os seus capitulos são formados por estudos de observação sobre os mais famigerados criminosos que ao tempo se abrigavam na sepulchral e granitica cadeia portuense.

E que interessantissimos são todos esses estudos! Como elles photographam maldades innatas, paixões oc-

casionaes, interesses dignos e indignos, meros delictos do acaso!

E' uma revista de scelerados, valendo mais que o descriptivo prisional de Balzac, nos dias que precederam o alistamento de Vautrin no exercito da policia parisiense—o fim illogico, mesquinho e banal d'aquelle épico exemplar do crime!

Nem merecia apena tel-o criado...

Mas voltemos ás *Memorias do Carcere.*

Vê-se passar o *Marinho,* que por amor tambem se encontrava preso. Segue-se *José Coutinho,* que possuia o amôr da arte... da falsificação: falsificador de rapé, de papel sellado e de moedas de ouro, pagando só por este crime até morrer, e conservando até ao fim da vida o amor de *Minerva,* ou fosse uma cadelinha querida, que um guarda bruto torturara tornando-a cega, e continuando elle, a besta, a gosar os raios da eterna luz, que não devia prodigalisar-se aos da sua natureza ruim. Mais cinco moedeiros: o senhor *Maximo,* que fazia caixinhas para banha, ganhando um pinto por dia e não comendo d'esse dinheiro, para com elle sustentar a familia, concluindo um seu filho a formatura em Medicina, e partindo o Maximo contente para o degredo, porque considerava garantido o pão da esposa e dos outros filhos pela clinica de medico; o senhor *Soares,* que Coutinho affirmava estar innocente como comparte na sua fabricação de moeda; o senhor *Guimarães,* sobrio durante toda a semana, bebedo de cahir aos domingos; o senhor *Dias,* que ensinava rapazes a troco de oito tigellas de caldo e se estarrecia de saudades pela esposa bem amada; um outro senhor *Soares,* de 70 annos, que de bom animo, graças aos seus aforismos de estomago,

aguardava o final da sua sentença para ir gosar a vida n'um palacete que elle edificara n'uma quinta seburbana de Barcellos, e que elle ganhara com o porventos do seu antigo mester.

Intercala-se a historia do tenente *Salazar*, que estivera preso por jacobino, e de que Camillo nos faz esta apresentação:

> «Inimigo do throno e do altar, republicano gafado da lepra de Robspierre, qualidades estas que em nossos dias fariam um jarnalista de fologo, um tribuno em labaredas do amor da humanidade, e que afinal, de muito arder e luzir, como dizia o apostolo, vel-o-iamos o mais ordeiro e orthodoxo amanuence de secretaria.»

Ora este jacobino enamorou-se a valer de uma menina que morava fronteira á prisão, sobrinha de um padre rico.

O padre oppoz-se; conseguiu que o tenente fosse transferido para Almeida, mas como o padre morresse, os dois pombinhos casaram, e como isso não bastasse e sua felicidade, ella foi ao Rio de Jeneiro, e obteve de D. João VI o perdão do rapaz.

E viveram vinte e cinco annos de vida feliz, que bem mereceram e bem pagaram em rasgos classicos de constancia!

Temos uma outra sobrinha de padre. Esta chamava-se *Benedicta*, e na romaria dos Remedios, pois que era das cercanias da cidade de Lamego, fôra vista muita vez e admirada cavalgando um bello cavallo, vestida á cam-

poneza, com o marido ao lado, invejados ambos de muita gente.

Pois aborreceu-se do marido com quem casara por amor e com quem cavalgara orgulhosa, pimponeando tafularias!

Primeiro foi amante de um compadre doutor, e depois de um afilhado d'este, descipulo proveitoso da sua escola de esturdias.

Mas o marido, sabendo d'este ultimo caso, esperou o moinante, que lhe fez frente, acabando com elle a golpes da sua navalha afiada

A testemunha de vista acobardou-se para a prova, e a coberto d'ella os dois viveram maritalmente, até que veio a denuncia e a condemnação.

Venha agora desenfastiar-nos uma historia alegre.

E' como o auctor começa, occupando-se de *João Bernardino Tavares*, lavrador de Santa Maria da Feira, *leão d'aquellas terras, enjaulado por causa das suas leoninas arremettidos á moral e tambem á desmoralisação dos seus visinhos.*

O crime do Tavares era, afinal, o de haver roubado Felicia, mulher querida do seu abbade, até alli refractaria a todas as sollicitações.

Mas o Tavares era d'estas artes suggestivas:

> «Agora aguente-se, se pode, nas suas tamancas a sr.ª Felicia, que o negocio é sério. Com o sr. José Bernardino não ha Lucrecias de abbades!»

Com effeito o Tavares não encontrou excepção á regra geral das suas conquistas.

Mas o padre denunciou-o de um crime impune. O Tavares revoltado, atirou-lhe com gana, mas, em vez de dar cabo do rival matou-lhe um burro.

Depois incendiou-lhe a casa, e foi condemnado, dando entrada na cadeia.

Tudo por causa da Felicia!

A seguir, noticias de parricidas.

Dos que matam os paes, dos que matam as mães; crime que a razão e o sentimento repellem, mas que é muitas vezes uma realidade negra e triste; crime que os spartanos não tinham na legislação, porque nem sequer o queriam prever em artigos de lei, mas que historia regista, em todos os tempos, em todos os hemispherios, em todas as civilisações, praticado por pretos, praticado por brancos, entre todos os povos, a começar na citada Sparta, que nem queria inscrevel-o nos codigos!

Um dos parricidas, o senhor *Mendes*, era todo letrado, tão farçante em mexericos, que se tornara concentrico de todas as intrigas das prisões. Escrivinhava, por estipendio, requerimentos, protestos, reclamações e denuncias.

Um trecho classificativo d'este homem:

> «Vestia um *rebe-de-chambre* de lã escarlate, que lhe dera José do Telhado, dizendo que os doutores de ordinario vestiam assim.
>
> «Estava o sr. Mendes fumando por cachimbo de porcellana, com seus cordões de seda, que atavam á carcella do collete.

«Vi junto d'elle uma linda menina de dez annos, que elle me disse ser sua filha.

«—E a mãe não o visita? perguntei.

«—A mãe é minha creada ha vinte annos, e é quem me serve aqui na cadeia.

«—Pensei que esta menina seria filha de sua senhora.

«—Minha mulher — replicou elle — voltou-se para a egreja.

«—Quer dizer que está beata?

«—Não senhor: quer dizer que vive com um ministro do altar.

«—Para ter mais proximo o ministro da salvação

«—Acho que sim, tornou elle, baforando pelo pipo do cachimbo, e fazendo ressaltar o tabaco em chispas e cinzas.—Eu espero um dia remettel-os juntos á bemaventurança.»

Entre os typos somenos da galeria, que não merecem mensão especial, apparece um capitulo, em que o auctor falla da sua pessoa, o que é raro nos livros de Camillo, e o que nas Memorias é rarissimo, como principiámos por notar.

Mas não importa o facto nenhuma cabotinagem — essa nota de pedanteria indigena, de que tanto gasto se tem feito entre nós, á medida que o elogio mutuo alargou os dominios na proporção em que os jornaes, pontificando na educação nacional, augmentaram de publicidade.

E' um capitulo de gratidão; é uma sympathica ex-

pação de espirito agradecido para com aquelles que mais o acarinharam na desgraça.

Diz Camillo:

> «Amigos verdadeiros são os que nos acodem inopinados com valedora mão nas tormentas desfeitas. Esses vêm de Deus, e cumprem a mensagem divina de dizer ao infeliz que o Creador, criando o homem, não estava caprichando em requintar a sua omnipotencia em aborto de ferocidade e velhacaria.»

Mais adiante:

> «Em trezentas e oitenta e trez d'essas noites, duas vezes tive amigos no quarto.»

Não foram muitos...

Mas completando:

> «Não cabe aqui a lista dos nomes que eu escrevi na porção sempre immortal da minha essencia, a alma, que, penso eu, levo á Deus conta dos beneficios recebidos, e lá se ergue em testemunho para galardão dos bemfazejos.»

No entanto enumera alguns: José Cardoso Vieira de Castro, Antonio Joaquim Xavier Pacheco, Julio Cesar Machado e Manuel Niculau Esteves Negrão.

Apenas quatro!

Mas não o encontraram afflicto, lamentando-se, apostrophando a sorte!

Não, porque elle affirmá, e da sua obra bem se deduz que é verdade:

> «E' meu costume entalar o demonio da desgraça pela cauda, e obriga-o a tregeitar diante de mim em sarabandas de muita galhofa, dada todas as cautelas contra as evoluções da cabeça, que essas são perigosas, se não mentem as descripções das lendas infernaes.»

A roda da fortuna anda e desanda: riquezas, miserias, elevações, decadencias. Já ella foi comparada aos alcatruzes de uma nora.

Assim foi que Camillo encontrou em 1861 nas cadeias da Relação do Porto, como ladrão de uma egreja, o tenente miguelista *Milhundres*, que elle conhecera em 1846 commandando uma quadrilha realista, que queria restaurar o throno e o altar.

E a proposito de egrejas vem a historia do *Paare Manuel dos Arcos*, que respondeu assim a Camillo quando este o interrogou sobre os motivos da sua condemnação a calceta perpetua:

—*Foi por causa de uma brincadeira*...

A qual brincadeira havia consistido em matar um irmão da sua amante, que pretendia oppor-se á prostituição da rapariga!

Um menino que aos dez annos era muito galante e assiduo no estudo das primeiras lettras, muito sizudinho e seriosinho, filho de um procurador de causas em Villa Real, deu n'um refinado larapio sem vergonha.

Camillo conheceu-o e descreve-o nas duas phases da sua vida.

Na cadeia cantava arias italianas e discutia questões philologicas com o professor *José Dias*, que leccionava presos.

E' interessante e curiosa esta passagem:

> «Algumas vezes, de commum accordo, me fizeram a honra de me nomear arbitro da contenda. Versava ella uma vez sobre o termo *tacito*. Queria o sr. José Dias que fosse tacito, e o outro ajustava-se á etymologia latina. Decedi a favor etymologico, e perguntei ao professor se estava convencido. Não estava, por uma forte razão que me entalou, e era:
>
> «—Se dizemos *cabrito* e não *cábrito*, é regra que se diga *tacito* e não *tácito*.
>
> «Minguado de argumentos, calei-me, e perdi um pouco a minha reputação, suplantado pelo sr. José Dias—o que sinceramente estimei para gloria do bom homem, e descanço meu, que nunca mais fui consultado em taes materias.»

Faz-se nas *Memorias* a chronica de um drama de amor e morte, rusticamente passado nas serranias de Traz os Montes, na villa de Santa Martha de Penaguião.

Uma senhora de Lobrigos, D. *Anna Amelia Peixoto Cabral*, perdera-se com o bacharel Francisco da Natividade Mesquita e Seixas, sub-delegado em Santa Martha.

As relações esfriam depois, a breve trecho. Não sabemos como, nem se conclue.

O caso é que nos horisontes de D. Anna Amelia apparece o proprietario *José Joaquim da Silva Mello*, de Sanhoane, e o bacharel Mesquita é morto a tiro.

Quem o matou?

Pelo crime foi pronunciado Silva Mello; Camillo attribue ao dinheiro de um irmão do morto a sua persisiguição; D. Anna Amelia defende-o, mas para nós a principal accusação está no facto da mesma senhora o defender com dedicações suspeitas, que se alargam até á convivencia na cadeia.

O auctor permittia-se, em demasia, indignados apodos ás justiças, e d'esse teôr é a seguinte passagem, aliaz brilhantemente escripta, com o cunho original da sua ironia:

> «A doença da familia dos togados é como aquella peste que ataca os membros de uma mesma familia, derramados por diversos pontos. São incuraveis estes tabardães, como os outros de que reza Fr. Luiz de Sousa na *Vida do Arcebisto*; mas cahem a gargalhar, como na morte de uma certa herva da Thessalia.»

Temos agora um assassino profissional. Dava pelo appellido de *Cruz*.

Matara um homem por encommenda de certo cavalheiro de linhagem, que na cadeia lhe facilitava meios de vida bem gosada.

E o crime tinha precedentes, pois o Cruz já havia praticado outra morte, egualmente estipendiada.

Era casado com uma menina formosa a mais não, com menos vinte annos que elle.

Um dia tomou-se de ciumes, e quiz enforcal-a com um grosso cordão de ouro com que a havia presenteado.

Proseguem *casos de crime*—como não é de uso dizer-se.

Por exemplo: um abbade de Lamego enfeitou de muitas rendas e entrouxou em muitas saias vistosas a sr.ª *Joanninha*; com ella viveu quarenta annos de felicidade, e, morrendo, deixou-a rica e ainda muito amiga de enfeites.

A Joanninha, sem mudar de diminuitivo, cahiu na tolice de se casar, mas os enteados, sequiosos da herança, projectaram envenenal-a.

Ella soube, anticipou-se envenenando-os a elles, e foi para a cadeia.

Intercala-se n'estas alturas um parenthesis, em que Camillo dá largas, e d'esta vez com muito romontismo, á sua psychologia intima.

Podem, os grosseiros do sentimento, acoimar de expansões doentias as visões do seu coração.

Mas deviam de ser uma realidade, correspondentes ás condições em que esse coração, mais que o envolucro em que elle se encerrava, fôra mettido, com n'um tumulo, entre as quatro paredes de uma cella.

Em contraste dá-nos um *Morgado* fero, que matara o noivo de sua filha, por não querer que ella se casasse com o homem que esmolara o seu pão, embora esse homem lh'o tivesse restituido cheio de bondade agradecida, quando o orgulhoso, esbanjados os seus bens, cahira na miseria.

E a pobresinha—typo unico!—vem prostituir-se, em um quadro doloroso, em frente das grades da prisão do pae deshumano!

Para que elle visse...

Desviemos a vista, dando uma amostra do modo de ser d'esse homem, que assim era cidadão como fôra pae:

> «Contam os seus conterraneos que sendo elle um dia instado em termos desabridos de um credor para pagar-lhe, o Morgado pagou-lhe em prata e disse-lhe:—« Agora hasde receber o juem chumbo.» E dizendo, abriu-lhe com uma bala na cabeça larga fenda á vida.»

A *civilisação* transformou de feitio estas bestas.

Mas as bestas humanas d'esta especie acompanham a evolução das *civilisações*.

Após, é-nos exposta uma douda—um ente desgraçado, d'aquelles que se mettem entre ferros, quando deviam ser cuidados com muito amor n'uma enfermaria!

Ainda ha d'isto. E haverá...

Um preso enamora-se de uma presa. Ambos eram casados, mas, enviuvando, casam-se por sua vez.

Nascem dois filhos na prisão, mas a *lei*, intervindo, não consente que marido e mulher continuem a aproximar-se!

A mulher enferma de amor, morre de sentimento, e o marido por muito pouco tempo sobrevive áquella que elle amara n'uma cadeia como se fosse campo florido de roseiraes onde trinassem rouxinoes e toutinegras.

Na variedade de tantos criminosos não podia faltar a *pêga ladra*. Apparece, e chama-se *Margarida* — lindo

nome, mal empregado em similhante exemplar de mulher.

Era filha de paes arremediados. Nada lhe faltava, mas roubava sempre. Roubava tudo quanto lhe cahia á mão, pagando finalmente com a cadeia pelo roubo de um annel, a prenda que os noivos costumam trocar como penhor de fidelidade eterna!

A proposito de Margarida faz o auctor considerações de philosophia criminal, que não seriam engeitadas pelos mais apregoados mestres da sciencia moderna.

Vejam este trecho:

> «Voltando a Margarida, eu creio que hão de matal-a a pedaços nas enxovias, sem lhe incutirem a ferro em brasa uma nova alma. Não me afouto ao absurdo de reprovar o castigo, que o mesmo seria pregar a impunidade do latrocinio. Ignoro mesmo se Deus deixou remedio para os defeitos das suas obras: confesso que é um blasphemo atrevimento querer-lh'os corrigir.
>
> «Buscar remedio no systema das cadeias, consistiria em reclusão penitenciaria, segundo aventa a nova escola.
>
> «Se os crimes são involuntarios, como se hade penitenciar o delinquente? Com que direito natural se lhe escalpella, fibra a fibra, a vida? Como heide eu considerar social, humana e justa a lei que demarcar um tumulo, entre as quatro paredes de uma celula, a Margarida, que é ladra pela mesma razão por que o tigre é feroz, peçonhenta a vibora, e poeta o poeta?

> Abunda nas idéas de um philosopho que disse: «—O Creador conserva o homem, e a mulher, e o mundo, como elles são, por honra da firma.»

Note-se que estas considerações foram escriptas ha cincoenta annos feitos, quando mal se vislumbravam no horisonte das theorias especulativas, em materia de direito criminal, os phisiologistas, a escola italiana e os Lombrosos dos todos os formatos.

N'esta altura chega a vez a *José da Silva Teixeira*, o famoso *José do Telhado*, um dos heroes do crime da historia contemporanea em Portugal.

E' conhecida a sua vida, embora ainda não tivesse romantisação condigna, como tiveram collegas seus do estrangeiro, principalmente da França, Italia e Hespanha, que o não excederam, antes alguns lhe são inferiores, nos episodios patrioticos e affectivos do seu caracter complexo—mixto de vicios e qualidades estimaveis.

O proprio Camillo mal o esboçou na feitura d'este seu trabalho de mero expediente litterario.

Natural de Castellões, nos arredores de Panafiel, era filho e neto de ladrões de estrada, mas os projenitores não o educaram no mester, e tanto que foi entregue a um tio materno, que lhe ensinou o officio de castrador e que lhe negou uma filha em casamento, indo o esbelto rapaz, porque o era de seu natural, assentar praça de lanceiros em Lisboa.

Entrou na revolta dos Marechaes, tornando-se distincto no combate do Chão da Freira e de Ruivães, e alli, como o Schwalbach, que o apreciava, lhe disesse que *chovia ballas*, elle respondeu intemerato, mostrando a lança:

«—Cá está o guarda chuva, meu General, deixe chover.»

E o Schwalbach levou-o consigo, como ordenança, quando emigrou para Hespanha.

Regressando á patria, o tio deu-lhe a filha de bom grado, e felizes lhe correram alguns annos, com filhinhos muito aconchegados do coração até que, rebentando a revolução de 46, se poz ao serviço da Junta do Porto, referindo Camillo o que vae ler-se:

«Repartia do seu dinheiro com os camaradas carecidos, e recebia as migalhas do cofre da Junta para valer aos que da sua casa nada tinham.»

Foi ordenança de Marquez de Sá da Bandeira, e no combate de Val de Passos tanto sobresahiu, que o General por suas mãos lhe collocou na farda o habito da Torre Espada, do valor, lealdade e merito.

E' que elle salvára a preciosissima vida do Bayard portuguez!

Voltando a ser paisano, e encontrando-se pobre, fez-se capitão de ladrões, continuando as tradições da familia, e explicando a transformação n'estes termos, contados ao romancista.

«Eu via-me quasi pobre e perseguido pelos credores e pelas auctoridades. Pedi ás pessoas importantes, que me sacrificaram, o patrocinio necessario para arranjar uma qualquer occupação, mas ninguem me attendeu. Contentar-me-ia com um logar de guarda de contracto, e se-

ria ainda hoje um homem util e honrado, e te ria educado os meus pobres meninos.»

E chorava, fallando nos filhos!

Seguem-se muitos roubos, feitos com valentia e audacia. Por vezes roubava aos ricos e repartia com os pobres.

Até que foi preso na *Barca da Oliveira*, onde, pela segunda vez, se preparava para embarcar para o Brazil.

Foi condemnado a degredo perpetuo, e uma vez na Africa, tornou-se bemquisto, defensor da ordem e garantia da propriedade e do commercio, pagando os pretos o mal que lhe fizeram os brancos.

Retrata-se em seguida um D. Juan, chamado *Thomé*, jactancioso das conquistas que fazia no coração das mulheres, que lançando o arpéo das suas palavras melifulas ás que se lhe afiguravam mais convenciveis.

Foram umas poucas as que elle submetteu aos seus fluidos de Marana!

Era barbeiro, e, afiando uma navalha do officio, dizia a Camillo:

«Deixe-me sahir da cadeia, que eu me desforrarei. Então é que ella hade ser fallada!»

Esboçam-se mais umas poucas de figuras sem maior relevo, até que chega a chronica da sua faina de escriptor entre os *ferros de El-Rei*: a traducção do *Ensaio sobre a arte de ser feliz*, de José Droz; o livro *Annos de prosa*, em folhetins na *Revolução de Setembro*; o *Amor de Perdição*; revistas do Porto para Lisboa

e revistas de Lisboa para jornaes do Porto; a traducção da *Fanny* e artigos politicos para o *National.*

Para tudo isto tinha alma e espirito, ou para tudo isto podia, pela vontade, fazer calar o espirito e a alma!

Até compoz um epitaphio por encommenda de um venerando sacerdote, *que o julgou em maré cheia de aspirações funebres.*

E' interessantissimo o seguinte trecho referente á encommenda do Padre, que ficou satisfeito e contente com a obra do poeta:

> «... metteu a mão á algibeira e estendeu-me o braço na attitude desempenada de quem tira do bolso do collete um imperio.
>
> «—Aqui tem para almoçar!—exclamou.
>
> «Abriu a palma da mão, que parecia abater debaixo do pezo de cinco tostões, e acrescentou: —*O que é bom paga-se bem!*»
>
> «Ora eu, que sempre fui admirador do quadro em que Hippocrates regeita os thesouros de Artaxerxes, com magnifico gesto de repulsão remedei exactamente o velho de Cós na attitude esculptural.
>
> «—Padre! guarda os seus thesouros!—exclamei com emphase! — Os genios, quando se abrem, são gratuitos como as nuvens que chovem a abundancia do céo, e tambem fazem a lama da terra.
>
> «Respeitou o Padre a independencia da poesia, e foi-se nas bôas horas.

.....

Foi ainda na cadeia que elle escreveu o pequeno romance *Mysterios obscuros*, ou sejam os amores de Adelaide com o consul hespanhol, Lacueva.

Este castelhano que era, como o sr. *Thomé* um namorista de força, tomou-se de amores pela protegida, prima de sua mulher, que lhe não correspondeu.

Mas a esposa, mulher de má raça, não o comprehendeu assim; insultou a infeliz, e portanto, como era dos livros, depois de muitas instancias, a avesinha cahiu na abuiz.

E' presa, entra na cadeia, da cadeia passa ao recolhimento de S. Lazaro, e d'ahi sae... para o tumulo.

Um quadro doloroso e triste das miserias da vida com o amor de permeio!

As *Memorias* fecham pela narrativa da visita de D. Pedro V ás cadeias da Relação onde, como em toda a parte, deixou o perfume da sua santidade moral, que ainda hoje, em lenda sentimental, lhe incensa a tradicção.

Transcrevemos:

«Sahi fóra do meu quarto a cortejar o rei á entrada. O sr. Thiago Horta proferiu o meu nome; Sua Magestade fez um gesto admirado, e disse:

«—Não esperava encontral-o aqui!

«Mas áquelle gesto seguiu-se outro de reflexão e assentimento, em que o rei achava nas suas reminiscencias o motivo da minha prisão.

«—Ha quanto tempo aqui está?—perguntou.

«—Ha dois mezes e meio.

«—Entretem-se em escrever?

«—Apenas tento entreter-me.

«—Diz bem: o logar é improprio para trabalhos de espirito. Deve aqui haver muito barulho.

«—Creio que os primeiros quinze minutos de silencio n'esta casa são os que Vossa Magestade aqui trouxe.

«O rei deu alguns passos no meu quarto, e reparou alguns instantes n'um livro aberto, que era um Plutarcho, na vida dos varões illustres.

«Observou-me fitamente, e disse-me:

«Estimarei que se livre cedo.

«—Isto deve estar a terminar, disse o sr. ministro das Obras Publicas.

«—Começa agora, respondi eu.

«—El-Rei olhou-me com visivel compaixão, relanceou os olhos ás abobadas, e sahiu, repetindo:

«—Estimarei que se livre cedo.

«—Passou S. Mágestade á enfermaria dos presos, e á das presas em seguida.

«—Na extrema d'esta ha uma porta que abre para o quarto de uma senhora (1), que estava presa.

«—Que é alli dentro?

«—Saberá Vossa Magestade que é o quarto da senhora D.***

(1) D. Anna Placido, auctora do livro *Luz coada por ferros*, e annos depois segunda esposa de Camillo.

«O rei entrou, e a senhora foi chamada do corredor, onde tinha o seu asylo de trabalho.

«Com a senhora veio um menino nos braços de sua ama.

«D. Pedro V cumprimentou a presa, perguntando-lhe o tempo da sua prisão. Reparou no menino, e acarinhou-o, perguntando-lhe o nome e a edade. A mãe respondeu pela creancinha, e o rei deteve-se a contemplal-a. Ao lado do Monarcha campungido estava o sr. Marquez de Loulé, pensando, porventura, que vinha de banquetear-se no palacio de uma irmã d'aquella encarcerada (1).

«Sahiu S. Magestade, e, ao descer as escadas, proferiu as palavras iniciaes d'esse capitulo: *Isto precisa ser completamente arrazado.*

Assim damos fim ao extracto dos principaes capitulos e principaes episodios das *Memorias do Carcere.*

Falta o que é de generalidade conceituosa, ensinando a gente , ora rir, ora a chorar.

Comecemos pelas lagrimas.

«Ellas são, em alma adusta, como a nuvem que o céo abriu em vertentes sobre a terra es-

(1) No palacio de Antonio Bernardo Ferreira, filho do *Ferreirinha da Regoa*, no largo da Trindade.

Antonio Bernardo era casado com uma irmã de D. Anna Placido, e cunhado do sr. Conde da Azambuja, filho do referido Marquez, dnpois do Duque de Loulé.

caldada. Este chorar consolador era de homem, que vai a meio caminho da vida com a mimosa semsibilidade dos quinze annos.»

Referia-se a Custodio José Vieira.

Na mesma corda:

«Não sei como é que os desgraçados se consolam viajando! Penso que a dôr da alma venda aos olhos do rosto o que ha bello na natureza, e mudança nas scenas d'ella. Só bem contempla, e folga em comtemplar, o juizo que bem regula, e os sentidos desapaixonados e desprendidos de affectos, que mandam comnosco a mortificação da saudade.

«Os infelizes todos teem uma Providencia. Deus sonda os corações; doe-se dos que expiam culpas suas; desce até elles, na imagem de um homem, quando todos o abandonam.»

Descripção referida a uma medonha tempestade passada nas serranias trasmontanas:

«Que espectaculo! que vérmesinhos somos na presença d'aquillo! Como Deus é grande nas tempestades de Marão, e como o homem alli se envergonha das tempestades das suas paixões.»

Mas muda de vistas, e apura-nos uma das leis supremas dos espiritos conscientes e nobres:

«Ha uma cousa ainda mais aviltadora que o despreso: é esquecimento.»

Sobre o eterno thema, mais uma das variações das suas:

«Olhos de amante são a rethorica do coração: provalecem á linguagem articulada como os reptos de Demosthenes e Cicero ao palavriado vulgar da Grecia e Roma.»

Ainda hoje é assim, mesmo depois de acabar a rhetorica... nos lyceus.

Beijo na face
Pede-se, e dá-se

Cantou João de Deus.

Mas Camillo, pelos modos não pedia nem recebia beijos, porque escreve:

«Sou tão avesso, e tamanho asco tenho a beijos, como aquelle frade da Mesa Censoria, que mandou riscar *beijo* e escrever *osculo*. Os theologos casuistas, e nomeadamente S. Affonso Maria de Ligorio conjuram unanimes contra o *beijo*, inscrevendo-o no catalogo das deshonestidades. Não digo tanto. Entendo que o beijo póde ser innocente, mas não póde ser nunca limpo e aceiado. E' um contacto de extrema materialidade, com toda a sua grosseria corporea.»

Não concordamos. De fórma alguma, porque teriamos de excluir todas as grosserias corporeas...

Em bôa troça:

> «O homem actual tem o coração na cabeça, e a cabeça no aprumo articulado do collarinho. Aperta a mão sem força, porque o retesado da luva lhe empeça as articulações dos dedos. Entra por muito no alfayate a mimica do amor. Esta verdade escapou e Henri Heine, a Balzac e a Karr. Pertence-me o descobrimento. E' a unica originalidade que levo d'este mundo...»

Regra geral:

> «O muito reparar é inclinação a amar.»

Para que todos digam que sim, confessando-se todos... com sublimidade:

> «O homem que ama é um tolo sublime.»

E nada mais achámos nas *Memorias do Carcere*, que julgassemos com direito a referencia especial.

Um livro

Simples: *Um livro...*; titulo modesto, mas que se ajusta, não ao seu valor litterario, mas ao seu significado, porque com effeito não se torna facil synthetisar a idéa geral a que obedece, tão generico elle é, embora em versos correntes e prosa philosophica especialise os nomes de Lucinda, Luiza, Alda, Amelia, Angela e Maria.

E foi assim contando os nomes, que Camões cantara, que Camillo algures fez a estatistica dos amores do Epico, chegando á conclusão que, entre muitas, elle amara duas Joannas e... uma preta.

Mas não lhe applicaremos o processo...

A edição que temos presente é a quinta, e n'elle se reproduz um prefacio que para a terceira escreveu Thomaz Ribeiro em 1865, ou fossem dez annos depois do livro ter vindo á publicidade.

A geração actual, em grande parte, ainda foi contemporanea do poeta do *D. Jayme* — o maior acontecimento poetico, ainda mais celebrado que o da *Velhice do Padre Eterno*, dos ultimos cincoenta annos litterarios. Essa geração, portanto, conhecia o processo litterario de Tho-

maz Ribeiro, quando pontificava, *parecendo* que fazia critica.

Todo elle se comprazia em enfeixar n'um *bouquet* todas as rosas do elogio. E offereci-as, dobrando o joelho na attitude selecta de um fidalgo de linhagem, quando apenas o era de boas maneiras e palavras suavissimas.

Mas n'este prefacio fez critica a valer, parecendo-nos que liquidou no que vai ler-se o caracter do trabalho poetico de Camillo Castello Branco:

> «*Um livro* é... um poema truncado... um ramilhete de poemas indecisos, vagos, mysteriosos, esboçados a traços incompletos... ás vezes não principiados... ás vezes não acabados. Ais que se não poderam abafar; lamentos que se completam n'um riso de ironia; preces que terminam em blasphemia; sarcasmo que se apaga em lagrimas.»

E' assim mesmo. Elle, que era tão concreto em romances tão precisos, tão restricto na urdidura, n'estes versos é todo generalidade no proprio pensamento, na propria imagem; é todo abstracção. A fé briga com a descrença; a bondade contradiz-se com o scepticismo; chega-se a conclusões de que se nao avistaram os principios, e estabelecem-se principios que pairam no vago, á espera da conclusão que não chega.

Bastavam estes versos para dar pabulo á polemica do sr. conego Senna Freitas com Freitas Fortuna sobre se Camillo era, ou não era, a valer, um christão, um

adepto da intelligentissima e divinissima religião do Crucificado!

Na parte litteraria não estamos, de certo, na presença de uma obra de alto valor, nem mesmo na parte philosophica, em que se disserta sobre a immortalidade da alma—philosophias abstractas por que fecha o volume.

Balzac tambem fazia d'estas dissertações—mas com que elevação, desde a applicação das theorias de Swedemborg á conversão do sabio Mouroet pelo humilissimo abbade Chaperon!

Camillo, nos dominios da poesia, tanto no meio da geração que o antecedeu, como n'aquella a que pertenceu, como referido á que se lhese guiu, é um secundario.

Mas ainda assim tem individualidade, o que falta a muitos que se lhe affirmaram superiores.

Por vezes, na poesia, como teremos ensejo de referir no proseguimento d'este trabalho de extracção e de resumida apreciação, foi rhetorico. Mas aqui, não: é generico em demasia, mas é singelo, é espontaneo, é riquissimo de incidentes, embora no verso, ao contrario do que lhe acontecia na prosa esculptural, as palavras mais caracteristicas se lhe difficultem para precisarem o significado do pensamento.

Mais ainda, como poderiamos provar com exemplos, se a indole d'este trabalho permittisse essas particularidades: a rima não lhe acode sollicita, como aos previlegiados da inspiração; tem de a rebuscar, e d'esse esforço resulta muitas vezes, ao mesmo tempo, a impropriedade e a vulgaridade.

Porque não hade dizer-se isto, que é a verdade, quando ha tanto e tanto, tantissimo, por onde reverenciar,

por onde pôr em extasi os nossos olhos e em lagrimas os nossos corações?!

Mas vamos extrahir minerio rico.

Como poderia ter dito Horacio ou Boileau:

«A arte mata a poesia;
a razão mata a innocencia;
a luz que o prisma alumia
no viço d'alma infantil,
é clarão d'instantes breves,
como a flor de um dia só:
de manhã galas d'Abril,
e á noite murchas em pó!»

Agora não é arte; não são regras: é a duvida, mais do que a duvida—é o reconhecimento do deserto que se faz na alma, no espirito, no coração, quando tudo se ajusta e pautua pela secura da sciencia restricta:

«..... Sciencia!
manto de ouropeis bordado
dourada joia do orgulho,
não dás nada ao desgraçado!
Pões em gelida indigencia
O coração, despojado
dos crentes dons da innocencia!»

Sobre o amor é que as dissertações se multiplicam. Em regra as opiniões contrariam-se, mas tambem onde é que as versatilidades são mais numerosas que nas phases do amor?

Uma dissertação de Camillo:

«Amor! impulso vibrado
pela mão, que rege o espaço,
e marcou ao sol um traço,
como ás leis do coração!

«Amor, inteira existencia,
sol da alma, que termina
breve, a noite da innocencia.
Amor, sorriso dos anjos,
que vem no berço a sorrir
e sobre a campa a chorar!
Amor! ditosa tristeza,
nuvem santa, cuja palma
é a propria dôr da alma,
consagrada ao seu martyrio!
Amor! enlevo, delirio
que dás alma e harmonia
no transporte da poesia
que perfuma terra e ceus!
Amor! scintilla de Deus,
que prende o homem, restricto
nas estreitezas dos gosos
ás regiões do infinito..»

Vejam as descripções *modernas*. Palavras mais extranhas, por um lado, ou meras extravagancias por outro, lá se vai ter á classificação do amor ser *enlevo*, e ser *delirio*, assim chamado nos versos de Camilo, com tanta singelesa como verdade.

Como descriptivo, póde considerar-se perfeito este quadro:

«A aurora tinge o horisonte,
arraia os visos do monte
indecisa, frouxa luz.

Some a lua a fronte livida
ao branco véo da manhã;
em redor tinge-se o disco
da rubra côr da romã.
Ligeira nevoa se estende,
ao correr das mansas aguas,
como um véo de tristes maguas
em rosto, ha pouco risonho.
Começa, ao longe, o murmurio
do lavrador, que sauda
a luz da aurora que o chama
nas fendas do seu tegurio.
A natureza acordada
eleva um canto ao Senhor,
nas melancolicas notas
do solitario cantor
entre os salgueiros da ramagem.

Como é santo este silencio
d'um formoso amanhecer!
Tudo aqui nos diz que a infancia
é como a aurora a nascer:
primeiro, a luz, sem ardores,
a luz do amor, sem paixões:
depois o sol, com os amores
como o sol, abrazadores
de sedentas commoções.»

Fazendo observações em verso:

Em tua face córada
pelas rosas do pudor,
não sabia eu ler segredos
que de balde esconde amor.
Vim depois, saber no mundo
onde o talento fecundo

tudo sabe, e nada occulta,
que a surpresa, quando tinge
de purpura côr a face,
é o amor, que se não finge,
é um mystico enlace
de duas almas, que a flamma
do mesmo facho abrasou.»

Passemos á prosa.

Esta parte do volume intitula-se *Vinte dias de agonia*, em que se traduz, lamentando-se sempre, um doente de corpo e espirito, sendo egual o thema ao dos versos, onde o auctor nos diz *que são ditosos aquelles que percorrem as difficeis paragens d'esta vida opulentos de seiva, onde não morrem os vividos alentos da paixão.*

E' metaphisica pura essa prosa, onde se accrescenta o rol das hypotheses sobre o que seja a alma, que todos nós sentimos, mas que ainda ninguem explicou em termos que se lhe tracem os contornos da sua realidade.

Por aqui e por além pequenos trechos apreciaveis.

Os seguintes:

«Tive horas de chorar-me. Oh! o homem é muito desgraçado quando tem compaixão de si.»

«Os... homens vegetaes são como o cascudo tronco d'um sobro de quatro seculos, que na longa estação da sua vida não vivem um minuto pela excitação do espirito, e pela vibração da mais pequena das suas fibras. Os chamados «constantes» são assim organisados. Quando Lamartine lhes diz que o minuto de um homem

tem mais vida que os quatro mil annos dos cedros do Libano, riem-se. E o riso alvar d'estes detrahidores do amor primoroso, e, portanto, infeliz, tem alguma cousa em si que me contrista e nauseia. Envergonho-me de pertencer á especie humana quando o naturalista me diz que tal homem é meu irmão.

«Mentira».

«Se a recordação é um remorso, é em testimunho da nossa grandeza. Pois o remorso o que é? E' a reacção da virtude contra o crime. E' o trabalho da consciencia contra o mal para trazer o mal á innocencia. E' o fogo purificador, que devora a macula: é o redemptor. E' um merecimento depois da sua obra. Se a recordação, pelo contrario, se apresenta em acto infimo, que lembra sómente a superioridade da nossa vida passada, não julgueis que essa lembrança será, na memoria do archanjo, aquillo que é hoje na memoria de um homem do nosso planeta. A alma immortal, transfigurando-se, transfigura sem cessar sua memoria, perfumando-a sem cessar de seus perfumes.»

Podia ensinar-se nas escolas.

Mysterios de Lisboa

Completando-se com o *Livro negro do Padre Diniz*, que terá capitulo em separado, temos os *Mysterios de Lisboa*, que vêem a ser a obra romantica mais extensa e complicada de Camillo. Aquella em que elle deu mais largas á phantasia e por ventura aquella em que concedeu mais liberdade á inverosimilhança.

A intenção assim e exigiu, porque manifestamente o auctor procurou escrever um romance para o grande publico, n'um periodo de treguas politicas, de reorganisação que ficou a meio caminho, quando esse publico ainda não facilitara, por larga compra, o exercicio do industrialismo e do commercionalismo jornalistico.

Havia os *Mysterios de Paris*, que ao tempo faziam época, nos constrastes que despertavam os perfumes suavissimos de *Flôr de Maria* e as perversidades da *Coruja* e do *Mestre Escola*.

Havia os *Mysterios do Povo*, havia os *Mysterios de Londres*, e Camillo quiz certamente continuar essa corrente com os *Mysterios de Lisboa*, que aliaz sempre foi uma cidade de vida ás escancaras, bastante alheia a episodios, acções e intrigas mysteriosas.

Quasi toda ella uma cidade de politicos!

E se não foi tão perfeito novellista como Sue, foi de certo mais litterario do que elle, a quem a politica do seu paiz, em que se envolveu revolucinariamente, não permittiu que fosse o grande artista que o seu talento podia garantir.

A obra, só nos *Mysterios*, comprehende trez tomos subvididos em muitos *livros*, *prevenções* e *nota intercalada no texto*.

Nem podia deixar de ser d'este tamanho, porque dos *Mysterios*, sahindo os personagens e irradiando os acontecimentos para o Brazil, para a vastidão dos mares, para Roma, para Paris, para muitas outras bandas, podiam separar-se quatro romances completos e distinctos, com a sua contextura propria e feitios especiaes de meios e caracteres.

— O de Sebastião de Mello, que de mundano sem escrupulos se transformou, sob o nome de Padre Diniz Ramalho e Sousa, em saccerdote virtuosissimo, tutelar de muitos desgraçados, e que por acaso descobre ser filho de um outro mundano, que por sua vez recorrera ao clausto, Fr. Balthazar da Encarnação, que na mocidade o houvera da Condessa de Viso, que elle roubara ao marido, indo os dois correr mundo no goso dos seus amores,

N'esta romantisação chega a haver scenas sakspearianas, como é a do Padre Diniz entregue á faina de exhumar a ossada do Pae, para que junto com as cinzas de sua Mãe venham por fim a encerrar-se com o seu proprio cadaver no mesmo coval.

— O de D. Angela de Lima, Condessa de Santa Barbara, filha dos Marquezes de Montezellos, que a recu-

sam a D. Pedro da Silva, filho segundo dos Condes de Alvações, entregando-a em matrimonio ao fidalgo que a fez condessa, e rica, e infeliz, e que a tortura marterisa, arrependendo-se depois por acção e graça das palavras santas do Padre Diniz, quaddo veio a saber que ella tivera um filho do homem eleito do seu coração.

O filho d'estes amores é, em figura confusa e incoherente, o verdadeiro protogonista de todo o romance, levando a existencia aventurosa que era propria das taras da sua origem, e indo morrer no Brazil, onde entrega a um amigo o manuscripto em que apontara toda a perigrinação da sua vida.

—O de Aniceta, peixeira da Ribeira Nova e manceba teúdo e manteúdo de D. Theotonio de Mascarenhas, monsenhor da Patriarchal, de illustre estirpe e de passividade doente.

A megera mata o amante de suas filhas, e no correr de uma vida devassa e dolorosa, um judeu que ella ama, Zacharias Pereira, rouba-a por sua vez, apparecendo depois a restituir ás filhas o dinheiro roubado, sendo do tanta força este *maldito*,—o dinheiro, entenda-se—que transforma em *Barão de Reis* um humilde mestre de musica de real appellido.

Esta Anniceta, tomada de sincero arrependimento, vai viver muitos annos sob o alpendre de uma capella trasmontana, sendo ainda o Padre Diniz que a redime para a graça divina, vindo depois amparar-lhe as filhas, que ella desgraçara, lançando-as na deshonra e na miseria.

—Finalmento temos ainda o romance do *Come Facas*, sicario de profissão, e a quem os Montezellos haviam

dado a incumbencia de matar o filho de D. Angela de Lima e de D. Pedro da Silva.

E' tambem o Padre Diniz que evita o crime, comprando a creança e educando-a; e em tão boa hora o faz, que o *Come Facas*, mettendo-se a corsario, apparece archi-milionario, tomando o nome do Tobias Navarro, passando a ser Leopoldo Saavedra, ficando-se por fim em Alberto de Magalhães, comprando, gosando e repellindo a Duqueza de Cliton, mysteriosa filha de Pedro de Mello, o *Padre Diniz*, até que dá fundo, amando de veras, nos braços de Eugenia, sua esposa, neta d'aquella Aniceta que fôra perdoada como Magdalena.

E como se ainda isto fosse pouco, sendo muito, Alberto de Magalhães e Eugenia, estreitando-se alma com alma, corpo com corpo, morrem no alto mar, victimas de uma tempestade memoravel!

São vidas diversas, educações diversas, typos diversissimos. Mas com todos elles joga o auctor, e com tanta habilidade de technica que, no meio de tanta diversidade, consegue dar-lhes a maxima unidade e cohesão.

Chocam-se odios, mas d'esses mesmo encontro chega a brotar a faisca divina da amisade e do amor, dedicando-se aos maiores extremos os que na vida se haviam encontrado em conflicto, graças á força moral de um homem, sempre o Padre Diniz, que é uma figuração tensissima de consciencia e sentimento, tirando da sua moral a força enorme para das cinzas do odio fazer com que renasça a phénix immaculada do amôr!

Este romance, no seu estylo, marca um logar á parte dos outros do auctor.

A nota da ironia e o paradoxo apenas se ante mos-

tram: nunca se aclaram ou definem. A sua philosophia, mesmo por entre os exageros da imaginação, é mais da natureza que da educação, embora seja em grandes meios sociaes que a sua acção se desenvolve.

Por isso os leitores, nos trechos que vamos dar-lhes, hão de conhecer que elles pequena affinidade teem com os muitos que ficam archivados nas paginas d'este trabalho, onde sempre procurámos condensar a essencia da sua litteratura historica, romantica, critica e dramatica.

Principiemos por uma observação que feita abstractamente, tem hoje confirmação scientifica, embora explicada por argumentos que são hoje menos incomprehensiveis que a singela observação feita por Camillo, independentemente de qualquer explicação:

> «Tem o coração uma faculdade que não carece de sentidos externos para funccionar.»

Assim dizia, sem que imaginasse que n'este nosso tempo se começa a theorisar que esses sentidos vão crescendo de numero, não cabendo nos cinco em que nos tinham circumscripto.

Seguindo-se á observação uma outra, que é da mesma proveniencia:

> «Ha verdades no mundo que se vêem em toda a sua luz, ou pelos olhos puros de candura, ou pelos da experiencia.»

Porque estas duas cousas, tão oppostas, encontram-se facto, para constituirem um criterio humano!

Na sequencia das mesmes observações apparece esta verdade—verdade para quantas saibam ser justos para os sentimentos que se dignificam, fugindo ás exterioridades da dor, por vezes as mais ridiculas de todas as exterioridades:

> «Ha dores silenciosos, que nos incutem respeito, quando os que as soffre não pede compaixão para ellas.»

E' assim mesmo, tanto mais que estes soffredores não sentem allivio, antes pelo contrario, com as consolações officiosas que por vezes a importunam.

O que se explica em certo modo por estes periodos:

> «Quem soffre muito, com raros intervallos de de repouso, familiarisa-se com a dor. Nas pessoas muito infelizes ha uma renuncia voluntaria do do seu quinhão de prazer, quando chegam a convencer-se da esterilidade dos seus esforços para uma sorte melhor.»

Mas lá vem, a amenisar, uma observação humoristica, em que a verdade se vai dizendo alegremente:

> «Tive sempre para mim que a primeira condição de um homem banal, e sinceramente tolo, é o cuidado com que elle compõe a gola do seu casaco, de modo que não discrepe uma linha do talho que o alfayate lhe deu. Ha alli muita frivolidade n'esse espirito, que se considera tanto mais sublime quanto pode manter-se direito en-

tre os collarinhos da camisa, e verticalmente equilibrado entre as duas azas do laço da sua gravata.»

Mas toda a regra tem excepção. Por exemplo... Almeida Garrett, que pode servir de rehabilitação para muitos significantes, que o invoquem, para alijarem a classificação de Camillo.

Cabe agora a vez ao paradoxo, que afinal talvez o não seja, porque se deu em classificar de paradoxos muitas verdades n'este tempo de mentiras convencionaes.

E' o seguinte:

«A mulher com quem se casa, é de todas as mulheres com quem menos se casa.»

Sem segundo sentido, tanto mais que isto era dito pelo Marquez de Montezellos ao Conde de Santa Barbara, quando andava em propaganda de lhe entregar a filha, que por sua parte entregára o coração a outro!

Moralidade dos principios do seculo XIX, nem melhor peior que a moralidade dos principios do seculo XX!

Mas passa logo de tecla:

«Não ha corações gastos quando a commoção é nobre.»

E' claro que se trata de corações previlegiados, aptos para o recebimento d'essas commoções.

Em materia religiosa apparece esta doutrina, que poderá não ser dogmatica, mas que é de lidima pureza:

«O amôr de Deus não é certamente o quebrantamento de todos os laços que nos prendem ao mundo. A verdadeira religião é serena como a paz da consciencia; tem jubilos, e não se nutre *só* do ermo e da oração; apparece nos olhos em lagrimas, quando o romorso é entranhado e rebelde á contricção; vem aos olhos em sorrisos de amôr para o genero humano, quando a alma está gosando a quiétação da virtude.»

Nota-se que por aquelle *só*, Camillo não repelle o ermo, de que tantos espiritos precisam, nem a oração, que tão consoladora é para muitos.

Este mesmo trecho chega a ser um depoimento para a debatida questão da sua religiosidade ou da sua irreligiosidade.

Cabe a vez ao jornalismo, que apanha em cheio.

Chama-lhe:

«... calamidade improvista por Guttemberg.»

Devendo notar-se, como aggravante, que isto foi escripto ha meio seculo!

Mas não é só o jornalismo que leva a sua conta. O romance de figurino francez depravado, que está dando pabulo á dicacidade da critica allemã, como sendo deprimentemente caracteristico dos costumes francezes, tambem é apreciado pelo bom humor camiliano:

«.....

Os singelos amôres são sempre assim. Quem

os deturpa são os homens, que fazem romances, esses impios que arregassam as cortinas do sagrado a sylodas e Vestaes, rasgando-lhes a ellas as tunicas alvas, como a candida pombinha, ousam atiral-as nuas á sociedade, que quasi sempre tem o impudor de apontal-as, e dizer:—Conhecemos assim umas poucas.»

Mas em seguida muda de scenario:

«A tranquilidade que por ahi se vê nas existencias que o mundo considera virtuosas, é taboleta de uma barata virtude, sem sacrificios, sem desalentos, sem pejos, nem triumphos. A virtude é a flôr regada com lagrimas, e colhida entre os espinhos, com os dedos a escorrerem sangue.»

Essas lagrimas turvam por tal fórma a vista observadora da virtude, que ella chega a tomar um papel de inferioridade:

«... porque o crime tem segredos, que a virtude não sabe descortinar.»

Porque, coitadinha d'ella, da virtude, que é sempre enganada e illudida com grande facilidade!

Ao feminismo, que está em berra, offerece-se este trecho, para que elle o desdenhe com *aplomb* de superioridade:

«E' a ella (á mulher) que Deus confiou o pre-

vilegio de idealisar as sensações que tocam immediatamente com a divindade por todas as fibras nobres do coração humano.

«Emquanto os anjos não fallarem na voz do homem, serão as sibyllas sagradas da religião do sentimento, serão as mulheres de eleição, as predestinadas do genio, as que possam decifrar, em palavras, as commoções e as lagrimas de Eugenia.»

A proposito de um Barão de Sá, peralta dos tempos do romance, ou seja dos tempos da guerra legitimista, quasi que se escreve um tratado sobre os tolos.

Com esta generalidade:

«Os tolos são felizes; eu, se fosse casado, eliminava os tolos da minha casa. Cada cidadão, que me fosse apresentado, não o poderia ser sem exibir o diploma de socio da Academia das Sciencias.»

Porque é de saber que Camillo, que foi regeitado pelo Instituto de Coimbra, não passou de correspondente da Academia!

O tratado começa como vimos, e termina por esta photographia do Barão referido:

«Luva a estalar na mão rebelde ás costuras de seda preta; frizado á phantasia, byroniano, ondeante, em arrepios, que quer dizer *talento;* bigode com anneis symetricamente hirtos, em prumo, por milagre do cabelleireiro; collete de

setim alvissimo, apenas assertoado na cintura, para que o peito de engommados arabescos e scintillantes pedras não ficasse obscuro; gravata branca, pedestal marmoreo de um queixo decorado de lourejante pêra; casaco de tufos nas hombreiras, e lapelas de setim; calça preta, cosida á perna musculosa, impando no joelho e terminando em botões de madreperola, que destacam no cordovão do sapato; e mais que tudo isso uma cara festival, um olho de fauno, outro de carneiro moribundo; bochecha rubra e ventas amplas de um nariz triangular, sem cavalete, que rompe os tecidos glubosos da testa estreita; isto tudo e o mais que se não diz por não valer especial mensão.»

Desde a fatiota á cara, ao corpo, aos pés, a tudo, o retrato do Barão de Sá, como caricatura é uma maravilha em generalidades e particularidades d'este modelo, de que se tiravam exemplares para todos os tempos e civilisações suas appensas!

De como os extremos se tocam, temos este exemplo, que é cheio de graça e originalidade:

«A candura tem seus pedantismos, assim como os pedantes, ás vezes, teem canduras irrisorias.»

Faltando apenas concluir, em generalisação ensinadora, que os candidos não encontram meio de fugir ao ridiculo dos que, sendo sempre pedantes, nunca encontram a meta ideal da candidez.

O livro negro do Padre Diniz

Foi n'este romance que o auctor mais poz em relevo o poder da sua riquissima imaginação. Se elle quizesse escrever muitos livros d'esta especialidade, iria adiante dos phantasistas francezes do seu tempo. De capitulo em capitulo surge um episodio de novidade, e improvisa-se um scenario original. E tudo se une e harmonisa na mesma acção, nos meios mais oppostos, desde os bairros pacatos de Lisboa aos campos aguerridos de Bonaparte, desde amores singelos aos amores tragicos, desde o gorgeio dos rouxinoes até aos rugidos tigrinos do ciume e do odio.

Na architectura da phantasia é uma maravilha o *Livro negro do Padre Diniz*.

Nem se lhe póde facilmente summariar a acção, tão complexa ella é. Teremos, pois, de fazer um extracto extenso, para ver se apuramos o entrecho em volta do protogonista Sebastião de Mello, Duque de Cliton e Padre Diniz Ramalho e Sousa—tres pessoas distinctas em uma só verdadeira.

Este Padre, que nos *Mysterios* começa por nos im-

pressionar desagradavelmente, como mestre collegial de féra disciplina e feia catadura, vai a pouco e pouco avolumando-se, até que se mostra que foi general de Bonaparte e Duque do Imperio—quando este imperio, desabrochando do seio de uma republica, deu em alfobre de reis, principes, marechaes e duques...

Mas vamos a ver se relacionamos os factos.

Em 1780 morre em Roma, envenenado pelo Cardeal Pozzobonelli, Paulo de Albuquerque, que por sua vez envenenara o Cardeal, em virtude de ciumes provocados por uma sobrinha d'este.

Honni soi...

A' hora da sua morte Paulo d'Albuquerque entrega ao Marquez de Luso, sem lhe dizer a precedencia, o filhinho da Condessa de Viso, e juntamente um patrimonio rico, e mais um punhal, com certa legenda, para servir, como aconteceu, de documento decisivo do reconhecimento da paternidade.

Logo a proposito d'aquella mutualidade de envenenamentos, á romana antiga, nos apparece um trecho interessante, quando Pozzobonelli encontra a morte no instante de se entregar a entretenimentos de idilios com a sua amante:

> «—Canta-me versos de Petrarcha, minha gentil Laura—exclamou elle.
>
> «E a napolitana cantou. Ria-se, n'um rir de doudo, o cardeal. Em gratidão, cingiu-a pela cintura, e imprimiu-lhe na face um beijo de impuro fogo, mas do mais puro aroma do odorifero Syracusa.
>
> «Esta scena foi cortada por um grito. Da si-

ciliana não, que essa, toda alegria, como valida de uma hora, revia-se ditosa nas faces incendidas do tremulo cardeal.

«O grito era d'elle, e esse grito viera-lhe como do coração, rasgado a ferro.

«E outro grito, depois.

«E, depois, o collear das contorsões, arrepios interiores do veneno, o despedaçar-se rapido de uma organisação robusta.

«A espavorida moça, dez minutos passados, sentiu que aquelle corpo, estrebuchando entre os seus braços, paralisara de improviso.

«Não podia com elle; deixou-o resvalar...

«Quiz erguel-o, e não poude. Pediu soccorro...

«Acudiram os venerandos sacerdotes que commungavam nas sopas do cardeal.

«E o mais é que nenhum chorou, quando um d'elles, deixando pender funeralmente as belfas, regougou em diapasão de profunda magua:

«—Sua Eminencia... morreu!

«—Envenenado! acrescentou o medico, n'este momento introduzido no quarto.

«—Estamos nos tempos de Locusta—murmurou o chantre da real capella.

«—Falta-nos uma legislação como a de Lucio Cornelio Scilla, acrescentou um jesuita francez, que lamentou a morte do Cardeal Pozzobonelli, porque tivera n'elle, por trinta mil liras, um encarniçado inimigo contra os Jansenistas.»

Reatando:

A criança recebeu o nome de Sebastião, e como o

Marquez obtivesse transferencia diplomatica para Paris, levou o menino, entregue aos cuidados da sua amante Laura, formosa romana, que elle roubara á mãe.

Na capital franceza, porém, o Marquez de Luso muda de rumo ao coração, casando com Suzana de Monfort, que lhe era disputada, nem mais nem menos que pelo Conde de Mirabeau, *grande patife com muito talento*, como d'elle veio a dizer Bonaparte.

Na disputa amorosa, chegou ás ultimas o grande tr buno, e tanto que se dirigiu a Luiz XVI a pedir-lhe que promovesse um rompimento entre Suzanna e o diplomata portuguez.

Um bocadinho do respectivo dialogo:

«—Fazei-vos homem honrado, disse o monarcha.

«—Sustentae-vos rei inviolavel, respondeu o conde.»

Casou o Marquez, mas o pupillo continuou entregue á educação de Laura, que lhe queria como se fosse mãe estremecida. Mas esta, sentindo-se morrer, vai entregal-o á esposa do que fôra seu amante, e que de bom grado o recebe e amima.

Mas quem vinha a ser esta Laura!

Era filha de Pepa Marcella e... do Cardeal Rufo, vindo a ser esta filha do Cardeal que faz a entrega do filho da Condessa Viso á Marqueza de Luzo!

No romance, como se vê, já temos Monforts, dois cardeaes, Luiz XVI em pessoa, o Conde de Mirabeau, a fóra os Condes e marquezes de Portugal...

Mas vem ahi mais gente, porque n'esta altura entram

os Principes de Serboloni, de Milão, o duque reinante de Parma, Marat, Maria Carlota Corday, etc. etc.

E' o caso que Lelia, linda filha dos Serboloni, não se importou com o citado Duque, e toda ella se apaixonou por um napolitano, que parecia pessoa insignificante.

O Duque viu-o saltar os muros do palacio, travou-se duello, foi ferido, e, quando se restabeleceu, a formosa Lelia tinha abalado mundo fóra com o napolitano.

Ora a Pepa Marcella, mãe de Laura, vinha a ser a Lelia de Serboloni; o napolitano encobria a pessoa lubidinosa, aventureira e sempre diplomatica do Cardeal Ruffo, e Laura, a amante despresadora de Sebastião de Mello, era neta dos poderosos e orgulhosos Serbollonis, de Milão.

O que ahi vai!

Mas ainda vamos em menos de meio.

A desditosa Laura foi reconhecida como filha pelo Cardeal. Conheceu a opulencia e o prestigio, mas mulher de eleição, no meio do remoinho das riquezas nunca poude esquecer a criança... de que não era mãe, e que veio a encontrar homem feito quando já era Duqueza de Bouillon!

Regressando o Marquez de Luzo de Lisboa a Paris, encontrou Sebastião nos braços da esposa, certificando-a de que não era filho d'elle: fôra lhe entregre, ignorando quem era o pae.

E o pequenito, entre os baldões da sua sorte, tornando-se querido do velho pae de Suzanna, foi havido como filho d'este, e d'uma senhora, *sem nome*, que habitava no solar de Cliton, que elle pessuia nos arredoros de

Angouleme; e assim o portuguez Sebastião de Mello recebeu pela chrisma o nome Benoit de Monfort!

Estava-se n'isto quando rebentou a Revolução Franceza, e com ella, nos primeiros momentas, a omnipotencia de Mirabeau nos Estados Geraes.

O ciumento tribuno não perde de vista o Luso, que tiumphara sobre elle no coração de Suzana.

O portuguez foge para Caen, mas como bom portuguez, não está por muito tempo com escriptos no coração, apaixonando-se d'esta vez por Carlota Corday, nem menos, formosa revolucionaria, mas manietada na sua liberdade pelo sentimento.

Mas apressemos...

Morre Mirabeau, e o Marquez de Luso respira; mas, regressando a Paris, foi alli apunhalado pelo Cardeal Ruffo, vingador da filha. Mas attribuindo-se este crime aos protogonistas da Revolução, Carlota Corday, que ficára em Caen, corre a vingal-o apunhalando Marat, o feroz veterinario das cavallariças do Conde d'Artois.

E d'est'arte Camilio romantisa um dos mais famosos episodios da sangoeira revolucionaria!

Vejam como elle escreve, commentando:

> «Maria Corday deixou um nome para o culto de todas as gerações; mas o mysterio teria morrido com ella, se algumas paginas do Livro Negro não viessem cingir-lhe o busto de uma aureola, que não deixa ver-lhe na fronte o estigma repulsivo do assassino.»

Morre Suzanna; morre o velho senhor de Montfort, deixando tudo ao filho adoptivo, declarando-lhe onde está, no castello de Cliton, a legitima de seu pae; e Sebastião de Mello, emancipando-se da tutoria de um lord, vae alistar-se no exercito legitimista da Vandea.

Combate com denodo. E' ferido trez vezes, e desbaratado o exercito, vai para Londres, desembarcando com Puyssee no porão de Quiberou.

Nova metamorphose.

De guerreiro transforma-se em conspirador, e, por instigações de lord Greenville, propõe-se a matar Bonaparte, devendo entender-se com o Cardeal, que concentrava conspiração.

De repente muda-se o scenario, pois que o joven conjurado, defrontando-se com o Corso, que lhe sabia do intento, desarma-se com a serenidade affectuosa que n'elle encontra, e... entra no seu estado maior, até que se transforma em Duque de Cliton!

Vai para este castello; alli relaciona-se de amisade estremosa com o Visconde de Armagnac, e encontra thesouro de seu pae, e, com elle, o punhal por onde depois, como documento, havia de encontrar em Santarem, amortalhado no habito, aquelle que lhe dera a vida.

Mas tudo se complica. Assim vem a ter um duello com Armangac por causa de ciumes da Duqueza de Buillon, que era, nem menos, a sua primeira mãe adoptiva, amante do Marquez de Luso e filha do Cardeal! Mas tudo se aclara. Volta á dedicada amisade do Visconde, em quanto que Laura vai morrer n'um convento...

Terminado este episodio, surge logo outro, porque se apaixona por Branca de Clermont, da côrte de Josephina; mas esta, que amara outro homem, Ernesto Lacrose, que se encontrava no Egypto, recusa, e só violentada pelo pae se sacrifica ao casamento.

Segue-se um drama de torturas passado no castello de Cliton, onde, depois de mezes de amisade triste, chegam á apparencia de se amarem, nascendo d'esse amor aquella Duqueza de Cliton que os leitores conhecem dos *Mysterios de Lisboa*, por ter sido amante despresada de Alberto de Magalhães, de sua origem o *Come Facas*.

Mas surge Lacrose com todo o prestigio dos homens partidarios, transformado em *Cavalleiro Louis Le Pont d'Auvergne, dito oriundo de uma illustre familia da Picardia*, hospede do Marquez de Alençon.

A Duqueza, ao conhecel-o de longe, é atacada de uma congestão cerebral, mas ressuscita d'ella ao receber uma carta em que Lacrose lhe affirma que *é feliz*.

Recebe-o junto do seu leito de enferma; pelos jornaes sabe-se que Lacrose desertara; d'Armangac conclue que elle se encarna *no illustre filho da Picardia;* diz-lh'o, e elle confessa ser verdade.

O Duque de Cliton quer d'elle fazer seu intimo; elle retrahe-se, mas a confiança é completa, havendo no castello vida a tres, mas sem que Ernesto Lacrose e Clara de Charmont sahissem para tóra dos dominios do amor espiritual.

Mas por acaso, e independentemente das intrigas de uma mulher má, descobre-se que d'Auvergne é Lacrose

Então o Duque envenena a esposa e incendeia o castello.

Por sua vez Ernesto Lacrose apunhala o escudeiro do Duque, cuidando que mata o rival, e em seguida suicida-se.

Começa a perigrinação de Sebastião de Vasconcellos, Duque de Cliton, Padre Diniz Ramalho e Sousa.

Durante cinco annos vive entre os monges de S. Bruno, na Italia; com os coftas na America; serve de enfermeiro aos soldados feridos na guerra da Independencia, anda pelos desertos da Asia e pelos sertões da Africa...

Até que aporta a Lisboa cheio de martyrio, pois que no espirito se lhe fizera evidente a innocencia da esposa, martyr tambem.

Entra na sociedade, e a sua melancholia impressionante apaixona a D. Francisca de Valladares, filha do governador eleito do Brazil.

Mas essa paixão, que se lhe communica, não passa tambem dos dominios da espiritualidade: D. Francisca entra no claustro, e pelo que toca a Sebastião de Mello, Duque de Cliton, Padre Diniz Ramalho e Sousa, os leitores sabem de toda a sua vida fatidica pelos *Mysterios de Lisboa*.

Nada mais, como extracto do romance, e nunca fomos tão extensos n'estas summarisações. Como, de resto, não podia deixar de ser assim. Mas se o livro leva muito espaço a extractar, já não acontece o mesmo no apuramento dos trechos selectos, além dos ferteis e floridos vergeis da phantasia.

São elles os que se seguem.

Espiritos cynicos, faltos de senso moral, sempre os houve, mas variando com as circumstancias:

«Nos chamados *bons tempos* abundavam estes cynicos. E os de então maravilham mais que os nossos contemporaneos, porque a sociedade dos primeiros não gastava tão depressa o sentimento, não tinha as iguarias classicas, que são na sociedade dos segundos o despertador de um paladar embotado para as sensações brandas.»

Os grandes lances do amor precisam de uma impressão correspondente, e isto observa o auctor a proposito do exemplo dado por Carlota Corday:

«Está escripto que os grandes heroismos abortam no coração, se o golpe os não faz ressaltar como a faisca na pedra fria.»

Já as impressões por que o amor se desperta teem diversa psychologia, por que essas ficam intimas, alvoroçando o espirito.

«E' o silencio nos corações noveis, e uma florescencia de palavras no coração dos adultos; mas, por fim, são de lingua desconhecida, enigma indecifravel para o coração juvenil, e para o que já tem sentido repetidas impressões da mesma força.»

O comprometimento dos ingenuos é assim apanhado com fidelidade de observação:

«A innocencia, surprehendida em aparencias criminosas, condemna-se quasi sempre por uma

especie de mudez idiota, similhante á do crime sem defeza.»

A maldade a confundir-se com a innocencia, culpando-se uma, e irresponsabilisando-se muitas vezes a outra!

A intelligencia é tão necessaria, que até para soffrer e comprehender desgraças se requer.

O sentimento não basta.

«O soffrimento do imbecil tem a inercia que não commove, é surdo para os gritos alheios, é esteril de consolações para si e para os outros.»

Requisitos para a amisade:

«O verdadeiro amigo não é só o homem que soffreu, e diz com palavras commovidas a sua historia áquelle que póde contar-lhe outra Energia d'alma, sentimentos vividos, sympathia ardente, riquezas do coração são essas as que retribuem uma confiança.»

A opinião publica, ou seja ella *a opinião que se publica*, consoante a definia Marçal Pacheco, é assim tratada por Camillo:

«A mãe dos monstros em virtude e vicio, a matrona sem nome nem morada certa, que hoje nos dá um beijo n'uma nodoa infame, que ámanhã nos escarra na face pura.»

Para darmos o documento maximo da maleabilidade

do grande escriptor, vejamos os seguintes versos, que feitos ha cincoenta annos, se parecem com as cançonetas dos modernos cafés concertos de Paris:

Savez-vous comme à Cliton
On fait présentement l'amour?
Au lieu d'un aveu tendre,
Eh, bien
On commence pour prendre...
Vous m'entendiz bien ..

A la cour et dans le salon
On dit assez ce que vous êtes,
Monsieur de Cliton.

A la cour et dans le salon
On dit assez ce que vous êtes;
Et, quand on croit les affaires bien nettes
Il ne faut point le tambour ni trompettes
Monsieur de Cliton

Cousas leves e pesadas

Em trabalho de coordenação—porque se juntaram alguns folhetins a que se reuniram capitulos ineditos—feito em 1866 em S. Miguel de Seide, o auctor explicava, sempre fazendo espirito com o seu proprio trabalho, que este livro era destinado a leitura de carroção.

Mas as carroções passaram; estamos no tempo dos grandes expressos e das locomotivas electricas; tem-se muita esperança na viação aeria, no progredimento da *passarola* do Padre Bartholomeu de Gusmão, e o livro *Cousas leves e pesadas*, copioso reportorio de curiosidades historicas e romanticas, continúa a merecer o apreço de todos os leitores, que o manuseiam ao som do silvo das locomotivas.

Isto acontece depois de decorridos 45 annos da sua publicação nos prelos portuenses, já perdida a memoria de outras publicações no genero de diversos auctores massantes e soporiferos, e com a segurança de que mais annos hão de correr e elle ainda ha de *restar* como leitura sempre amena e sempre instructiva.

São quinze os capitulos que o completam, e de todos elles queremos dar uma noção succinta e precisa.

Logo o primeiro capitulo se nos apresenta com um titulo de apetite: — *Dois corações guisados.*

O primeiro cosinhado do *membro ôco situado na cavidade thoraxica* refugou-se em 1215.

Eis o caso.

O trovador Guilherme perdeu de amor com os seus requintes rimados a D. Berengaria, de Marselha, *que o amou de todo o peito* — a elle que, consoante a phrase de Sá de Miranda, *andara fadejando* impune por entre muitas castelans.

E incolume ficou ainda, fugindo á dita Berengaria, quando se viu livre, por *vomitos*, dos philtros cupidineos que ella lhe dera a beber.

Errou Guilherme de Cobestan de provincia em provincia, até que, em Sehilans, parou defronte d'uma Friolina Carbonelle, mulher de um gentil homem ferocissimo, chamado Raymundo.

Esta Triclina vingou a Berengaria. Guilherme rendeu-se, e, velhacaz, finge cantar louvores a Raymundo, quando elles, de verdade e intenção, eram dirigidos á esposa.

Mas por fim o enredo descobriu-se. Raymundo degolou a Guilherme, e tomando-lhe do coração, entregou-o á cosinheira.

Copiemos:

> «A' mesa do jantar foi servido um prato, cujo guizado vaporava aromas deliciosos.
>
> «Triclina comeu, saboreou, e não tinha mais que louvar do bem feito e apetitoso.

«—Gostas?—perguntou o monstro.

«—Gosto... Cousa assim tão saborosa não n'a comi ainda. Não é lebre, nem javali, nem altenaria das nossas terras. Que é, Raymundo?

«—E' o coração de Guilherme de Cabestan!»

O leitor imagina o resto, que tem este final: Triclina suicidou-se, indo os dois amantes repousar em mausoleu magnifico, que lhes erigiu Affonso II, rei de Aragão, que pelos modos era dado á protecção de adulterios.

O segundo *coração guisado* ainda é de mais antiga memoria.

Fez-se o manjar em 1185.

A castelã chamava-se Gabriella de Vergy; o trovador tinha o nome de Raul de Couci.

Raul e Gabriella—bonito rotulo!

«Verem-se e amarem-se foi obra de um instante, como dizem os caixeiros ás filhas do logista que moram defronte.»

Reinaldo de Fayel, marido de Gabriella, era ignorante, mas era esperto, e, desconfiado de tanta versalhada, pediu a um frade que a lesse e interpretasse.

E como certos versos fallassem em *amante*, Reynaldo arrecadou o documento.

O menestrel foi batalhar na Terra Santa, onde foi morto, providenciando para que o seu coração, embalsamado, se enviasse á mulher dos seus anhelos.

Ora esse coração teve destino egual ao coração de Guilherme de Cabestan: foi dar fundo no caçoilo.

Copiemos ainda:

«Está posta a mesa da ceia. Vem o prato. Gabriella come alguns bocados ao compasso que o marido lh'os está encarecendo como manjar de anjos, e inveja dos sabaritas.

«—Que tal? E' bom?—perguntou elle.

«—E'. Comi com vontade e prazer.

«—Mandei fazer este guisado—tornou o marido—por ser de uma carne muito do teu gosto.

«Ficou ella a scismar.

«E elle, como Gabriella lhe perguntasse que especie de carne aquella fosse, proseguio:

«—Então não sabes que é?

«—Não.

«—E' o coração de Raul.»

E morreu, *com o rosto alumiado de revérberos da luz eterna das almas em gloria.*

Amen.

Porque mais não diz.

—*Estudantes portuguezes em Salamanca.*

Acontecimentos referentes a estudantes sempre interessaram, ou sejam de hontem, ou sejam até da nova actualidade, que não é de grande alegria nos meios academicos.

Aquelle de que se trata data de ha dois seculos e e meio, quando a Universidade de Salamanca, ou quando as lendarias *Covas de Salamanca* eram frequentadas por aragonezes, estramenhos, biscainhos, gallegos, manchegos, andaluzes e portuguezes, sendo estes conhecidos por *viriatos.*

Andavam os viriatos de briga com os biscainhos, e,

conforme o espirito do tempo, e segundo Velloso de Lira, que escreveu o *Espelho de Lusitanos*, cada rapaz cá da nossa terra valia por um cento dos da Byscaia.

Alexandre Herculano dirigiu algumas ironias a estas tradiccionaes basofias indigenas!

— *O primeiro baile de mascaras em Portugal.*

Foi a 10 de Março de 1823 que elle se realisou no theatro do Bairro Alto, annunciado em cartazes como hoje já se não fazem com tantos dizeres promettedores de maravilhas, embora o reclamo do jornalista supra com vantagem o palavriado do emprezario.

Ali apparece a revelação de que eram frequentadores assiduos e enthusiastas d'este theatro alegre José da Silva Carvalho e Rodrigo da Fonseca Magalhães, aquelle de 41 e este de 36 annos de edade.

— *Portugal ha quatro centos annos.*

Vem a ser a reportagem de quanto foi visto, do norte ao sul, pela comitiva de Léo, Barão de Rosmital, que o Rei da Bohemia mandou em 1465 de visita a diversas côrtes, pedindo auxilio contra a investida das excommunhões do Papa.

Os auctores d'esta reportagem medievica foram um bohemio e um allemão, sendo a d'este que Camillo extracta na parte referente a curiosas notas sobre Portugal.

— *Saudade...*

Gosto amargo de infelizes!
Delicioso pungir d'acerbo espinho

Sabem que foi assim que Almeida Garrett definiu a saudade em versos *divinos*, como era proprio do *divino* Garrett.

Pois a definição não é bem do poeta do *Camões*, pois que cousas parecidas lhe chamaram D. Francisco Manuel de Mello nas *Epanaphoras*, Antonio de Sousa Macedo nas *Flores de Hespanha e excellencias de Portugal*, Fr. Izidoro Barreira no *Tratado da significação das plantas*, Manuel Severim de Faria nas *Noticias de Portugal*, e antes de todos estes Duarte Nunes de Leão na *Origem da lingua portugueza*.

Plagiato *arreglado* de Garrett?

De fórma alguma, tanto mais que este, embora Camillo se esquecesse de o notar, em diversas passagens dos seus versos accentua em notas que esta e aquella idéa ou imagem representam uma remeniscencia, de que aliaz não póde precisar a origem.

—*Folhetim scientifico.*

Estravagancias alegres, alegremente commentadas de um cathedratico universitario, Padre Bernardino de Santa Rosa, que se deitou a averiguações originaes, decidindo que o mundo foi criado no Outomno, que o diluvio universal foi uma historia, que o Paraiso se localisou na India Oriental, que Salomão mandou á villa de Rates, no Minho, buscar prata, macacos, oiro e pavões.

Etc., etc.

—*Hydrotherapica.*

Não se trata de uma monographia a serio sobre esta therapeutica, a que muitos recorrem para satisfazer o

desejo das doentes, que nas thermas e praias se aprazem de estadear as suas tafularias.

Nada d'isso. Apenas se tomam notas sobre o que deixou escripto o phisico Duarte Madeira, medico de D. João IV, contando que o receituario das aguas quentes, mornas e frias já vinha dos tempos de gregos e romanos.

Nihil sub sole novum!

— *O academico ambicioso.*

O auctor o diz: trata-se da noticia sobre um livro raro, de Antonio Alvares da Cunha, que tem um titulo de todo este tamanho:

Applausos academicos, e relação do felix successo da celebre victoria do Ameixial, offerecidos ao Excellentissimo Senhor Dom Sancho Manuel, Conde de Villaflor, pello da Academia dos Generosos, e academico ambicioso.

Os *Applausos* versam sobre a sangoeira que os portuguezes fizeram sobre os castelhanos sempre que treçaram armas, especialisando-se quinze batalhas memoraveis.

— *Uma gloria nacional.*

E' uma simples chronica encomiastica dos talentos artisticos de Arthur Napolião, quando elle andava nas azas da fama.

— *Almeida Garrett.*

Insignificancia litteraria do grande romancista — *Áliquando bonus...* —, em que aprecia, aliaz com os gran-

des louvores devidos, a superior individualidade do grande poeta e dramaturgo.

Verdadeira bagatela, que não merecia as honras do livro.

— *Um parente de cincoenta e tres monarchas.*

Foi em Braga que Camillo comprou por oito tostões um manuscripto de Antonio Manuel d'Antas de Vasconcellos e Castro, intitulado *Applauso genealogico.*

E este mesmo Vasconcellos e Castro, que foi professor primario na capital do Minho, vinha a ser o descendente dos 53 reis enumerados, a começar em Amalarico, 551 annos antes de Christo.

— *Gœthe aos escriptores.*

E' o caso de Eckermann, secretario de Gœthe, lhe ir surrupiando as philosophias.

E entre outras muitas considerações fazia estas, pelos modos:

> «Popular! Ninguem se magoe de o não ser. Mozart e Raphael nunca o foram. Não me comparo a esses nomes sublimes; mas tudo o que é grande e illustrado pertence exclusivamente á minoria. A minoria representa a razão pura; a maioria é o symbolo do turbilhão, da paixão, da irracionalidade...».

Da irracionalidade, é forte!

— *Os hospitaes do Porto.*

E' um capitulo historico, apurando as melhores averiguações.

—*José Droz.*

Traslada pensamentos do conhecido escriptor, segundo a traducção que d'elle fez Agostinho Duarte Pinheiro e Silva.

Finalmente o livro fecha com o capitulo intitulado:

—*Dezesete annos depois.*

E' um registo de memorias saudosas.

O auctor vai á sua estante, e por acaso sae-lhe á mão *A lyra da mocidade,* publicado em 1849.

Folheia-o, e vai annotando os nomes de Soares de Passos, Alexandre Braga, Gouveia Osorio, Azevedo Guimarães, Marques Rodrigues, Antonio Moraes, Arnaldo Braga, Teixeira de Macedo, Claudino de Faria, Ferreira Rangel, Jorge Pimentel, Marcellino de Matos, Coelho Lousada e outros.

1849! Ha sessenta e dois annos!

Todos morreram, excepto *Gouveia Osorio,* que vem a ser o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, antigo ministro, antigo cathedratico de Direito e actual Arcebispo de Calcedonia, com vida e saude para deixar um grande livro de *Memorias,* pois que sempre muito sabe quem muito viveu.

. . . . . .

O livro não é de azo, como livro de curiosidades historicas, litterarias e politicas, a bellezas de fórma e a pureza de conceitos.

Ahi vai, porém, o que podemos apartar.

A proposito dos *corações que foram guisados,* occupa-

se de mulheres, é claro, e a respeito d'ellas, pagando todas pelos feitos de uma, diz-nos:

> «As mulheres criminosas comem não somente o coração, mas tambem o figado dos amantes, e sobrevivem-lhes para novas anthropophagias. As de melhor condição, n'aquelles tempos, iam-se aos mosteiros, penitenciavam-se, e morriam cheirando a santas. As innocentes suicidavam-se.»

O auctor figura um dialogo com o citado medico de D. João IV.

Dialogo modelar:

> «Dito isto, o doutor Duarte Madeira Arraes, ergueu-se e acrescentou:
>
> «—Quer alguma cousa de mim?
>
> «—Desejava que me receitasse alguma cousa para a dôr do figado.
>
> «—Tome um caldo de carne de viboras.
>
> »—De viboras? O doutor cuida que as viboras se vendem na praça como as frangas?
>
> «—Eu appliquei muitas vezes a meu amo o Senhor D. João IV o caldo de vibora. No meu tempo appareciam em barda, quando é necessario.»

Como apparecem ainda hoje, embora não seja para applicações a caldos,

Euzebio Macario

Tem sub titulo este romannce: *Historia natural e social de uma familia no tempo dos Cabraes.*

Em quanto a nós, anda mal avaliado este romance, desde que por systema — a monomania do systema! — o enfileiraram na galeria dos romances *realistas.*

Não é tal: *é um romance de Camillo*, e Camillo nunca teve escola, deixando sempre no trabalho litterario a marca da sua individualidade, mesmo quando, sem proposito, se aproximava de alguma.

Quando muito, quiz mostrar que estava no poder do seu talento usar da technica do realismo, ainda com vantagem sobre os que ao tempo, entre nós, pontificavam na capella. Quando muito ainda, o *Euzebio Macario* é uma ironia aos exageros d'essa escola, começando por emparelhar o *Euzebio*, protogonista da *historia natural e social de uma familia no tempo dos Cabraes*, com os *Rougons Macquart*, de Zola, nas diversas taras que d'elles se especificam na *histoira naturelle et social d'une famille sous le second empire.*

Do *Santo da Montanha* ao *Euzebio* vai a distancia larga que se póde medir entre o drama e a farça.

Nem o auctor, de resto, quiz imprimir-lhe outra feição que não fosse a de uma caricatura de bom animo, esboçada e feita a esse mesmo *realismo*, que no seu periodo gestional em terras lusas, pela exageração de processos e pela soberbia incomprehensivel de alguns productores, estava pedindo, não o anathema condemnatorio — porque não se expurga o que tem justificada razão de existencia na evolução da actividade litteraria — mas uma *charge*, que por ventura pelo ridiculo conduzisse á emenda dos fabricantes.

E assim a obra sahiu de primeira grandeza, valendo mais, principalmente no dialogo e no descriptivo dos personagens — afóra a paisagem, que é somenos — que as obras de genero que a mocidade portugueza abundantemente importava de França.

Depois, é interessante a historia do livro, no motivo ou razão que determinou Camillo a escrevel-o, ao anoitecer da vida, com o nervosismo de um rapaz no impeto do seu temperamento e da sua ambição.

Foi o caso que D. Anna Placido, já ao tempo sua esposa, e que escrevera a *Luz coada por ferros* quando elle publicava as *Memorias do carcere*, atiçou-lhe uma vez em conversa o orgulho dos seus caprichos, dizendo-lhe que não era capaz de produzir novellas pelos processos da nova escola.

Era desafiar-lhe a penna, como a outro a que se desafiasse o pau ou a clavina.

Foi levantado o guante; Camillo de uma assentada fez a obra, e ao cabo de poucos dias atirou-lhe com o manuscripto ao regaço.

Desafiar-lhe a penna, que era a sua arma!!

E' quanto se conclue da dedicatoria—*Minha querida amiga*—do romance, que é, no fim de tudo, um primor, na concisão do entrecho, no flagrante da época, na galeria dos retratos e na perfeição ajustada da linguagem.

Esse entrecho é muito singelo. Poucos personagens, mas esses intensissimamente individualisados, de uma condensação psychologica e physiologica como não conhecemos assim egualmente tão bem acabados outros personagens de romances.

Em pouco se conta.

Euzebio Macario, pharmaceutico e cabralista enthusiasta, estabelecido com boiões de muitas pommadas em S. Thiago da Faya, era viuvo de uma mulher que lhe deixou tradicções cartilagineas, e tinha dois filhos: *José Fistula*, antigo seminarista e eximio dedilhador de fados, e *Custodia*, rapariga trigueira e sanguinea, muito saracoteada de desejos cupidinios.

Vivia esta familia curiosa muito aconchegada na convivencia do abbade da freguezia, o egresso *Fr. Justino*, espirito forte e estomago da mesma força, que vivia com *Felicia*, mulher de muitas graças carnaes, que principiara a vida por pastorear cabras nas serras do Barroso.

Da botica para o presbyterio, do presbyterio para a botica, n'um circulo vicioso de partidas de gamão e de enfartadas paparocas—tal era a sequencia monotona da vida d'aquella gente. N'isto apparece entre elles o *Commendador Bento José Pereira Montalegre*, chegado do Brazil com seis centos mil cruzados, a ver sua irmã Felicia, e aposentando-se na abbadia.

Como era de prever, enamora-se de Custodia; e como

esta, industriada pelo pae, se lhe difficulte, não se deixando render por atrevimentos e joias, o Commendador córta o nó gordio do conflicto, dando-lhe a mão de esposo.

Transmuda-se, transforma-se, transfigura-se *aquella famila*, que vai toda para o Porto, onde faz figura em jantares e bailes, mudando-se o Commendador em Barão, e ornamentando-se o Euzebio com a fita vermelha do habito de Christo.

Só fica em S. Thiago de Faia o Abbade a lenitivar-se das saudades na pessoa de *Eufemia Troncha*, que o amimava com petiscos e lhe chamava *idolatrado*, pois que a mana do Barão do Rabaçal se casa com José Fistula, dotada em quarenta contos de réis.

Estes são os personagens graúdos, mas ha muitos comparsas que completam o quadro dos costumes da sua roda, movimentando-o.

O romance é falho de considerações e conceitos, e n'elle o que mais se accentua é o retrato dos figurantes; e nós, que já demos as photographias de personagens caracteristicos de outros romances, devemos anotar que os d'este são os melhores de todos.

O auctor deu-lhes retoques de mestre, como á pedra bruta o estatuario do sermão do Padre Antonio Vieira, e, se não sahiram personagens para altares, apuraram-se typos para chromos divertidos, muito mais merecedores de painel que muitos homens, que assim andam immortalisados pela estamparia de muitas côres.

Apresentemol-os.

O de Custodia, que veio a ser boroneza por se tornar consorte do commendador e barão Bento José Pereira Montalegre:

«Era uma rapariga pimpona, de muitos seios e braços grossos, com prégas de carnação mole nos cotovellos e uma penugem de frutas mimosas que lhe punham umas tonalidades cupidineas, irritantes. Ella andava cheia de desejos animaes; queria feiras e romarias com bailados de saracoteios desnalgados, pelintras; pedia sócos de ponteiras de verniz marchetadas de amarello, com palmilhas de um escarlate de carne viva, e casibeques sarapantões de listas rubras e amarellas; lavava as pernas, brancas como pedaços de marfim polido das velhas imagens e macieiras setinosas, nos riachos, com grande desfaçatez e presumpção; bolia-se n'um quebrar de quadris reles de servilheta; tinha cheiros de mulher suspeita com grandes lampejos de oleo de amendoas dôces nos cabellos em bandós e muitos ardores.»

O animal berrante... em femea! Como elle nasce, e se cria, e se opulenta, expandindo-se com toda a força do seu sangue procreador, tanto nas cidades, como nas villas e aldeias, herdades e quintas isoladas. E' a mulher de Belot—*mulher de fogo*—mas muito mais de verdade!

E emquanto a seu irmão, o *Fistula,* por onde se perpetuou o sangue do Macario e da *Canellas*, sua mulher, ahi vai... elle—que é como quem diz... *ahi vai agua suja:*

«Era caçador e fadista de tabernas sertanejas. Tinha andado para padre, e esbanjara a heran-

ça materna em Braga, em orgias de frigideiras e na bohemia das Travessas, onde mulheres de saias engommadas que rugem, esfervilham, de penteados altos, untados, com muita caspa e fitas azues, e arrastam chinellas de ligas, com calcanhares de fóra a esbeiçarem, com claviculas esqueleticas mordidas das herpes e dos vampiros das noites vinolentas, cheias de delicias devassas e indigestões de iscas de cebolada. Elle voltara para o pae com grande humildade faminta de lazaro maltrapilho, com a camisa ruida de immundicie e cara chupada de deboches e bebedeiras.»

Os dois productos da botica, nados e creados na atmosphera do cerote de espermaceti, do bazalicão, das flores seccas do cergelão e da herva cidreira, para aromatisar, completavam-se d'esta maneira, ao natural

Mas ao lado da *Custodia* e do *Fistula* temos a *Felicia,* ama do Abbade e mana do Barão; e como é necessaria para o grupo, aqui a temos:

«Era uma mulher frescalhona, d'uma coloração sanguinea, anafada, ancas salientes, de 35 annos, muito lavada, a cheirar ás frescuras do linho, perfumada de alfazema. Ella amoriscara-se do padre, quando elle, no viço dos annos, sahiu do convento, tomando para si todas as liberdades permitidas pela Carta.»

Por ultimo o Abbade:

«Era oriundo do Barroso, onde as mulheres são cabelludas como as cabras, e teem pernas grossas, cepudas com borbulhas escarlates como rocas de cerejas, e mostram nos cotovellos umas durezas como cascas de mariscos. Creara-se nas leiras que escorregam pelas espadoas dos montes, retouçara-se nos fenos como os lobos fartos, e aos desoito annos uivava pelas femeas como os fulvos leões hyrcaneos. Em estudante era forte no thema e na brejeirice com grandes brutalidades montezinhas. Não tinha ideal: era um estomago com algum latim e muitas feculas; lia as *Georgicas* de Virgilio á sombra dos castanhaes, de papo arriba, á perna solta, como um grande rafeiro agoniado dos calores de Julho, que regala o ventre nos refrigerios da bafagem.»

Nos dois extremos, o Abbade e o Boticario; no meio —*in medius consist virtus*—a Custodia mais a Felicia.

Só é para lamentar que o Barão ficasse com o retrato diluido por muitas paginas, porque se ficasse acabado, prompto, com todos os retoques, como o do Fistula, o do Abbade, o da Felicia e o da Custodia, o sr. José Malhoa, arrumando-os em grupo, teria levado o mais aperitivo dos seus quadros para o Rio, enriquecendo, e dando nas vistas, a patriotica galeria do *Gabinete Portuguez de Leitura*.

Mas temos tambem, a par dos retratos, episodios de um grande relevo

Por exemplo, o que era nas gazetas o celebradissimo *communicado*, que já acabou, porque as *correspondencias* de hoje em dia são uma cousa muito diversa; o

que eram essas extravasações de rancor e perfidia, mostra-se n'esta resposta que o Abbade referido enderessou a «Um amigo da verdade», que se lhe dirigira implicativo e impertinente:

> «Appareça e traga tres focinhos, se quizer levar um direito para esfoçar no lodaçal da calumnia. Eu não costumo aparar a penna; mando entonar o fueiro de carvalho cerquinho, e prefiro desancar-lhe o palaio a ensinar-lhe gramatica, senhor «Amigo da verdade», senhor pedaço de besta.»

Não era a correspondencia de agora. Não eram os articulados particulares, que ainda de quando vez apparecem nos jornaes do Porto. Não era tambem a *mophina* brazileira. O communicado media-se, menos selectamente, em regra, pelo typo que acima copiamos

E para terminarmos, porque no que escrevemos fica toda a synthese do romance, damos o final, que é a chave de oiro, com que elle se conclue, como podia dizer se que com ella se fechavam os perfeitissimos sonetos do poeta Bocage:

> «O Abbade, dias depois, reconciliado com a desgraça (o casamento de *Felicia* com o *Fistula*), entrava na residencia, e perguntava a Eufemia:
>
> «—O' rapariga, tu tens irmão no Brazil?
>
> «—Porque perguntas isso, ó idolatrado?
>
> «—E' que se tivesses, elle entrava por ahi barão, e eu, n'esse caso, precisava desde já ir

deitando o olho a quem me viesse governar a casa.

«E ella, explosiva de riso e ternura:

«—Isso é que tu querias, idolatrado!

«E punha-se a catal-o.»

Nunca foi mais bem empregado um ponto final n'uma historia *natural,* porque a nota *social* vem a ser dada pelo adjectivo *idolatrado.*

Se á novella correspondesse uma realidade, devia de ser assim.

A começar pela caçada aos bixos.

Noites de Lamego

Em prefacio dá o auctor explicação do titulo do romance:

Sendo *proverbiaes em cumprimento, profundidade e largura as noites d'aquella terra, para uma d'essas noites infinitas cuidou o auctor devia de ser, n'umas compleições, leitura de engulhar o somno, e n'outras, distractivo expediente para aligeirar as horas.*

Assim devia de ser... *in illo tempore*... n'aquelle tempo, não sabemos se feliz se tempo infeliz, em que a provincia, com a cidade de Lamego á frente, necessitava de litteratura amena para abreviar as noites frias de inverno.

Para o intento, de ha annos a esta banda, devem de ser leitura que farte, as columnas cheias dos jornaes politicos.

Progresso!

Não se trata de um romance; nem de uma novella, e diga-se de passagem que Camillo equipara por muitas vezes, sem distincção, *novella* e *romance*.

Nem tão pouco se trata de *contos*, na acepção con-

sagrada d'esta palavra. Os capitulos em que o livro se divide são narrativas; são *episodios;* são curiosidades. Podia ainda, no seu tempo, dar-se-lhes o nome de folhetins a alguns d'elles.

Mas sejam ou não sejam novellas, romances ou contos; seja qual fôr o nome que se lhes dê mais apropriado, que mais calhe ao assumpto, que de capitulo em capitulo muda de feição e varia de caracter, as suas dez divisões, que completam o volume, são quasi todas de preciosa leitura, seja qual fôr a nota que n'ellas se desfira.

Quasi todas, dissemos, porque na verdade havia que deitar fóra, pouco que fosse, pela sua vulgaridade, que apenas se justifica pela necessidade de satisfazer o commercio da editoração.

Entra logo nos dominios d'essa vulgaridade o 1.º capitulo—*Lãs e algodões*.

Trata-se de um mero episodio picaresco, precedido por uma dissertação... O grande Balzac dissertava muito, e, por exemplo, nas *Illusions Perdus*, ha um verdadeiro tratado sobre a industria do papel.

E que de grandeza é essa dissertação!

Camillo tambem seguia o processo, embora ao de leve, e é assim que discreteia sobre a utilisação da lã, desde Caim... até á introducção dos carneiros na Austria em 1775. Mas na vulgaridade erudita d'esta dissertação até a nota humoristica de Camillo se perdeu!

Mas o picaresco?

O melhor é transcrever:

«Profirio entrara no baile, e, feitos os cumprimentos, foi fumar. Voltou á sala, e disse a Itel-

vina, com fatuo sorriso de quem disfructa o proximo: — «Está hoje muito bonita; o seu seio é de jaspe.»

«E, quando isto dizia, ouviu a voz de um grupo, que o escutava, accrescentar:

«— E de algodão.

«Profirio encarou no homem que tal dissera: mediu-o de alto a baixo, e murmurou:

«— Retire a palavra.

«— O algodão?

«— Sim, o algodão.

«— Não retiro, cavalheiro, porque eu sou o proprietario do peito d'aquella fada.

«— Mente, retorquiu Porfirio.

«Pois bem: as nossas espadas abrirão boccas mais verdadeiras.»

Chamava-se Felisberto este má lingua, e, como fica previsto, houve duello entre Profirio e Felisberto.

Não houve, porém, consequencia de maior; feriu-se um peitilho de camisa esplendente e magoou-se a ponta de uma gravata azul celeste.

Lavrou-se a respectiva acta; fez-se reconhecimento, para Felisberto, da propriedade do peito da dama em materia de algodão, e, como era da moral, o Felisberto referido, pelo matrimonio, ficou proprietario incontestado de todo o peito da illustre senhora.

Dois casamentos.

Amores infantis de duas crianças: Guilherme e Helena, sendo a menina filha estremecida do professor do rapaz.

Mas para o casamento são pobres, e a pobreza raris-

simas vezes garantiu a felicidade fóra da poesia. Para lhe obviar, Guilherme vai para o Brazil a melhorar de vida, mas, em vez da fortuna, sahe-lhe ao encontro a doença, que o obriga a regressar á patria. E pobre como abalara...

Tendo havido desencontro de cartas, Helena, suppondo que Guilherme morrera, conforma-se com a vontade de seu pae e da Condessa de Prazins, em casar com Francisco d'Alpoim, poeta e jornalista, mas encontra de improviso o ente querido, quando este, sabendo do casamento projectado, se propunha a voltar ás terras brazileiras.

Dá-se então uma scena nos dominios do espirito immaculado: o jornalista e poeta cede da noiva, sendo pago d'esse desprendimento com a mão da Condessa viuva, que elle sempre amara em segredo... que ella adivinhára.

Quando Guilherme averigua do pae de Helena, antes da partida para o Brazil, se poderá casar com a filha, o velho professor dá lhe, por entre expansões afflictivas, esta lição da vida positiva e dura:

> «Querias ser meu filho para me herdar o meu Horacio de 1629? e o meu Thucydides de 1731? E's tolo, Guilherme! Melhor fôra ser filho d'aquelle forçureiro, que ali mora de fronte, que já tem um filho conego, e prepara outro para os conselhos da corôa. Tu não sabes o que é ser pobre!...»

E ainda o *ser pobre* é a grande tristeza da vida, no meio de todas as folganças aparatosas e progressivas de

uma civilisação destrambelhada que se permitte brodios de egualitarismo !

O tio egresso e o sobrinho bacharel.

O sobrinho é todo elle progresso e mais progresso. A par é todo litterarura, saboreando a *poesia com nervos*, rindo-se de Bernardes e desdenhando a grammatica.

Tendo-se-lhe multiplicado a descendencia por numeros infinitos, conforme se encontra averiguado !

Mas o bacharel tem sempre replica na ponta da lingua para objectar ao tio, e a narrativa, cheia de erudição, não cança, antes nos prende e encanta, pelos processos da melhor critica litteraria.

Para que se veja e se admire :

«—*Sobrinho*—Vamos ao serio : em que está a nossa desmoralisação ? Quer-me fallar do amor ? da sede do infinito ? d'essa sublime loucura da paixão dos anjos que nos preluzem os páramos da gloria, da luz infinda ?

«—*Tio*—Não entendi. Isso é Seneca ou Cicero ?

«—*Sobrinho*—Isto sou eu.

«—*Tio*—Lá me quiz parecer que eras tu, meu sobrinho. *Que preluzem* os páramos ?

«—*Sobrinho*—Chacoteia vossa reverendissima ?»

Mais :

. . . . . .

«—*Tio*—*Da versão biblica*... ora essa ! Vocês sabem lá o que é a Biblia ?

«—*Sobrinho*—Eu sei mesmo os lances da Bi-

blia em que os velhos são severamente corrigidos pelos rapazes. Meu caro tio, a questão não é de latinidade, é de cabellos brancos. A decrepidez doe-se porque temos os cabellos negros.

«— *Tio* — Necedade pueril... Vamos á Biblia. Dá-me conta dos anciães corrigidos pelos rapazes.

«— *Sobrinho* — Ahi vou. Daniel, o propheta, contava doze annos de edade, quando reprehendeu Sedecios e Achob, dois anciães, que espreitavam, direi só *espreitavam*, Suzana no banho. Isto é assim, meu tio?

«— *Tio* — Vamos adiante.

«— *Sobrinho* — Deus disse a Jeremias, aos deseseis annos de edade, que pregasse a moral aos velhos. *Puer ego sum*, disse Jeremias: «sou muito rapaz.» Os anciães no reino de Juda eram para mais de cinco mil, e o eleito para a morigeração dos velhos foi um mancebo. Salomão tinha doze annos quando julgou entre as duas mulheres, que se disputavam o filho. Sou eu que minto, ou a Biblia?...

«— *Tio* — A Biblia tem varias interpretações.

«— *Sobrinho* — E a historia? Valerio Corvino foi consul aos vinte annos; Pompeu, aos desenove annos capiteneou trez legiões. As cans o mais que indicam é velhice. *Cani indicis aetatis*: isto é de Cicero. Nós, os rapazes, lemos Cicero. Nada ha ahi mais torpe que um velho, fazendo alardo de muitos annos como prova da sua muita vida. *Nihil turpius est quam grandis natu senex, qui nultum aliad habet argumentum quo se pro-*

bet diu vixisse praeter aetatum. Isto é deSeneca. Nós, os rapazes, lemos Seneca.»

Etc.

Devendo notar-se que os sobrinhos de então, egualando-se a alguns de hoje na impertinencia, ainda pelos modos liam a Biblia, e Seneca, e Cicero...

Hoje não leem nada, e pretendem adivinhar tudo.

Tramoias d'esta vida.

O titulo não condiz com o assumpto. Parece prometter risos, e, no entanto, ao contrario, conduz a tristezas.

Gastão de Mendonça, morgado de Pinhel, toma para si, aos quarenta annos, a Balbina, pobre rapariga e rapariga pobre, que se lhe entregou por amor.

O morgado, saciando-se, abandona-a, e casa com a fidalga D. Perpetua, abelha mestra, muito sabida, que vinga a pobresinha da Balbina, atraiçoando e empobrecendo o marido.

Mas...

Mas a Balbina, que se mettera a apascentar cabras na serra do Laboreiro, apparece um tio muito rico, João Moreira, chegado do Brazil.

Este quer vingar a sobrinha, mas ella é tão rica de sentimentos, que elle apenas consegue que a rapariga, herdando os seus bens, os destribua pelos pobres, recolhendo-se a um convento, e deixando garantido o pão da vida ao fidalgo vilão que a desgraçara.

Tramoias da vida? Tristezas da vida, era bem melhor.

Dois murros uteis.

Como o auctor nos diz, *as pessoas que fallam* são Bonifacio José Andraens, D. Luiza Andraens, Wenceslau de Mendanha e Joaquim Gonçalves Parada.

Os dois ultimos disputam a senhora referida, que é mulher do primeiro, e em quanto o Mendanha e o Parada se ajustam para um duello, o Andraens ferra-lhes dois murros de ver as estrellas em casa ás escuras.

Os murros liquidam a pendencia, pois que no conceito de quem os deu foram uteis *a elle, a sua mulher, á sociedade e aos costumes nacionaes.*

A formosa das violetas.

Abre por um trecho de folhetim publicado no *Jornal dos Debates*, e assignado por Julio Janin, que no seu admiravel estylo, singelamente descriptivo e encantador, nos apresenta uma formosa mulher *recamada* de violetas, visto que o verbo deve ser tão applicado ás flores como é de costume applical-o ás pedrarias.

Ora esta bella mulher das violetas vinha a ser Mademoiselle Locre-Veimers, que casou com José Joaquim Gonçalves Bastos, que veio a ser no Porto o jornalista serio, de grande e justificado prestigio, redactor do *Nacional*, esquecido dos homens e dos governos, que a sua penna ajudara a erguer ás maiores elevações.

E a formosa das violetas, de que a penna de Janin celebrara a belleza omnipotente, retratando-a a subir as escadas de um theatro parisiense por entre alas de admiradores, ali morreu no Porto, conhecendo a miseria, companheira fiel do velho jornalista pobre.

Como ella o amava!

E' um quadro de mestre, perfeito de côres locaes,

aquelle em que Camillo descreve, intensivamente, as tradicionaes festas do Cavez, entre Minho e Traz-os-Montes, em dia de S, Bartholomeu—*dia em que o diabo anda á solta.*

E no quadro mette um episodio de amor: a disputa de Izabelinha do Reguengo por João Lobo, de Cerva, contra Victor, de Mondim.

Assestam bacamartes; cahem ambos em terra, e Izabel, chorando o João Lobo, acaba com a vida, suicidando-se.

Mas isto é nada: o tudo, o muito, é o descriptivo da novella, que sendo, por ventura, de phantasia, muito bem podia ser de verdade.

Historia de uma porta.

No Rio Beça, em Bragadas, andava Camillo em busca das saborosas trutas, como ainda ha poucos annos seu sobrinho Antonio, quando ministro, as procurava nos ribeiros da Samardã, regalando-me com ellas nas Pedras Salgadas...

Mas não voltemos olhos atraz nos caminhos da nossa vida!

Fazendo noite, e em busca de abrigo, Camillo foi *rebentar* á porta de João Barroso, o mais rico lavrador da povoação.

Ora foi exactamente a porta da moradia do Barroso que forneceu o titulo, pois era uma porta floreada de anjos e apostolos, rendilhada de florões, laçarias, refendimentos e relevos do mais luxuoso cinzel.

Mas quem a mandou construir? Foi o Padre Domingos Carneiro, que fugira para o Brazil por haver desgraçado uma moça, e que de lá voltara com dinheiro que farte para aquellas cavallarias de esculptura.

Mas de repente morre o Padre Domingos, e um bastardo preto, que elle trouxera e ordenara em Braga, foge com o dinheiro, de maneira que a porta fica como amostra do que havia de ser um palacio em Bragadas.

O Infante D. Daarte.

Vem a ser a commemoração do 212.º anniversario do homicidio de D. Duarte de Bragança nas masmorras do castello de Milão.

E' uma pagina de historia patria, como milhares de paginas nos podia ter legado Camillo Castello Branco, escriptas com o superior criterio de analysta que elle possuia, como suprema qualidade da sua individualidade de escriptor, se lhe tivessem sabido garantir, desciplinando-se, o seu indefesso trabalho.

O Infante D. Duarte era irmão de D. João IV, e servia o Imperador d'Austria, que subserviente para com a Hespanha, o metteu no castello da Roqueta, onde agonisou oito annos, até que a morte o alliviou da pesada existencia.

Cezar ou João Fernandes?

Cezar amou Clotilde, e Clotilde amou a Cezar...

Mas quem era Cezar?

O auctor responde: um quartanista de mathematica, de 24 annos, moço muito bem posto, com uma testa significativa de talento, olhos grandes, negros e scismadores, bigode turco, lustrosos cabellos, luneta e outras variadas excellencias phisicas, muito de impressionarem damas.

A menina Clotilde era filha de Ignacio Leituga e de sua mulher Caetana Emilia.

Ignacio foi legitimista, mas fez-se liberal, e acabada a guerra, quando se preparava para se amezendar no banquete do Orçamento, topou com destino melhor, casando com a filha do proprietario da *Estalagem da Forçureira*, á Ribeira Velha, da cidade de Lisboa.

Por morte da sogra ficou rico; de um convento da sua terra fez um palacio, e indo por ali adiante, foi commendador e foi deputado.

Mas se Cezar amou Clotilde e Clotilde amou a Cezar, o amor não passou além da primeira impressão, pois que entre Clotilde e Cezar surgiu João Fernandes, que vinha a ser o filho e successor do Barão de Penajoia, que fôra á Foz na piugada de D. Filippa de Paiva e Pona, fidalga de Canellas e morgada de Encalvados.

Estes dois haviam comido de companhia aletria e arroz dôce, enchendo ao mesmo tempo coração e estomago, de fórma *que se ataram com tão cego nó, que parecera ser aquelle amor para disputar constancia e duração com a eternidade.*

Cezar e Fernandes apostaram a conquista de Clotilde.

Cezar era intelligente e poeta; Fernandes era estupido e grosseiro. Um fazia jogo de versos; o outro manobrava com o atrevimento.

E venceu o da audacia, que só não chegou ao matrimonio porque a dos Encalvados, D. Filippa, lhe appareceu de tesoura em riste, ameaçando o, de grande escandalo, como *prima capientis* da sua alma e do seu espirito—uma hypothese.

Mais não contém o livro, de que vamos dar as transcripções annotadas, além das já referidas.

Temos a descripção de Vianna, em poucas palavras, mas que bastam para seu fiel retrato:

> «A louçã namorando-se do Occeano, esquiva formosa que vacilla entre deixar-se amar das ondas, que lhe beijam os pés, ou dos arvoredos, que lhe enramam a fronte.»

O auctor disserta mais uma vez sobre o copioso assumpto das lagrimas:

> «São o licor de umas glandulas chamadas lacrimaes. A dor que se chora, gasta-se. Nenhuma paixão resiste quando começa chorando. E' uma regalia o desabafar em prantos.»

As dôres que não choram talvez se gastem primeiro; mas, seja como fôr, se as lagrimas são uma regalia, de boa feição desistiriam d'ella os desgraçados que choram e nunca são consolados!

N'este tempo de fertilissima invenção de verbos—*homenagear, paranimfar, ovacionar, recepcionar*—e tantos mais, tantos outros da mesma genealogia, archivemos que Camillo adivinhava os inventores ha cincoenta annos.

Falla um sujeito qualquer, muito rhetorico:

> «Aqui estou. Bebamos! e *confidenciemo-nos,*»

Os sujeitos inventores de hoje são parentes d'este.

O *confidenciemo-nos* apparece-nos em gripho; e n'este caso o gripho é a nota do ridiculo para os inventores do futuro.

A bondade e a mocidade, em regra geral, andam juntas, de companhia.

Ha, porém, excepções, e muitas; mas não nos importemos com ellas, ficando por uma das feições da regra geral:

> «Aos vinte e quatro annos todo o homem recebe do Creador a mercê de lhe mostrar a formosura da natureza, como elle seria sempre se não fossem as paixões más...»

Concordamos, mas o peior é que essas mesmas *paixões más* são um producto da mesma natureza, porque foi no meio d'ella que se formou, organisou ou constituiu—como quizerem—a chamada *sociedade*.

Se não, vejam:

> «...as almas mais refinadas em poesia—almas empestadas e perdidas,—se não tomam tento no corpocostumam conformar-se e resignar-se quando a sorte as une a outras almas aleijadas com o peso de algumas dezenas de contos de réis.»

O vil metal...

E boa peça, a tal sociedade formada no meio da natureza!

Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado

E' um romance de alegria, romance pittoresco. Verdadeiramente é um romance de caricatura, por ventura em excesso.

Descreve-se, em figura de homem, um aborto phisico, que se cultiva pelo amor na calda substanciosa do dinheiro. E com elle consegue tudo, requestado de mulheres bonitas, vencendo desdens, e chegando á conclusão do casamento com a mulher, que começara por olhal-o com a sobranceria da sua superioridade.

Basilio era filho unico, o *ai Jesus* idolatradro de José Fernandes e de sua mulher Bonifacia Teixeira, ricos mercieiros estabelecidos na cidade do Porto. A natureza prodigalisou-se-lhe no tamanho descomunal da cabeça, que era enorme; e tanto, que um seu tio frade, tirando-lhe prognosticos da grandeza do craneo, costumava dizer d'elle :

> «Este menino póde vir a ser um grande sabio n'uma ordem rica.»

Ao que José Fernandes objectava:

> «O que eu quero é que elle seja um negociante fino, e que dobre o patrimonio com a sua agencia.»

Mas o rapaz não se seinclinava para os negocios licitos ou illicitos. Deu-lhe a orientação para o amor, e a primeira mulher dos seus anhelos foi Bonifacia, afilhada de sua mãe; a qual Bonifacia se chrismou em Custodia, passando depois para Itelvina, seguindo assim a mudar de nome á medida que fugia da prosa para a poesia, segundo o reportorio romantico dos bailes da *Terpsichore* e da *Philarmonica,* que no tempo da menina Itelvina e de Bazilio Fernandes faziam as delicias da burguezia portuense, com musica aos domingos e dias santos no jardim da Cordoaria.

Apesar da riqueza, a poesia da rapariga desdenhava da prosa desajeitada do rapaz, e foi assim, homeopathicamente, que elle procurou desaffogar-se com amores de cathegorias diversas, passando de criadas de convento a secias lisboetas, e d'estas tafulonas garridas a mulheres de theatro, gastando á larga para desperdiçar o soffrego coração pelas Babilonias que lhe recommendavam pessoas experimentadas, desde a cidade de Ulysse á *urbs* moderna chamada Paris.

Mas por entre reprimendas paternas, sacrificios e carinhos de mãe bondosa, troças de pandegos farcistas e disfructadores, quedas de cavallos, banhos forçados no Douro, sonhos desfeitos e realidades deprimentes, Bazilio Fernandes Enxertado voltou á primeira fórma, isto é,

ao coração de Itelvina, que começara por chamar-se Bonifacia, passando a dar pelo nome de Custodia.

E com ella casa, depois de viuva abandonada de um bandalho chamado Henrique Pestana, que de litterato somenos se transformara em agiota de muitas habilidades.

Voltou ao principio, como era dos livros. O seu coração não podia, afinal, sahir para fóra d'aquelle circulo vicioso de esperanças e decepções. De lá não sahiu, e dentro d'elle, afinal, veio a ser muito fellz, ao que parece.

No romance ha typos bem delineados e bem acabados, com toda a accentuação precisa: o de José Fernandes, mercieiro que contrabandeava e enriquecia á larga; o de Manuel José Borges, despachante da alfandega, que se sabia acomodar a todas as philosophias praticas da vida; o das comadres Bonifacia e Custodia, que merendavam sallada e peixe frito em Val-Bom e S. Roque da Lameira; o das meninas Raposeiras, janotas de Lisboa, de olho solerte, em descobrimento de matrimonio de conveniencia.

São typos de comedia e de drama tambem por vezes, consoante as circumstancias, como de resto é a vida de quasi toda a gente n'este vale de lagrimas, sob todas as atmospheras, latitudes e civilisações; mas pessoas que sabiam, como não acontece hoje em dia a toda a gente, acomodar-se n'essas circumstancias, como sendo o meio que se lhes tornava proprio.

O auctor joga á sua vontade com todos aquelles fantoches, como se désse espectaculo para uma alegria geral. Põe-os em acção, movimenta-os, e, no choque das

suas virtudes e ridiculos nativos, dá largas ao contentamento geral dos espectadores.

E' um romance que ao ler-se nos produz a sensação de nos encontrarmos n'um theatro de comedia.

Parece mesmo que se representam scenas, e que o pano se baixa e se ergue para a um acto de alegria se seguir um acto de hilaridade.

Agora passamos a copiar, principiando por uma preocupação critica para com o meio academico de Coimbra, que Camillo nunca quiz observar bem, ou por effeito de um justificado ressentimento (1) ou, por ventura, em resultado de o vêr atrevez a má vontade de quem não tinha observação alguma:

> «Isto tinha Coimbra ha quinze annos. Se um moço palavroso, satyrico, desleixado da sua compostura, ebrio insultador de verdeaes, maldizente de mestres, não conseguia estimação publica, era pelo menos certo grangear fama de talento, e um desgraçado prestigio entre seus contemporaneos mais convisinhos de seus vicios.»

Não está certo, como podiamos mostrar pela época a que se refere, citando nomes.

Mas fica esse trabalho para o sr. dr. Theophilo Braga, devendo aproveitar ensejo para se tecer uma consagra-

---

(1) Camillo, proposto para socio do Instituto, não foi admittido !!

Seria um episodio curioso de minudenciar-se, mas entendemos que ainda não é tempo...

ção, e dirigir mais ironias ao *meio coimbrão*, onde se educou e se fez homem de letras.

A fava...

O famoso legume merecia bem uma monographia, em que occupasse as horas um erudito de curiosidades.

Desde a phrase consagrada—*favas contadas*—, testimunhativa de uma affirmação de plenissima certeza, de sciencia certa popular, até á expressão desdenhosa, que se antecede do verbo *ir* no seu imperativo, a fava dá, por egual, para muito manjares de Luculos e para muitos temperos linguisticos.

Até entre os legumes foi escolhida, desde tempos de que se perde a memoria, para se utilisar como meio de prova de meritos e demeritos.

D'ahi esta nota, a proposito de certo litterato estroina ser regeitado para socio de uma academia de dança:

> «A fava é, desde muito, considerada como representante das consciencias, que opiniam sobre o merito dos outros.»

O leitor sabe, eu sei, todos sabemos que ha no mundo creaturas desafortunadas em que não vinga cousa boa, ainda que muito mereçam.

Mas nem o leitor, nem eu, nem qualquer de nós fizemos como primor esta observação:

> «Ha por ahi ferventes e magnificos affectos que morrem obscuros por causa dos individuos.»

Nem pelo coração conseguem fazer-se valer, coitados d'elles!

Desfazendo no panegirismo, attribuidor de grandes cousas a todos e quaesquer effeitos:

> «O terror tem sido, algumas vezes, o mais avisado conselheiro nas angustias. Muitas victorias, que a historia attribue ao denodo dos generaes, foi o impeto da resolução extrema do mêdo que lh'as deu.
>
> A batalha de Canas, da Pharsalia, de Narva, de Austerlitz sem o terror dos vencedores, seriam meros recontros sem consequencias.»

Mudando de tecla, vejamos uma das qualidades do amôr, *que iguala* todos os homens:

> «Reparem que o coração Quasimodo amava mais que o coração de Narciso.
>
> «Estas duas entidades phabulosas espelham a verdade observada da condição da especie humana, a mais illogica de todas as especies.»

Reconhecida esta verdade, como se vê, pela propria phabula, que aliaz sempre equivaleu ao decantado realismo moderno!

Um tratado:

> «As mulheres amadas, conhece-as pela côr quem quizer estudal-as entre os dezoito e trinta annos. Errados poetas e romancistas escrevem

que o amôr alegra os temperamentos melancolicos, e dá vertigens de prazer aos temperamentos alegres. A mulher, que se crê amada, e que se compraz de o ser, enlanguesce como a flôr muito beijada: centuplica-se-lhe a ternura, o mimo, a denguice, um não sei quê em que ella acha um outro não sei quê de adoração de si mesma.

«Qualquer menina, ainda hontem folgazã n'um baile, vêde-a, no baile de hoje, como ella está angelicalmente scismadora, devenada, assim como noiva que se peja de o ser de vinte e quatro horas. O segredo de tão estranha transformação sabe-o aquelle moço de aspeito brando, que a está contemplando de longe, e que hontem lhe disse que saberia morrer não conseguindo ser amado d'ella.»

Mas o dinheiro, como se vai mostrar, opéra transformações similhantes:

«Não pode dar-se a razão, seria nem jocosa d'estas transformações, feitas pelo dinheiro no mundo que cerca e civilisa o homem dinheiroso pela atmosphera que respiram os pulmões robustecidos de sangue bem clarificado pelo oiro.»

Não pode dar-se, essa razão, mas no que todos accordam é n'esta sentença:

«As testemunhas das affrontas são as que dão valentia aos affrontadores.»

Seguem-se variações sobre a impressão que a mulher produz na escala dos sentimentos do homem, conforme o seu temperamento e meio social:

> «Ha pessoas muito mal informadas do coração humano.
>
> «Cuidam estas que certos homens recebem as impressões por uns nervos que não são os nervos por onde calam os filtros das paixões de *Werter* e de *Amaury*. Crasso erro!»

E' tudo o mesmo barro, ou seja o mesmo sangue e a mesma carne.

Em regra geral, é claro.

Continúa:

> «Ha um ideal commum de todos, ideal que dispensa consumo de idéas; cousa em si materialissima, que se chama ideal em virtude de tacita convenção, feita ha cinco mil annos, de nos enganarmos uns aos outros, e cada qual a si.»

E ha 5.000 annos já havia, por certo, algum Le Bon, que fizesse phylosophia sobre toda a casta de mentiras e convencionalismos.

Continuando:

> «Este e aquelle, em presença da mesma mulher, sob a pressão da mesma atmosphera, hão-

de enternecer-se por egual vehemencia, e arrobarem-se nos mesmos enlevos. Acontecerá ao moço culto, que aprendeu a lingua das paixões, exprimir a sua: emquanto o filho das montanhas, o analphabeto, abafados os orgãos expansivos da eloquencia, recalcará ao amago do seio as commoções, e dará ao seu arrobo a duração de um sonho de toda a vida.»

O auctor exemplifica a este respeito:

«Eu conheci um homem de quarenta annos nas abas da serra de Mesio, em Traz os Montes. Era triste, inalteravelmente triste, como o pae amantissimo que contemplo um filho morto. Perguntei-lhe o segredo da sua tristeza. Respondeu-me assim com esta singela melancolia: Ha vinte annos que eu vi n'uma procissão em Villa Real, uma menina de quinze annos, ou pouco mais, vestida de Santa Maria Magdalena. Fiquei a scismar com esta menina, e nunca mais fui bom; perdi e minha alegria; e por mais que faça, em eu querendo espalhar a minha tristeza, vem logo a imagem, que eu vi ha vinte annos, apertar-me o coração.

«—Era muito linda?

«—Como as estrellas do ceu! respondeu, e limpou as lagrimas.»

Pobre homem!

Mas d'aqui a duas gerações já não haverá poetas pa-

ra estas tristezas, á falta de ceu, acabado por decreto ou carta de lei.

Agora uma observação sobre côres, reflectida do espirito das pessoas:

> «O pudor, leitores, é a mais geitosa das máscaras, que toda a casta de escarlate, que sem aquella palavra não saberiamos dizer o que é.»

De modo que, sem o pudor, não poderiamos avaliar pelas gravatas, de laço ou de *plastron*, a politica dos seus donos.

E ahi temos para que pode servir, além dos recatos da modestia, que tão bem ficam e assentam na educação das donzelinhas, a sua côr de rosto, quando as impressiona uma palavra dôce ou um olhar innudado de ternura!

Bom é saber-se que pela poesia se póde chegar á prósa chã. Ha exemplares raros de conformação. Principalmente na mulher, que tem, incontestavelmente, esse titulo de superioridade sobre o homem, embora não seja de titulos como este que o feminismo sabichão faça caso em conferencias e brochuras banaes.

Escreve Camillo:

> «Ha mulheres que parecem ensoberbecer-se com o seu mesmo infortunio. A docilidade, a humilhação sem desdouro, poderá, nos casos de muitas, revirar a pouco e pouco a sorte.»

Poderá...

Pode acontecer, mas em regra geral, á falta de reacção, ficam-se na attitude resignada da *Mater Dolorosa* —o quadro que olhos de gente teem contemplado mais cheio e impregnado de poesia.

O que é de notar é que todos estes trechos, do melhor sentimento e da melhor virtude, se arrancam de um livro onde se graceja com o pittoresco de uma individualidade infeliz!

Milagres da suprema arte de Camillo, eternamente um grande mestre!

Curso da litteratura portugueza

Em 1875 a livraria editora de Mattos Moreira, ao Rocio, encarregou o academico José Maria de Andrade Ferreira de escrever um *Curso* completo de litteratura patria, porque até esse tempo, fóra dos apertados moldes de algum compendio escholar, esse trabalho se encontrava esparço por dissestações e memorias restrictas, não passando a obra de Francisco José Freire de um *primeiro ensaio*, e esse mesmo *sem methodo e diffuso na fórma*.

N'estas condições do encargo, o *Curso* de Andrade Ferreira viria, em certo modo, *modernisar*, em critica e methodo, pelo menos de uma fórma geral, a litteratura nacional na sua elaboração de seculos, como o sr. dr. Theophilo Braga já começara a fazer por capitulos especiaes em materia de poesia e theatro, e com um desenvolvimento que não podia corresponder ao intento d'esta editoração.

Assim se vinha a dizer no volume que se publicou, na sua *Introducção*, ficando-se na duvida sobre se este juizo relativo á critica do dr. Theophilo Braga era do auctor ou dos editores—sendo ella no entanto descondi-

zente com o que, no proseguimento do *Curso*, Camillo Castello Branco, de arma em riste, veio a sublinhar sobre os processos, e juizos, e logica do abundante investigador e desastrado critico dos estadios intellectuaes da civilisação nacional pelas suas letras e pelos homens que dentro d'ellas predominaram.

Mas seja como fôr...

O academico Andrade Ferreira, de que a orgulhosa geração moderna por ventura se sorri desdenhosa, nascera em Lisboa em 1823, e já levava mais de meio seculo de acidentada existencia, embora sempre, pela acção propria, pautada e regrada, quando se entregou ao trabalho arduo da incumbencia.

Para *fazer critica* no seu tempo, embora se applicasse ao passado, já de facto se não encontrava na edade mais propria; mas de justiça é reconhecer que no *Curso de litteratura* elle confirmou, sobre tudo, o que d'elle havia escripto Mendes Leal, que o considerara como *escriptor judicioso*, acrescentando que elle *reunia ás suas qualidades litterarias outras sociaes que o tornavam recommendavel.*

Bons tempos! Hoje bastam, e sobram até, as qualidades *litterarias*, sendo por demais as qualidades *sociaes*.

Mas pelo que se vê, ahi pelo meio do seculo XIX, ainda se apreciava muito a conjuncção das duas.

Era Andrade Ferreira um escriptor em condições que já hoje se não facilitam, pelo facto da absorpção esmagadora da politica, em que quasi todos os portuguezes são *militantes*, por ser convicção nossa que Portugal bate o *record* das nações da Europa e da America no tocante ao numero dos seus *politicos*.

Fizera-se por si, pela disciplina do seu trabalho, mais

preoccupado em alcançar, fóra do noticiario, um renome litterario, do que cubiçoso de regalos da vida material e positiva.

Frequentou o curso de humanidades no Collegio do Rocio, mas interrompendo-o por falta de meios, foi ouvir depois, como voluntario orgulhoso da sua assiduidade, as cadeiras phisica e economia politica na Eschola Polytechnica.

Mas ainda muito mais que nas escholas e collegios aprendeu, por grande força de vontade, energia de animo e desprendimento de mundaneidades, nas bibliothecas, de que era frequentador assiduo e paciente, e estreiando-se no *Panoramma*, á copada sombra de Herculano, foi tambem mordido ao de leve pela tarantula da politica, collaborando na *Regeneração*, na *Reforma*, na *Esperança* e no *Seculo* — o primeiro *Seculo* que se publicou em Portugal, bem menos feliz que o ultimo, que se encontra em publicação.

Mas essa politica foi apenas para elle uma diversão no seu trabalho. A litteratura era o seu prazer, o alimento do seu espirito, principalmente em *critica*, no significado nobre d'esta palavra, que tanto e tanto se tem abastardado e prostituido entre nós.

Assim, escreveu *revistas* no genero de Jules Janin e apreciações dramaticas. Assim, dissertou sobre *poetas e romancistas portuenses*. Assim, juntou incansavelmente elementos para a *historia do jornalismo litterario em Portugal*.

Em summa, produziu abundantemente, e pode-se dizer que por simples amor da arte, em muitos generos, desde *narrativas* e *lendas* até biographias de actores e actrizes.

O *Curso* que elle organisou é porventura compacto em demasia; é sem duvida, mais *erudito* que *expositivo*. Elle tambem não seria, pelos seus *processos* e *orientação*, o mais proprio para cultivar o genero; mas o seu trabalho, mais para estudiosos do que para alumnos, é de muita valia como amontoamento systematico de varios elementos que consubstanciam a litterattura de um povo.

Condensa o espirito evolutivo portuguez, desde a formação encrustativa do seu idiôma ás expansões da sua alma extremamente sensivel e impressiva por meio d'essa linguagem divina, que se chama *poesia*, a que ainda não conseguiram arrancar o predominio que nenhuma outra producção affectiva dos homens pode disputar-lhe, embora o artificio de novas escholas trabalhe inconscientemente, ainda quando procura ressuscitar o passado, para lhe arrancar a espontaneidade dos sentimentos singelos e o perfume nativo do rosmaninho, do alecrim e das rosas silvestres!

Mas por onde nós iamos a caminhar!...

Restringindo-nos, e para reatarmos com o que é referente a Camillo, diremos que o trabalho de Andrade Ferreira abrange 380 paginas em oitavo grande, fechando-se no periodo de 1580, quando se perdia a nacionalidade portugueza, e quando morria na miseria o cantor divino das suas glorias.

*
* *

Ficando o *Curso* incompleto pela morte de Andrade Ferreira, foi encarregado de o concluir Camillo Castello

Branco, e, como era systematicamente necessario, o grande escriptor segui-o chronologicamente.

E' assim que começa por fazer considerações respectivas ás epopeias do seculo XVII, passando á *poesia romantica*, aos *historiadores civis e ecclesiasticos*, á *oratoria*, ás *academias particulares*, á *Academia Real das Sciencias*, aos *poetas da colonia brazileira*, fechando pela *restauração da tradicção nacional*, conglobando por fim, um pouco arbitrariamente, Almeida Garrett e Antonio Feliciano de Castilho, no que chama *evolução romantica*.

Se a indole d'estes livros o consentisse, e não obstante os elementos de que dispomos serem poucos, não nos seria difficil mostrar que o auctor não relacionou toda a nossa vida litteraria nos dois seculos de elaboração que elle se propoz acompanhar, pois que de permeio do que é pertence das epopeias, das academias, do theatro, das memorias, dos poetas propriamente ou impropriamente assim chamados, do encyclopedismo de Garrett e de purismo extremo de Castilho — o mais puro dos escriptores de todos os tempos—ficaram muitas e individualisadas manifestações da alma portugueza por serem definidas e accentuadas.

O que aliaz Camillo Castello Branco podia annotar, como melhor ninguem o saberia fazer no seu tempo, porque ninguem como elle, além das particularidades que auctorisam as generalisações, dispunha, em toda a harmonia do seu espirito conjugada com a precisão do seu estylo, das cordas que podiam, em todas as entoações, imprimir-lhes o caracter proprio e o significado moral.

Mas o seu talento superabundante, intuitivo, adivi-

nho, não podia nunca desciplinar-se para regrar um *curso*, para pautar um *compendio*.

Para a empreza sobejava esse talento, precisando de mais liberdade para os vôos atrevidos e audaciosos.

No que elle fez bem, procedendo com o melhor bom senso, foi em não ir mais além da evolução romantica.

Em não se lançar na anarchia litteraria em que se desmandou o espirito portuguez, com raras excepções, depois de Herculano, Garrett e Castilho; em não affrontar pretendidas escolas indesciplinadas pela paixão da rivalidade, sendo a nossa época sectaria a de mais improprio meio para n'ellas se apartar, fóra da rhetorica moderna, impertinente e impostora, o auctor insuspeito e auctorisado que produzisse a luz nas trevas d'esse cahos, feito de *vaidades irritaveis* e *irritantes*, conforme a phrase consagrada nos doestos da briga memoravel da *escola coimbrã* de ha quarenta annos.

Mas acheguemo-nos do caminho que queremos seguir, recolhendo-nos, sem mais desvios, ao que é do nosso programma singelissimo.

Onde Camillo se mostrou todo no seu feitio foi na parte do livro que se intitula—*Notas*, ou sejam 75 paginas de causticidade analytica, em que o sr. dr. Theophilo Braga se torna a victima principal da sua critica desapiedada.

Podia mesmo fazer-se com essas *Notas* uma *separata*, que se ligasse, em trabalho completo e especial, com os seus pamphletos de polemica e com muitos capitulos das *Noites de Insomnia*.

Copiemos, em cofirmação do que fica dito:

«O actual professor de litteratura portugueza no Curso Superior de Letras, o sr. dr. Theophilo Braga, no seu *Manual da historia da litteratura* (1) recentemente publicado (1875), escrevendo acerca de Camões, a pagina 292, diz: «Depois que elle (Camões) soube de desastre de Alcacer Kibir, em 1578, nunca mais teve saude; ao começarem as alterações ou motins populares no curto governo do Cardeal D. Henrique, era em volta de Camões que se agrupavam os leaes portuguezes, que queriam que succedesse no throno o Prior do Crato, como rei nacional.» Isto não é provavel; mas romanticamente é bom. Cresce de ponto a intuição romanesca do passado no animo do insigne litterato quando a paginas 297 nos assevera que a *epopeia dos «Luziadas» é que levantou o espirito que saltou o brado* de 1640. Se alguem se lembrar de contradizer diametralmente este professor de litteratura, negando que os *Luziadas* fossem muito lidos durante a usurpação dos Fillipes, o sr. dr. Theophilo Braga não duvida concordar com isso a paginas 398 do mesmo Compendio, em que se affirma que *todas as vezes em que Portugal se enfraqueceu o sentimento da nacionalidade, a comprehensão da epopeia de Camões enfraqueceu*

(1) Devemos aqui referir, embora Camillo o não faça, que esse *Manual* de 463 paginas, editado pela *Livraria Universal* de Magalhães & Moniz da cidade do Porto, foi aprovado pela Junta Consultiva de Instrucção Publica por despacho de 28 d'Abril de 1895 para os cursos do 3.º anno de portuguez nos lyceus!

tambem. E prosegue: *Sob a monarchia usurpadora da Hespanha, admirar simultaneamente os «Luziades» que são um protesto da nossa nacionalidade,* seria uma contradicção. E acrescenta: *Tratou de se deprimir Camões, etc.*

«De maneira que se não liquida ao certo se a epopeia levantou o espirito que soltou o brado revolucionario, se deixou de ser comprehendida, á mingua de sentimento de nacionalidade. Os alumnos, que se instruirem pelo *Manual* do dr. Theophilo Braga, devem avisadamente consultar os seus professores á cerca das opiniões que lhes cumpre escolher entre as duas opiniões contrarias do compendio.»

Fica aqui presente *o Camillo* em toda a sua individualidade debicadora e ironica!

E tambem aqui se encontra em presença o sr. dr. Theophilo Braga em toda a sua perfeição.

Esta nota, devemos esclarecer, corresponde a uma passagem que se pode classificar de *critica de bom senso,* em contraste com a critica artificiosa de theorias preconcebidas.

Esta passagem:

«Não diremos que em 1640 os *Luziadas* fossem parte no enthusiasmo da restauração, porque não ha que fiarmo-nos na preponderancia do ideal heroico de um poema sobre os intuitos politicos de fidalgos conjurados, na maior parte movidos por sentimentos de positivo interesse;

mas não duvidamos crer que na classe media actuassem desde mais remota origem recordações de façanhas egregias cantadas por Camões e transmittidas no livro e na palavra de paes e filhos.»

Mais:

«O sr. dr. Theophilo Braga, no *Manual da da historia de litteratura portugueza*, paginas 382, carece de ser corrigido pelos seus alumnos e pelos professores que ensinarem pelo referido *Manual*. Diz o mestre illustre que Francisco de Sá de Menezes era filho de *D. Antonia de Andrade*. Pouco importa que o poeta fosse filho de Maria ou de Antonia; mas, logo que ao professor pareceu necessario indicar a mãe, é de justiça que se lhe nomeie a verdadeira. D. Antonia Leitão de Andrade era sua mulher, não era sua mãe. Diz outro sim que a poeta professara em 1642, em Bemfica, onde morreu em 1644. Quanto ao anno de profissão, assentam os escriptores mais convisinhos do facto que foi em 1641. Quanto ao anno da sua morte, em 1644 não pode ser, atttendendo a que o poeta em 1658 reimprimiu a *Malaca Conquistada*, reformando-a em parte e acrescentando-lhe quatorze estancias.»

Ainda mais, para terminarmos, empareceirando eruditos de importação e de exportação:

«O sr. dr. Theophio Braga diz na sua *Historia do theatro portuguez* (tomo 2.º, paginas 263) que *Affonso Mendes* (1) é um typo de criado do genero de *Esganarello (sic)* e *Scapin*. Confunde o caracter de *Scapin* com o de *Sganarelle*. Este segundo personagem não é criado: é *bourgeois de Paris et cocu imaginaire*, diz o auctor da comedia; e o commentador das suas obras completas (Paris, 1861, 4.º) annota assim o nome de tal sujeito doente de infeliz imaginação: *Sganarelle. Ce personage comique est une creation de Meliére, et le nom de Sganarelle est resté au caractére qu'il represente: on disait les «Sganarelles» comme avait dit les «Jodelets», les «Gros Renés»*, etc. A grande auctoridade que o sr. dr. Theophilo Braga tem adquirido com as seus livros, está lesando pessoas estudiosas e acreditadas. Por exemplo: o sr. Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, professor de litteratura nacional no Collegio de D. Pedro II, auctor de um recente resumo de *historia litteraria*, enconstando-se, como confessa, ao sr. dr. Theophilo Braga, a paginas 178, tomo 2.º, escreve:

«O typo de criado astuto e velhaco foi elle tomal-o nas comedias italianas, de onde mais tarde devera Moliére importal-o para a scena franceza, synthetisando-o em *Sganarelle* e *Scapin*.»

(1) Personagem de *Fidalgo aprendiz* de D. Francisco Manuel de Mello.

«Não é conveniente que os professores escorreguem assim aos pares, quando a juventude se queixa de ser reprovada por não acudir com resposta certa e perguntas difficeis.»

Para terminar, dissemos.

Mas voltamos com a palavra atraz, porque não podemos resistir a outra transcripção, indo esta, como as de mais, desacompanhada de commentarios.

A proposito do theatro de Manuel de Figueiredo, e das informações do irmão Francisco, falla dos *galiardos*, extreminados pelas Ordenações Affonsinas, e annota:

«D'estes galiardos trata o sr. dr. Theophilo Braga no *Manual de litteratura*, paginas, 211 e, corroborando o seu parecer, cita um dito de Antonio Ribeiro Chiado na *Pratica de oito figuras*:

No beber sou um Gollias

«Não se lhe aceita o dilate. O personagem do Chiado, querendo inculcar que bebia muito, mediu hyperbolicamente o liquido pelo bojo do corpulentissimo gigante philisteu Golliarth ou Gollias, a quem David derrubou com a pedrada. «No beber sou um Gollias», como quem diz: bebo como gigante. O professor porém, confundiu o gigante com o truão enfrascado na taberna, fazendo gollias synonimo de goliardo. Tem maravilhosas intuições. Explicando os segredos da *Egloga* 2.ª de *Bernardim Ribeiro*, onde fallam dois

pastores, *Jano e Franco de Sandomil*, conta que *Jano* é o proprio *Bernardim Ribeiro*, e que *Franco* é *Francisco de Sá de Miranda (Manual de litteratura*, paginas 252 e seguintes). O pastor Jano queixa-se de *Joana*. Assevera o sr. Theophilo Braga que esta Joana é D. Joana de Vilhena, prima d'el-rei D. Manuel, a qual viera de Castella onde estava com a sua familia, quando D. Manuel succedeu no throno, e chamou á patria os foragidos inimigos de D. João II.

«Este facto deu se em 1495. O sr. dr. Theophilo Braga assenta cathegoricamente que Bernardim Ribeiro passara do Torrão para Lisboa em 1496, e se apaixonara por aquella Joana.

«Até aqui tudo é possivel.

«*Bernardim*, ou *Jano*, tinha 21 annos em 1496, como elle mesmo diz na referida *Egloga 2.ª* conversando com *Franco*:

Agora ei vinte e um annos

«Diz o sr. dr. Theophilo Braga que o pastor *Franco* era *evidentemente* Francisco de Sá de Miranda. Ora, tendo nascido Sá de Miranda em 1495, e pondo-se a tagarellar pastorilmente nas margens do Tejo com Bernardim Ribeiro em 1496, ficamos em duvida qual seja mais prodigioso, se o tal Sá de Miranda pequerruchinho de um anno a fallar, se o sr. doutor mestre de litteratura a escrever! Em um só verso d'esta

Egloga achou o lucido professor um drama arredondado. O pastor *Jano* diz:

Que não me entendo comigo.
D'onde esperarei repairo?
Que vejo grande o perigo
E muito mór o contrairo

«O poeta (ou o pastor) quer dizer n'este fragmento da Egloga que, no desvairamento em que se vae, não atina com o remedio da sua desgraça, porquanto, se a sua paixão o expõe a grande risco, elle considera *maior ainda o perigo*, apartando-se da mulher que adora. O professor, porém, diluiu assim o verso *E muito mór o contrairo*:

«A superioridade d'este contrario fundamenta-se e ter o Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, tambem poeta do *Cancioneiro geral*, casado com D. Joana de Vilhena por ajuste de el-rei D. Manuel *(Manual*, paginas 254)». O naturalista Cuvier, escavando nos detritos de cosmos desvanecido, com um só osso formava um masthodonte; nas escavações biographicas o sr. dr. Theophilo, de um chocho verso de redondilha menor, esponjou a vida completa de Bernardim Ribeiro e de D. Joana de Vilhena.»

Mais não. Mais não deve ser, devendo nós accentuar que não alongámos transcripções por qualquer proposito, em manifesta má vontade, de sublinhar as leviandades criticas do erudito professor.

Não. Ellas são conhecidas em demasia, desmerecendo e ensombrando a sua erudição, que podia ser muito mais util se fosse menos abundante.

Não ha más vontades; nem sequer as que correspondam ás que o sr. Theophilo Braga tem extravasado para muita gente... de todos os seculos.

O que nós quizemos foi: primeiro mostrar que Camillo Castello Branco se não podia ajustar ou amoldar aos termos precisos e concretos de um *Curso*; segundo, que em todas as suas producções, ainda as de mais diversas indoles, inclusivamente n'esta que parecia impor-se um caracter pedagogico, elle punha sempre a chancella do seu bom humor.

Não podia ser mestre como nunca poude ser descipulo, mas ia sovando nos mestres, porque sempre levou grandes juros no ajuste das suas contas.

Por esta fórma se deve considerar o 2.º volume do *Curso de litteratura portugueza*.

Esboços de apreciações litterarias

O titulo indica a construcção, e o auctor, nas *duas palavras* que servem de introducção ao livro, ajuiza assim do seu valor:

> «Dei-me pouco a este genero de escriptos, temeroso das difficuldades. Poderia comtudo vencer alguma das venciveis a todo o escriptor applicado; mas a minha safara era outra, e o tempo escasso para me sahir acceitavelmente de ambas.»

Com effeito era outra, e bem diversa, a sua sáfara. Já o temos reconhecido e registado, e agora o confirmamos com testimunho de auctoridade que para o caso não pode ser maior.

Conhecia-se, parecendo que o *nosce te ipsum*, a inscripção de templo dos Delphos, era um dos letreiros de estante na sua livraria.

Que hoje, para bem dizermos, ninguem se conhece

e taes vivem por ahi empantufados de soberbias, que sacerdotisam em apreciações, com a parcialidade que trazem das disputas da politica, com a algaravia estylistica que nada apura ou com as mãos cheias dos adjectivos encomiasticos do elogio mutuo.

E sentenceiam!

As apreciações collecionadas recahem, a fóra as que se referem á Marqueza de Alorna, sobre escriptores contemporaneos que são todos os mortos, á excepção do sr. Theophilo Braga e do grande poeta immaculado, e tambem prosador precioso, Bulhão Pato.

Ahi vão todos, em rol de saudades para muitos:

D. João d'Azevedo.
José Barbosa da Silva.
Francisco Martins Gouveia de Moraes Sarmento.
Ramos Coelho.
Joaquim Pinto Ribeiro Junior.
Coelho Lousada.
Soares de Passos.
Joaquim Pinto Ribeiro.
Julio Cesar Machado.
Ernesto Biester.
Manuel Roussado.
Bulhão Pato.
José Gomes Monteiro.
Luiz Augusto Rebello da Silva.
Theophilo Braga.
Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval.
Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento.

Pode-se dizer que em volta de todos estes nomes Camillo escreveu um capitulo de memorias contemporaneas interessantissimo. Não fez *critica* apenas; interessou o leitor pelo facto, pelo episodio, pela anecdota, pela curiosidade.

Mas não vamos desinvolver — porque seria bibliographia demasiada — as particularidades que se referem aos auctores nomeados. Um por um, levaria a capitulo somnolento, quando, pelo contrario, nos propozemos aligeirar, passando a correr pela obra, que é grande, do escriptor que é enorme.

Bastará, pois, que nos *Esboços* paremos aqui ou além, para sublinharmos uma passagem ao archivarmos um conceito.

Logo no 1.º capitulo, referente a D. João d'Azevedo, encontramos uma nota curiosa, occupando-se Camillo do romance intitulado o *Sceptico*:

> «Depois de Cervantes, a mulher, como papel moeda em ministerio fallido, baixou do valor nominal que tivera.»

Currente calamo, sahiu-lhe assim, porque Camillo não podia entender, fóra de phrase de momento, que a mulher tenha baixado de cotação, ou possa vir a baixar, em qualquer estado de civilisação.

A eterna Eva—a carne da nossa carne, o sangue do nosso sangue, a alma da nossa alma, o espirito do nosso espirito, a vida da nossa vida, o fogo do nosso coração, o fim do nosso trabalho, a luz do nosso caminho, é sempre de valor *real*, e nunca *nominal*, de valor positivo e nunca abstacto ou bypothetico!

Fallando das poesias de Francisco Martins Moraes Sarmento quasi que escreve, rindo, um tratado, pois que, brincando, regista uma verdade, com respeito á intangibilidade do subjectivismo poetico pelas sentenças da critica:

> «E' grosseira audacia avaliar um poeta quando vos elle falla de si, sempre de si, e não vos dá margem a discutir-lhe a ideia no tribunal da razão, que é cousa que os poetas nunca tiveram, ou, se tivessem, não seriam poetas á feição do molde em que hoje se fundem. Poeta que raciocina é um caustico da paciencia humana. Desde que Charles Nodier, com a mão na consciencia austera, declarou que produziu uma loucura sempre que raciocinava, a rapasiada fina mandou a arte de presente aos manos de Aristoteles, e declarou-se toda orvalhada pelo chuveiro celestial de immediata inspiração.
>
> Se esta chuva foi mais fatal á humanidade que a de Sodoma, é isso uma questão que não decido, porque sou suspeito. O que posso, a toda a altura da minha gravata, é decidir que a poesia do nosso tempo traz o carimbo do seculo.»

O auctor exprimia-se assim em 1854. Ia o seculo a pouco mais do seu meio; lá para o fim, mal estendido pela vida de Camillo, é que a poesia sahiu para fóra do seculo XIX e até do seculo XX, começando a estravaganciar em producções que não entram em communicação com a sociedade portugueza, o que não im-

pediu que se hosonassem e thuribolassem falsos idoles, paredes a dentro das *cotteries*, embasbacando-se nas producções proprias e fingindo que se extasiavam perante as dos confrades da irmandade!

E no entanto, que veio riquissimo e abundantissimo de inspiração e delicadeza a correr por entre as fraguas brutas d'essas esturdias de *processos*, de que raros se poderão salvar, porque muitos se quizeram perder pela preoccupação da originalidade, para a critica do *futuro!*

Horaciando (passe o dislate), mas sem pretenções a estabelecer principios e regras, diz-nos o auctor:

> «Ha ahi uma cousa que se chama *estylo*, que não é bem o que nossos avós chamavam linguagem. O estylo não se diz o que é: mostra-se onde elle está. Faz-se de palavras; isto já vós o sabeis; mas não sabeis de certo o que se faz das palavras. Sabeis o que é *arredondar um periodo?* E' estylo. Sabeis o que é assoprar uma phrase, inchal-a de modo que a ideia magra se pareça com as nossas damas de marinaque? E' estylo. Sabeis como se impedra de mosaico uma praça, combinando variedades de côres? E como se cirzem palavras euphonicas, de modo que o ouvido se deleite, como acolá no mosaico se deleitam os olhos? E' estylo.«

Mesmo brincando fica tudo dito, sendo pena que não reduzisse a regras certas o processo do estylo que era seu, e de mais ninguem.

Mas não querendo abranger muito espaço nas referencias a cada livro, vamos cingir-nos aos capitulos que

são referentes a Faustino Xavier de Novaes, o successor de Tolentino, embora muito menos litterario que o mestre de eschola do Bairro Alto da cidade Lisboa; a Bulhão Pato, o glorioso poeta de trez gerações, e ao sr. dr. Theophilo Braga, o indefesso cabouqueiro da historia litteraria, que poeta foi tambem, e em poeta creoun otoriedade, desde as suas *folhas verdes* singelas ás suas *tempestades sonóras* com muitas complicações.

Temos aqui presente a 2.ª edição (Porto—1856—Typographia de Sebastião José Pereira) das *Poesias* de Faustino Xavier de Novaes, que intentam subordinar-se, de balde, a uma epigraphe de Antonio Diniz, tirada do *Hyssope*.

O poeta divirtia-se com os janotas:

Quizera ser vento, e irado
Soprar do leste ou do sul,
E vendo apenas pousado
Um chapeu sobre um taful,
Envolvel-o na poeira:
Em seguida, a cabelleira
Do janota desfazer;
E, se o tormento inda é pouco,
Fazel-o andar, como um louco,
Traz do chapeu a correr.

Galhofava com as secias:

Quizera ser d'uma dama
Cãosinho de estimação,
—Das que dão o filho á ama
E tem no regaço o cão;—
E se a creança, oprimida,

Nos braços da *mãe fingida*,
Soffrendo, soltasse um ai,
Dar na dama uma dentada,
E, fugindo, ao vêl-a irada,
Ir tambem morder no pae.

Brincava com os jornalistas improvisados:

Se vejo um pobre pateta
Arvorado em redactor,
Julgar-se um grande poeta,
Abalisado escriptor;
E despresando dos velhos
Prudentes, sabios conselhos,
Não entro com elle em briga,
Não, que temo que alguem diga;
Quem tem rabo não se assenta.

Divirtia-se, galhofava e brincava com todos, e tudo de thema lhe servia á espontanea musa despretenciosa e alegre.

Pois a respeito de Faustino Xavier de Novaes escreveu Camillo o que vae ler-se, que ainda hoje pode ser convenientemente aplicado á poesia contemporanea, nas suas muitas e diversissimas modalidades:

«Os poetas abstractos, os psycologicos, os orientalistas, são exellentes creaturas, são talvez os que mais convisinham com os espiritos; mas, que queres tu, Novaes? para quatro d'esses poetas, não ha quatro interpretes: a gente sobe com elles um pouco, e, á maneira que os sublimes areonautas se engolfam nas nuvens, vem agente cahindo como areia despejada dos saccos do balão.»

Estatelam-se todos...

De Bulhão Pato, para que dizermos quem elle é?!

E' tudo isto, ou tudo isto tem elle sido: o poeta lyrico e sentimental; o poeta satyrico e madrigalesco; o poeta castiço e atrevido romantico de phantasia; com boccados de Juvenal e trechos de Musset; contista, chronista, folhetinista...

Solitario que vive com a alma universal, entendendo-se com a sua alma pelas vozes da natureza, que só os previlegiados entendem e interpretam; antigo mundano, que se inteirou com as estravagancias sociaes da vida.

De Bulhão Pato, para que dizer quem elle é?!

Ha cincoenta annos que Camillo previu quanto elle podia dar, quando a poesia se lhe avigorasse robusta e e forte:

> «O temperamento de Bulhão Pato é indocil até ao estimulo da gloria. Carece aquella alma de andar ás soltas folheando o livro da natureza, cujas paginas raro se abrem, nos seus mais formosos capitulos, áquelles que as estudam no gabinete incansavelmente. Assim é, e sublime deve ser o ir-se o espirito por esse azul do céo além, por essa prata fóra das ondas lampejantes, por esses verdes copados das florestas, por tudo em que alma se está como enlevada, scismadora, e celestialmente melancholica.
>
> «Tudo accende engenhos e os desabrocha em poemas; mas se o remanso da solidão não segue o devanear inquieto do espirito, quer-me parecer

que o melhor d'esses embrionarios poemas lhe fica enthesourado, incommunicavel e inexprimivel.»

Por esse tempo a *Paquita* balbuciava apenas. Soltava os primeiros cantos. Toucava-se com as primeiras flores. Sorria os primeiros sorrisos. Depois cresceu, tomou vulto, e tornou-se estatuaria.

Do sr. dr. Theophilo Braga fallou a primeira vez Camillo, quando elle ia na primavera da vida—pela edade tão sómente—, penujando-lhe o bigode, hoje branco de neve.

Ainda elle não era doutor, nem se tornara critico mordaz e azedo: era estudante, e começava bortoejar theorias.

Só muito depois começou a *briga*, que n'esta apreciação devia ter o seu proemio; briga que terminou, como registámos nas primeiras paginas, por versos sentimentaes e commovedores.

Mas Camillo já então previu o que sempre havia de ser o homem de letras sr. dr. Theophilo Braga, referindo-se ás dissertações que elle publicava sobre a *evolução na poesia determinada pelas relações entre o sentimento e a fórma*:

«Eu reli com muita reflexão esta prosa do sr. Braga, e desgostei-me da minha pouca agudeza. Não me fatigo de admirar a copia de symptomas de muita leitura do estudioso moço; o que me cança é atar os pensamentos, concatenar as illações, achar fórma demonstrativa, ver

de frente raciocinios que o poeta me offerece de perfil. Ha aqui torrentes de ideias, cachoeiras ruidosas, que a minha reflexão não consegue aquietar em remançoso lago, para examinal-as em toda a limpidez. Grande parte da culpa está por conta da minha inhabilidade para estas cousas de nevoenta especulativa; e uma diminuta parte hei-de pôl-a á conta do poeta que, em verdade, é poeta pouco menos de abstruso. Eu já li—Deus m'o encontre com os meus peccados! —as cartas de Schiller sobre esthetica; tambem quiz sober o porquê de não entenderem os francezes a metaphisica de Kant; pedi á minha paciencia extraordinaria que me apresentasse a alguns meditativos descipulos de Lessing; pois apesar do meu entender bôto em subtilesas germanicas, adivinhei a *vis incita* d'alguns dizeres d'aquelles sabios; e agora me vejo de todo em todo atagantado com a esthetica do sr. Theophilo Braga.»

E a ironia, coleando-se, insinuativa, misturando o elogio com o reparo, despejando o ridiculo sem no entanto o accentuar, enredava por todas estas fórmas as producções poeticas do auctor, que ao tempo publicara tres volumes, e que hoje vai, ignorando nós ao certo a sua estatistica, n'um cento d'elles!

Mas vejamos mais uma passagem de originalidades na preoccupação do artificio innovador.

Sabem bem quem vinha a ser Lucrecia, que os leiores, pela tradicção dos auctores latinos por intermedio de repisadas citações de auctores vulgares, se cos-

tumaram a consideraru m symbolo de fidelidade na singelesa do sentimento do dever e da honra?

Pois segundo o sr. Theophilo Braga, vinha a ser «a poesia religiosa, a immobilidade do direito divino, o direito pessoal sacrificado ao direito civil»!!

D'uma pennada, d'esta maneira sentenciado!

Commentario alegre de Camillo:

> «Quem diria que era isto Lucrecia! Aquella senhora dos meus muitos respeitos, por cuja virtude eu tremia sempre, quando o scelerado do Tarquinio lhe dizia, sobranciando-lhe o punhal ao peito arquejante: *Tace! ferrum in manus est, si emiseris vocem, morieris!*
>
> «Cala-te, que o punhal está aqui! se dás á lingua, morres!» Afinal de contas, e averiguado o negocio, a violada do real devasso, era... *a immobilidade do direito divino!*

Nestes termos, e pelo prologo, a briga por força que tinha de romper um dia.

E rebentou com estrondo, como já se viu do *Curso de litteratura portugueza*, e como terá de se ver ainda por outras partes!

Noites de insomnia

Houve um periodo na vida de Camillo em que muito se lhe azedou o espirito, sahindo impressivamente para fóra d'aquella serenidade de que deixara memoria assignalada quando teve de passar alguns mezes na cadeia por delictos do coração.

Dizia-se doente. Lamuriava a seu modo. Ao que nos consta, irritava-se, como depois voltou a irritar-se com razão enfermiça, e como se vê da sua escripta amiudavam-se-lhe os queixumes doridos.

O typo organico do grande escriptor ainda não foi definido, e bom seria que algum homem de sciencia, que não fosse technico sómente, o estudasse com a precisão possivel, pois que pelo seu cerebro valia mais para esse estudo que alguns homens do estrangeiro, que se tornaram objecto de analyses similhantes.

A cegueira veio muito tempo depois, e n'este periodo a que nos referimos, que abrange os annos de 74 a 83, cremos que apenas, para o caso, soffria da sua myopia de sempre.

Mas d'essa irritação doentia, que bellas, e robustas, e pujantes, e tensas phrases esculpturaes cahiram da sua penna de valente polemista, que não sujava de odios e rancores o papel immaculado, mas desancava, como o estadulho de Emygdio Navarro, o pedantismo irritanta dos adversarios pygmeus, que lhe desafiavam o estylo, a começar por quem agora procura assignalar-lhe a individualidade de gigante, affrontando-o atrevida e inscientemente!

A ironia, em nenhum outro escriptor a conhecemos tão perfeita e tão bem acabada, tão forte e tão delicada, tão cheia e tão maleavel, tão artistica e tão anulladora!

Achatava prosapias. Esborrachava juvenilidades. E seguia, unico, no seu caminho triumphante, admirado e temido, sempre fóra dos convencionalismos do elogio de *cliché*, de tanto gosto, por essa época, no noticiario das gazetas!

As *Noites de Insomnia*, editadas pela *Livraria Internacional* de Ernesto Chardron, do Porto, pertencem a esse periodo, e o auctor assignala por esta fórma o seu caracter:

> «Esta serie de livrinhos ha de ser uma cadeia com élos de bronze rijos e toscos, élos de pechisbeque flammantes e quebradiços. O bronze é a porção prestadia do opusculo; é a pagina que não seria descabida em livro de estudo; é a pretenção do auctor a que sua obra perdure mais de vinte horas no espirito de quem o lêr.
>
> «O pechisbeque é a futilidade que, ao nascer, é acolhida por por um sorriso do leitor; e, apenas o sorriso esmorece, a impressão esvae-se; a idéa fulge e apaga-se sem deixar mais signal que

o relampago das noites de Agosto, e o arrancar da aguia no seio das nuvens.

«Ambas as especies pertencem ás minhas noites de insomnia. Nesta deploravel enfermidade, que ha seis annos me estila no cerebro gota a gota a peçonha da morte achei a traça de me vingar do acaso que embala o regalado dormir do meu cão, e me estrondeia nos ouvidos o marulhar das vagas entre penhascas.»

E a duzia dos pequenos volumes—em regra de 100 paginas—que se publicaram por todo o anno de 1875, de Janeiro a Dezembro, ajustaram-se ao programma traçado com a zanga intima, de quem vê dormir o cão, sem cuidados e sem pezadellos sonhados, e não pode fechar os olhos para abrir um parenthesis de esquecimento das amarguras da existencia, productos de realidades tristes ou de imaginações doentes!

Ha de tudo n'estes livrinhos preciosos, onde se reflecte, tanto ou mais que nos romances, a sua individualidade; onde se antemostram os expedientes e recursos da sua faina de escriptor profissional; por onde se aprehendem os instrumentos da sua laboração; por onde se pode, finalmente, fazer relatorio da abundancia, variedade e complexidade dos seus conhecimentos, dispostos por ventura sem ordem, mas a que elle dava toda a harmonia, quando se tornava preciso, pela força do talento.

Ha de tudo, de tudo se escreve em cosmorama: ha episodios antigos que revestem feições novas, interessando como se fossem palpitantes da actualidade do noticiario do dia; ha anecdotas, que são verdadeiras syntheses dos ridiculos humanos; ha revelações de factos, que esca-

pando a historiadores de monta, auctorisavam a que por ellas se assentasse em soluções positivas, de alcance politico e social; ha notas alegres, das que, provocando sorrisos, chegam a ser o castigo de situações impertinentes; ha criticas acerbas, repletas de pessonalismo, que ficarão para castigo eterno de personagens evidentes — e dominando tudo isto, como atmosphera apropriado a todas estas cousas, paira dominante e empolgante o bom humor camiliano, que ás minimas insignificancias imprime a nota da curiosidade e do interesse, tornando se senhor absoluto e absorvente da attenção dos leitores.

Toda esta leitura cheia de curiosidades e imprevistos, corre por doze volumes leves, embora com recheio de cousas pesadas, mas torna-se impossivel acompanhal-os na sua successão e no seu desenvolvimento.

Tornar-se-ia monotono pela nossa escripta, que mal se poderia acommodar ao assumpto; e assim, depois de termos procurado dar a impressão geral das *Noites de Insomnia*, passaremos a abrir, ao acaso, aqui uma pagina, além outra, apurando trechos que se nos afigurem dos mais curiosos.

Comecemos por um inedito de apetite — nada menos que uma carta do Intendente Pina Manique, com todo o sabor da época; inedito dado á luz a proposito do escriptor Santos Nazareth, jornalista de valia morto prematuramente, e auctor de um romance de merecimento intitulado *Eva*, ter sido preso por effeito de uma pateada de *cotterie* no theatre de S. Carlos.

Esta carta, que bem merece mais uma edição:

«Snr. Pedro Duarte da Silva. Louvo o procedimento que v. mc.ᵉ teve contra Raphael da Sil-

Braga, por ser um dos que hontem á noite de ram pateada no theatro de S. Carlos: attendendo porém á sua pobre familia, que está em consternação, e a outros motivos justos, que concorrem, vossa mercê o dará por corregido, e o mandará soltar, pagando trez mil e duzentos de diligencia para os officiaes. Deus guarde vossa mercê. Lisboa 3 de Outubro de 1695.—*Diogo Ignacio de Pina Manique.*»

Commentario do auctor:

No rodar de noventa annos, desde 1795 a 1874, a poesia do direito, graças ás insomnias do sr. dr. Theophilo, defecou os Maniques da prosa dos 3:200 réis, de modo que vossê (Santos Nazareth) não pagou nada, segundo consta. Isto me faz cogitar que o progredir é fatal, e o que o sr. Barão do Rio Zezere, o longobardo—chrysalida-de outra transformação — ha de passar a fusil mais polido na cadeia dos intendentes geraes da policia; de maneira que, na sua futura metempsychose, já se não distinga do corregedor Marques Bacalhau, facanhoso magistrado de D. João V.»

Em quanto ao Barão, o auctor ia na corrente da politica facciosa que pelo tempo o doestava, como sempre as opposições monarchicas fizeram aos commandantes das guardas municipaes. Ia nessa corda, e mais nada, pois que o general Joaquim Bento — Joaquim Bento sem mais appellidos—se era um rude de palavras

e gestos, era bondosissimo do seu coração, e ainda nas Côrtes existe um seu antigo impedido, o prestavel José dos Reis, que recorda com ternuras o affecto do seu commandante.

De Pina Manique tambem correm exageros, alguns já corrigidos. Do Bacalhau, quanto se diga de mau, ainda é pouco, por muito que seja.

Mas se amalgamando o Rio Zezere, mais o Bacalhau e o Manique, se podia esperar que não houvesse hoje vestigios de auctoritarismo, Camillo enganou-se em quanto á metempsychose, de um só, de dois juntos ou dos trez reunidos, pois que a descendencia requintou-se muito com o andar do progresso.

Os livros são cheios de referencias ao sr. dr. Theophilo Braga, mas já que farte temos archivado testimunhos da conta em que Camillo avaliava os seus predicados de critico audaz, que aliaz depois da morte do romancista, a coberto dos seus motejos, e a seu proposito, citou toda essa gente que ahi vai em rol, quando prefaciou uma edição esmerada do mais singelo e mais commovente dos seus romances — *O amôr de perdição*:

Cromwel.
Marquez de Pombal.
Walter Scott.
Balzac.
Archimedes.
Fielding.
Cuvier.
Augusto Comte.
Lesage.
Cervantes

e ainda outros cavalheiros, contemporaneos d'elle e os restantes dos registos da antiguidade sabia.

Mas passaremos por sobre essas referencias, sendo algumas d'ellas de profundo golpe em descomunaes vaidades; e pois que resenhas historicas e episodios mundanos não são de facil resumo, pois que resumidos já se apresentam nas *Noites de Isomnia*, vamos apenas fazer traslado do que se encontra profusamente espargido por diversos capitulos, mas deixando ainda muito mais sem observação alguma.

Principiemos por esta phrase:

> «Entre *heroismo* antigo e *dinheiro* moderno está um fosso. Quem quizer palmilhar de salto as duas orlas do abysmo, cahe no ridiculo ou... nas mãos da policia.»

E' do melhor quilate em prosa, o que não obsta a que em nossa actualidade se possa dar o salto a liberto de estatelamento no fundo do tal abysmo e sem impedimentos policiaes.

Mas de onde lhe originou esta phrase tersa?

De uma pequena historia de Ayres Ferreira, da casa dos Cavalleiros e couto de Frazão e Marvilla de Couros, em Barcellos.

Trez filhos lhe haviam abalado para as guerras do Oriente, e ao mais velho, tambem chamado Ruy, mandou elle dizer para Gôa, chorando o seu abandono, *que o abbade de Creixomil, clerigo fidalgo e possante, ousara pôr-lhe as mãos nas barbas.*

O moço deu um salto de féra! Requereu licença para vir ao reino, e foi-lhe negada.

Então lançou-se a nado, e bracejando pelo mar fóra, luctou, luctou muito com as ondas, até que foi recolhido em navio que o trouxe a Lisboa.

Foi de corrida ao Minho, encontrou-se com o Abbade, e:

> «Travaram-se os dois gladios; mas que prelio tão desigual entre o guerreiro e o fidalgo, que sabia a esgrima de curioso! A' volta de poucos botes, o Abbade de Creiximil cahiu trespassado do peito ás costas, ouvindo estas vozes fremen-tes de odio:
>
> «— Perro! não pozesses as mãos nas barbas de um velho!
>
> «E depois de beijar as mãos de seu pae, com quem se demorou algumas horas, partiu, para não perder a passagem das náos que estavam de ve-la para a India!»

Isto é antigo, pura essencia de tragedia; é drama a valer, drama *humano*, no que elle tem de mais nobre, na conjuncção da honra com o amor filial!

E' tambem muito interessante o episodio que se inscreve — *Condemnação de corpo e alma*, referente á sentença condemnatoria dos conjurados de 1641, sem terem recebido o sagrado Viatico, mas sem que lhes fosse applicado o preceito da lei de 5 de Fevereiro de 1587, que não admittia á communhão os condemnados á morte.

Pois é no fim d'esta narrativa, e depois de notar que

os romancistas não lêem os reinicolas, o *Codigo Filipino* e a *Synopsis Chronologica*, que assenta esta critica:

> «Estes livros são escumadeiras de faculdades imaginosas. Quem se afizer a herborisar em taes charnecas, pode ser que vingue saber muita cousa obsoleta, mas toda a sua erudição, fundida na moeda miuda dos livros de passatempo, não logra captivar o leitor, que lhe attribua a vigilia de uma noite. Não se é escriptor ameno e agradavel sem muita ignorancia. Eu devo a isto os meus creditos e a minha fecundidade.»

Est modus in rebus...

Camillo, com a mascara da modestia, expandia o orgulho dos seus meritos.

Seria muito para estudar, aproximando textos, a inclinação que Camillo sentia para ser considerado na convivencia real.

Por mais que isto pareça extraordinario!

Estamos em crer que a desejava, não a procurando elle, mas resentindo-se de não ser visto e apreciado; e porque nunca o foi, ia dando sahida aos desdens para com a casa de Bragança, até que se tirou a prova pela acceitação de titulo de Visconde, contentando-se com isso a sua vaidade!

Na celebre *Carta*, que Faustino Xavier de Novaes lhe dirigiu do Rio de Janeiro, revela-se a faina em que elle andou por algum tempo em deslombar fidalgos.

Ai! Camillo, que saudades
Tenho das noites compridas
Em que, amigos e confrades,
Vinham gentes bem vestidas
Ouvir-nos nuas verdades

Se agarrado ao gorgomillo
Irado, ás vezes, te via
D'um barão, d'isto ou d'aquillo,
Com que humildade eu pedia:
Dás-me esse barão, Camillo?

E tu, n'um rapido lance,
Sobre a presa cavalgavas:
E medindo todo o alcance,
N'um galope desfillavas,
Lá vinha mais um romance!

Pois este cavalgador de titulares, futuro *Visconde de Correia Botelho*, em 1874 desejava para a litteratura nacional um regimen egual ao das côrtes de Augusto, dos Medicis, de Leão X que assistia ás representações pornographicas da *Madragola*, do Rei Sol e de outros Mecenas de thiara e sceptro!

Vejam o que foi metter no meio de um valioso e curioso estudo sobre o *palco portuguez* em 1815, e que se encontra no volume IX das *Noites de Insomnia*:

> «As artes não florescem se não quando são immediatamente protegidas e estimuladas pelos soberanos.»

O facto, historicamente, não se pode considerar de regra geral, e, modernamente, é por de certo de excepção; mas se a phrase traduzia uma aspiração da sua

parte, infelizmente nunca foi observada por quem devia fazer a observação, pois que a politica tudo absorvera, porque se fosse feita, essa observação, o *Regicida*, e a *Filha do regicida*, sendo notaveis romances historicos, ainda seriam melhores.

Esse estudo, de aproximar trechos, vaidades, desdens, aspirações, desejos e ironias em toda a obra de Camillo, para liquidar quanto possivel os seus sentimentos de fidalgo, ainda está por fazer.

Mas ainda deve ser feito, e é de valia fazel-o para a historia do seu grande espirito—porque só os criticos vulgares podem concluir que não ha grandeza de espirito n'aquelles que dão importancia a estas vaidades da vida!

Para amenisar:

> «A prosa do marido enfastiado é o vasconço mais barbaro da glotica humana.»

De acordo, mas não o podemos estar desde que se aplique, como foi aplicado, a versos de D. Thomas de Noronha, que assim dizia de sua segunda mulher, D. Catharina da Veiga:

> Em fim, senhora, se te vejo em osso
> Com essa cara posta em tal pescoço,
> Me parece, tirada a cabelleira,
> Em cima d'um bordão uma caveira.

Seguramente este vasconço entende-se, tão claro e positivo elle é sobre o esqueleto de D. Catharina!

Mas vamos fechar o capitulo, registando o criterio de Camillo sobre a sua especialidade:

> «Creio que assim como os bons e moralissimos romances não morigeram, tambem os immoraes não desmoralisam. Não são os romances que formam os costumes bons ou maus; são os costumes que formam os romances. E casos ha em que as novellas saturadas de virtude são inverosimeis e puramente phantasticas. Eu já escrevi algumas, nomeiadamente *As lagrimas abençoadas* e as *Tres Irmans*. Ninguem acreditou aquillo, e tôda a gente acceitou como copias do natural os *Brilhantes do Brazileiro* e *A mulher fatal*—dois livros miasmaticos, que só pódem ler-se com o interior do nariz plantado de alfadega e mangericão. Quando o Marquez de Urfé escrevia as suas novellas pastoraes, embrincadas de polidissima cortezia nos amores, vivia-se em França, pouco mais ou menos, como nos romances de Soulié ou de Feydeau. Ha de tudo. Ha muita gente honesta que lê a *Lelia* de Sand, e muita gente de ruins manhas que lê a *Fabiola* do Cardeal Wisimann.»

Em poucas linhas fica dito o que outros podiam desinvolver em resmas de dissertações academicas, que não concluissem mais.

Bibliographia Portugueza e Estrangeira

Trata-se de uma publicação mensal, de reclamo manifesto ás publicações da casa de Ernesto Chardron, livreiro que foi estabelecido aos Clerigos, na cidade do Porto.

Estabelecido a um canto, como que furtando-se ao bulicio da via muito movimentada, para ali se reunirem e discutirem os intellectuaes do tempo, porque na geração portuense havia, em barda, intelligencia, espirito, má lingua e pulso.

Mas apesar de ser aquelle que referimos o caracter da publicação, que se prolongou por uma vida de quatro annos, de 1879 a 1882, formando outros tantos volumes de 380 paginas, não temos duvida de a incluir na galeria camiliana, attribuindo-lhe o valor que merece, não só bibliographico, mas critico tambem.

Principalmente valor critico. Não temos duvida na inclusão, porque os artigos de Camillo, quer de pura doutrina, quer de polemica vigorosa, quer de erudição abundante, é que imprimem caracter e imprimem inte-

resse á editoração dos dois irmãos Chardrons (1), que foram no seu tempo homens audazes para darem impulso á industria e ao commercio do livro em Portugal.

Na *Camiliana* do sr. Henrique Marques—valiosa compillação, perfeita e completa quanto possivel—se póde ver minuciosamente quanto o grande romancista enriqueceu as 1500 paginas d'aquelle archivo, e tanto que d'ali separou brochuras—*Os criticos do Cancioneiro Alegre*, por exemplo—, e d'ali, em parte, formou o livro *Narcoticos*, a que por esse facto deixaremos de fazer referencia especial.

O espirito—o seu muitissimo espirito trasbordante, delicado e ferino, feiticeiro e energico, delicado e aspero, apaixonado e destemido—por ali se semeiou abundantissimamente. As phrases de Camillo, vigorosas e maleaveis, elogiativas e esmagadoras, sentidas umas, artificiosas outras, amigas e inimigas, espontaneas e preparadas, de caricias e de facadas, chegaram n'aquelles pequenos artigos á suprema perfeição.

E' elle que enche, domina e predomina na *Bibliographia;* tudo o mais é somenos e banal. Não presta o mais.

Posto este preambulo necessario, vamos abrir as paginas ao acaso, guardando algumas phrases, e entre ellas as que nos foram atiradas com justiça, para quando tratarmos em capitulo proprio dos *Criticos do Cancioneiro Alegre*.

E abrindo ao acaso, encontramo-nos com este artigo de apreciação sobre a *Historia de Portugal*, de Olivei-

(1) Eugenio Chardron, socio da casa, estava á frente de uma livraria em Braga.

ra Martins, onde se lê esta verdade, que todos reconhecem, mas que poucos reconhecem :

> «Todos temos, nos nossos panoramas historicos, illusões de perspectiva.»

E' isto escripto em referencia a apodos, em que mais por escola politica do que por verdade historica, de geração em geração se jogam, sem contemplações, á Companhia de Jesus, aos chamados *Jesuitas,* como se Loyola, Azevedo e Xavier, por exemplo, não fossem tres homens cheios de uma grande fé, onde podia haver exageros de paixão, mas onde havia, de certo, um criterio social, que póde ser discutido, que pode ser impugnado, mas a que se não póde negar a grandeza das individualidades superiores, que em dado momento se evidenceiam no modo de ser das sociedades.

Camillo fazia o reconhecimento dos seus processos de ensino, ali n'aquelle Porto, onde Guilherme Braga, o extraordinario poeta, escrevera pujantes versos de combate, que ainda temos presentes, passados quarenta annos, quando com elle, por nossa parte á doida, collaboravamos no primeiro *Diario da Tarde*, de Urbano Loureiro, Borges d'Avellar e Agostinho Albano, que se publicou n'aquella cidade :

Lobos? Lobos não sei! Mas Deus proteja a escola
Se a espreitam lá da sombra os filhos de Loyola,
Que mais que tigres são!
A vibora espiae... Dorme a fingir-se morta...
Que seja o Deus da luz que feche aquella porta
Ao Deus da escuridão!

. . . . . .

Mas deixemos recordações tristes, e vamos a uma transcripção, em que Camillo, n'um caso particular, formula a seguinte pergunta:

> Os dominicanos metteram no carcere o potentado jesuita Antonio Vieira. A Companhia não poude anteparal-o, apesar da sua omnipotencia. Se os jesuitas eram a alma dos negocios, e a vontade dos reis e dos ministros, como foi Vieira sopeado pelos filhos de S. Domingos?

E depois, para demonstrar que os Jesuitas, propagando, não forçavam no entanto as consciencias nem pretendiam impor os dogmas da sua fé, escreve:

> «Um celebre historiador de Hespanha, o jesuita Mariano, amaldiçoou a Inquisição, execrando o decreto barbaro que violentava os hebreus ao baptismo.»

Continuemos a abrir ao acaso.

Luiz Palmeirim foi um dos escriptores contemporaneos mais da sua devoção. Na *Bibliographia* admira-lhe o espirito, aprecia-lhe a graça e louva-lhe os versos, que de facto tiveram grande voga; e é referindo-se ao livro *Galeria de Figuras Portuguezas* que nos dá este trecho:

> «Ha livros que são a idéa da carne. Alguns d'estes teem sahido do seio da nossa mãe patria, matrona austera, que serodiamente se sahiu com filhos espurios.

«São livros recheiados das variadas Venus, excepto a *Urania*, que é casta, e a *Cloacina*, que é limpa. Quando os deuses eram tantos em Roma, que já não havia para todos um emprego decente, nomeiou-se uma divindade para superintender na limpesa das latrinas. Os sacerdotes pagãos deram este emprego a Venus, que por isso se chamou *Cloacina*. Não sei como a mãe do Amor desempenhou este cargo; as actas dos edis romanos não nos deixaram noticias satisfatorias ; é de crer, porém, que ella, apesar da falta de habilitações chimicas, aceitasse o emprego fiada na maxima de que *Sancho Pansa* depois se serviu, quando requereu o governo da ilha Barataria :—«Quando Deus nos dá empregos, tambem nos dá capacidade para os exercer.»

Agora vejamo-lo a debicar—é o verbo—com o advogado Cunha Seixas, que se havia sahido á ultima hora com uns poucos de volumes philosophicos :

«Exprimi a minha admiração com um sorriso socraticamente moderado, porque, no meu imperfeito estudo de philosophia, tenho encontrado os systemas encadeados uns nos outros, como fusis de umas correntes que vão prender, um ao espirito, outro á materia. D'ahi, no pendor dos seculos, vi que derivavam duas genealogias de pensadores, fecundando-se, reproduzindo-se, ataviados cada qual á moda do seu tempo, de phrases novas e formulas diversas — edificios

construidos sobre os mesmos cimentos: a eterna incerteza e o impalpavel da treva.»

Não é brilhante? Não concordam os leitores em que cabem aqui dentro todos os systemas, e todas as escolas, e todos os processos, e todos os methodos, e todos os philosophos?

Referente a versos de Thomaz Ribeiro:

«A India portugueza, se alguma vez desbotoou flor de poesia indigena devastou-lhe, sumiu-lhe os minimos vestigios o sirôco que lhe ventou de cá. As nossas espadas de Toledo, as nossas cruzes de pau santo e os nossos pelouros de bronze, afugentaram a alegria, a juvenilidade que desatam os espiritos dos interesses baixos e o exaltam ás errantes balbuciações do amor — origem de toda a poesia, como a exprimem os Magyars, os escandinavos e as invenções, fraudulentas embora, de Machpherson.

«A India portugueza não deu nada a Camões nem a Bocage.»

Vale por um estudo da India das nossas glorias maritimas e heroicas, e nada mais. Tudo apagado n'aquelle Oriente, que parecia dever estar vivendo n'um incendio de paixão que acendrasse o sentimento para expansões da alma nativa por intermedio da arte eterna!

Hoje como hontem, como ha dois, tres, quatro seculos, e hoje apenas com episodios de bandidos de Satary, que parecem harmonicos com as tradicções da Calabria e da Serra Morena!

E o auctor continúa, philosophando na tonalidade do pittoresco:

> «Houve lá um dente de bugio que D. Constantino de Bragança apanhou n'um saque. Os sacerdotes gentios davam-lhe trezentos mil cruzados pelo dente divino; e o pio bragança pulverisou-o n'um gral para provar aos crentes que o dente do bugio era quebradiço como qualquer outro. Ora o indio, vendo que os estandartes da cruz não eram, em conflictos de guerra e naufragio mais preservativos que o dente do seu macaco, perderam a fé na sua e na religião alheia. D'est'arte se lhes vaporou toda a poesia, porque ella não existe nas almas sem um norte mais ou menos idealista do seu destino.»

Não é hortodoxo; não é verdadeiro de observação no tocante á fé em geral, e em particular na India, mas é bem observado no que respeita á seccura que se produz no sentimento humano quando lhe falta a inspiração de qualquer crença, que n'estas situações se traduz pelas manifestações arbitrarias da arte pela arte.

Tudo então resulta n'aquella fórma pautada, que aplicando-a a architectura moderna, um critico francez classificava de *arte assassinada pela geometria!*

Agora vejamol-o, um pouco de sobreposse, a desdenhar das philosophias novas e a fazer a apologia de Balmes:

> «Houve grandeza satanica no scepticismo da escola sensualista dos discipulos da Encyclope-

dia. O sarcasmo sahia trajado com as pompas dos Mephistopheles. Hoje em dia, o sensualismo sordido do rebanho de Epicuro enfossa no lodaçal das flores do mal, e promette desbravar a nova senda d'uma poesia social cantando os triumphos das sciencias positivas. Mil vezes antes a *Pucelle de Orleans* que a *Morte de D. João*; antes os *Contos de Lafontaine* que as *Flores do Mal.*»

Não é preciso mais para se fazer idéa dos termos da collaboração de Camillo na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, ficando as suas investidas pessoaes para logar mais proprio.

Basta dizer que foi nas suas paginas que se deu o seu primeiro duello de palavras com Alexandre da Conceição, poeta e publicista, que em quanto andou por terras trasmontanas quasi se restringiu á poesia, ora lyrica, ora satyrica, mas que depois de ir para Coimbra, como engenheiro da camara municipal, se lançou nos tremedaes da critica folicularia, e como tivesse genio assumadiço, foi enredar-se em conflictos e polemicas irritantes.

As lutas litterarias ainda são mais atrabiliosas que as lutas politicas. Ha n'ellas, em regra, mais individualismo, e, portanto, maior vaidade e mais orgulho; e quando se deixam ir na velocidade adquirida da voragem, chegam a extremos perigosos. E é um exemplo frisante a pugna de Camillo com Alexandre da Conceição.

Foram amigos, e o romancista contava no poeta um dos seus ferventes admiradores, chegando este a testimunhos de homenagem na dedicatoria dos *versos de um*

caturra, que terminam por estas tres quadras de invocação aos *bardos realistas*:

Cantae, como os antigos trovadores,
O amor, o amor cruel, sentimental,
Com regatos e brisas, luas, flores,
E a restante metralha do arsenal.

Mostrae que sois a velha guarda nobre,
Que morre com valor, mas não se rende,
Que preferis um verso, antigo e pobre,
A um verso que se lê, mas não se entende.

Cantae vós a mulher formosa e santa,
Eterna inspiração de inspirações,
Em quanto a poesia nova canta
As torpes immundicies dos saguões.

E Camillo, que sempre foi grato, sacrificando á gratidão, bastas vezes, a verdade critica, ainda o apreciava assim em 1879, no *Cancioneiro Alegre*:

«Conheci-o imberbe, azevieiro e alegre como um pardal lascivo nas alvoradas de Abril. Era de um cenaculo de rapazes portuenses que tinham muito talento.

. . . . . .

«Alexandre da Conceição cantou o amor, cantou *Stella*, um poemeto que parece de Musset ou Heine.»

Pois apenas decorridos dois annos, em 1881, Camillo Castello Branco, como Alexandre da Conceição malsinasse a sua critica á seita dos realistas, de quem elle

proprio dizia em verso *que se liam, mas não se entendiam*, travou a peleja memoravel.

E com razão, porque o poeta, levianamente, chegara a ameaçal-o de uma execução em fórma n'estes precisos termos:

> «O sr. Camillo, pelos excessos da sua bilis palavrosa, adquiriu n'este paiz a reputação lendaria d'um polemista temeroso e intratavel.
>
> «Nós temos a prevenir o sr. Camillo que emancipámos ha muito o nosso espirito do terror sagrado de todas as lendas e do terrror pueril dos grandes homens, depois que nos resolvemos a tocar-lhes com um dedo e reconhecemos que estavam cheios de palha como os espantalhos.
>
> . . . . . .
>
> «Se porém os açomos olympicos da vaidade irritada do sr. Camillo o levarem a replicar em tom e por fórma que exceda as raias da boa educação, não só não teremos duvida em o seguir a esse terreno, e a converter esta inoffensiva polemica no mais divertido e decotado escandalo que tem entretido ha muito a ociosidade indigena. Como temos sobre s. ex.ª, apesar de velhos, a vantagem de menos vinte annos seguros, affirmamos que havemos de ser o ultimo a fallar, porque d'aqui a vinte annos, escrevendo todos os dias, ainda teremos muito que lhe dizer.»

Alexandre da Conceição, ao tempo, devia contar mais

de quarenta annos, e no entanto estas ameaças pareciam gabarolices de repazote vaidoso e pimpão.

E posto que nos libellos que se seguiram, guardou por vezes as suas posições, no entanto o castigo da affronta foi estrondoso.

Ponham os olhos n'estes botes de Camillo :

> «O cerdo, rebalsado no esterquilineo, ronca. Tenho-lhe atirado batatas, cebolas pôdres. Os projectis resvalam-lhe no couro rijo de pachiderme, e elle, afocinhando-os, grunhe, e devora-os. Eu não sou Hercules II, capaz de dar cabo d'este porco de Erymantho.
>
> . . . . . .
>
> «Deu agora n'esta das bolas. Gaba-se de ter feito muitas bolas de strichinina. Elle escusa de gastar o ordenado com as bolas que atira. E' atirar-se comsigo proprio, como grande bolas que é. E se não é bola de strichinina, pelo fetido parece ser bola de escaravelho-bosteiro, o *Bouvier* de Cuvier. Ora como o escaravelho, cuja larva vive quatro annos no estrume, soffre metamorphoses, eu espero que o sr. Conceição, findos que sejam os quatros annos da porca evolução, com alguma gramatica e com algum juizo, venha a ser escriptor pouco menos que mediocre. Está muito novo ; na flor dos 40 ; é uma criança : estude os pronomes, e sobre tudo, muito *Manual Encyclopedico*, e alguma vergonha. E, se estes conselhos lhe não servem, vá bugiar.»

Em que viera a dar o homem, que segundo o mesmo

Camillo, dois annos antes, pertencia a um *cenaculo de intellectuaes:* em escriptor *menos que mediocre,* e precisando ainda, para o ser, de estudar o *Manual Encyclopedico* do venerando conselheiro Emilio Achilles Monteverde!

Mas não se importe o leitor com os doestos. Abstraia do personalismo. Desconte na irritação. Faça justiça a todos, mas reconheça que nunca a prosa portugueza revestiu tanta virilidade, tanta elasticidade de energia e vigor!

Essa prosa era como que um pôtro inquisitorial—essa prosa de Camillo em assumptos de polemica: torturava, esmigalhava. Dava saltos de tigre, e fazia ranger a ossatura no arcabuz da victima!

Enorme em toda a materia de escripta!

Echos humoristicos do Minho

Em regra pertencem estes livrinhos—são quatro—á mesma *familia* das publicações anteriormente referidas com os titulos de *Noites de Insomnia* e *Bibliographia Portugueza e Estrangeira.*

De resto, ha muito do *genero* e muito da *especie* na litteratura de Camillo.

Os *Echos humoristicos* teem a sua historia.

Em 1880, Camillo foi sollicitado para escrever dois folhetins mensaes para o *Cruzeiro*, do Brazil, e ainda n'esse tempo era a imprensa brazileira que garantia a vida dos nossos melhores homens de letras, impossibilitados de exercer a sua acção no jornalismo patrio, todo entregue á fancaria da reportagem e á besbilhotice e aos atrevimentos da politica.

Accedeu, mas devia de ser grande o seu espanto—ou antes a sua irritação—ao ver que *lhe haviam jarreteado arbitrariamente pela redacção d'aquelle jornal* um dos folhetins que enviara!

Com effeito, cortar ou emendar em prosa de Camillo Castello Branco, sobre ser atrevimento, era indelicadeza

e inepcia, com ou sem fundamento de quaesquer *conveniencias*.

Não publicar, admittia-se; mas cortar, alterar sem auctorisação, era audacia!

O que fez Camillo?

Suspendeu a remessa dos folhetins.

Não aguardou explicações, e publicou em folhetos todo o trabalho feito, incluindo o que ia em caminho.

O auctor do córte, pelo modos, fôra Henrique Correia Moreira, critico do *Cruzeiro*.

O auctor retratou-o d'esta maneira:

> «Vi-o, ha 30 annos, no Café Guichard. Era um romantico cheio de Juliettas e de projectos brazileirescos. Oscillava entre ir para o Parnaso ou para o Rio de Janeiro. Os seus olhares contemplativos revezavam-se entre a via-lactea e a rua do Ouvidor. Tinha espasmos lyricos em redondilha menor, languia em desfallecimentos histericos de Romeo em uso de extracto de carne, e pestanejava os olhos traquinas através de uns oculos authoritarios. Desconfio que o seu genio apollinio ficou rudimentar, embryonario, envidraçado n'aquelles oculos como os fetos nos frascos, e que a sua mais forte manifestação litteraria foi a castração do meu folhetim.»

O bacharel Moreira — era formado em Coimbra — passou assim á historia pela caricatura! Mas continuemos.

Temos aqui em frente esses folhetos: são 4, varian-

do entre 13 e 24 paginas, editados por Chardron, e vendidos ao preço de tostão.

Abramos o primeiro, para darmos idéa da construcção dos *Echos*, e depois limitaremos o trabalho a separar trechos e phrases.

O auctor devaneia sobre o que seja humorismo; ironisa sobre as aptidões artisticas dos reis brigantinos; chasqueia de condecorações, e avisa os benemeritos portuguezes residentes no Brazil sobre a applicação que é dada aos seus donativos.

Tudo isto, de facto, com bom humor, mas tambem, valha a verdade, com algum azedume á mistura.

O *humour* dos inglezes é um predicado de espirito que na verdade elles teem, mas que não sabem precisar n'uma definição, e Camillo commenta:

> «Não é a graça, nem a chalaça, nem a agudeza.
>
> «Não é o que faz rir com o sorriso discreto, nem com a gargalhada rustica.
>
> «Não é a distenção franzida, estudada, dos labios de uma marqueza que lê *Rola* de Alfredo Musset, nem a exhibição dos dentes putridos de uma gorda dispenseira que lê o *Bertoldo*.
>
> «O *humour* é isso que em portuguez anda afidalgado em humorismo.
>
> . . . . . .
>
> «E' de todos os paizes e de todos os escriptores que dão a nota da sinceridade e da ironia, de crença e de duvida, de idolatria e de blasphemia—uma hora no céo, pela atracção sideral da lagrima contemplativa, outra hora no in-

ferno, pelo phrenesi macabro do sarcasmo byroniano.»

Poderá não estar preciso, não estar *definido*, por ser indefinivel, mas ainda, em trecho breve, ninguem lhe deu melhor sentido.

Por vezes temos frizado a *má vontade*—com muitas explicações, porventura ainda não estudadas fundamentalmente em serie de factos—do auctor para com a dymnastia de Bragança, afóra as expressões de sympathia que lhe mereceu D. Pedro V.

Não nos julgamos habilitados para o estudo, e agora limitamo-nos a dar prova d'essa prevenção de animo pelas referencias a alguns dos representantes d'essa caso reinante, que cahiram sob o humorismo de Camillo.

«D. João IV foi um grande musico. Affonso VI notavel guitarrista como Luiz XV. D. João V tinha um tão estrondoso amor á musica, que se deliciava nos carrilhões de Mafra. D. José I tinha a paixão das operas. D. Maria I tangia cravo e harpa, e aturava no seu reino as patifarias da Zamperini e da Camargo. D. João VI era basso profundo, e gostava de archejar os foles nos orgãos de Mafra. A actual familia reinante vive da lista civil e da musica; tem uma larga sciencia de semifusas, e condecora as gargantas dos barytonos com a fita de S. Thiago—um santo que d'antes patrocinava os batalhadores de Portugal e hoje está fazendo *claque* por conta da casa real.

«Emquanto aos actores se dão habitos de S. Thiago, aos escriptores apenas lhes é permittido, se os herdeiros pagarem, o habito de S. Francisco.»

Querem ainda mais?

Ahi vai, porventura em fórma de insinuação, que aliaz não era o processo de Camillo, que sempre atacava de frente:

«Em Portugal ha grande facilidade em crear gerarchias olympicas; fazem-se anjos, archanjos, serafins e potestades; mas constituidas estas mythologias, se no Brazil se não faz o poder executivo dos semi-deuses, as divindades ficam em uma inactividade digna dos celestes protectores da Luzitania cantados por Camões e Gabriel Pereira de Castro. Poetas são capazes de povoar um ceo devoluto; mas não teem eguaes faculdades creadoras para algibeiras vazias.»

A proposito de notarem um erro de revisão em trabalho seu, em que apparecera *houveram cousas terriveis,* protestou contra a culpa que lhe attribuiam, pois que:

«O solicismo do *houveram* é realmente feio e quasi bestial.»

Mas tratou logo de mostrar que, apesar de *feio e bestial,* podia justificar-se com bons auctores, pois que Francisco Manuel do Nascimento, o famoso *Filinto Ely*

sio, nem menos, o escrevera em prosa, e até o empregara tambem no verso na sua *Epistola ao amigo Brito:*

> Quero dar que em francez *hajam* formosas
> Expressões curtas, phrases elegantes.

E Camillo vai por ali fóra, exhibindo a sua erudição:

> «Bem póde ser que o revisor tivesse tambem lido as *Obras Poeticas* de Francisco Dias Gomes, o grande grammatico e o nosso primeiro critico, no conceito de A. Herculano. Se o revisor que me fez do *houve* um abominavel *houveram*, me corrigiu atido á auctoridade de tal mestre, procedeu justificadamente, porque Francisco Dias Gomes, nas suas *Obras*, pag. 220, escreveu: «Constava este poema de 284 versos, nos quaes *haviam* cincoenta e um tercetos...»
>
> .....
>
> «Monsenhor Ferreira Gordo, respeitador de auctoridades irrefragaveis como Filinto e Dias Gomes, escrevia: «Hespanha e Hollanda são talvez as duas nações em que sempre *houveram* os mais ricos depositos de monumentos historicos a respeito dé Portugal.» «Na livraria da casa de Vimioso *haviam* os dois tomos.»
>
> Etc.

São passados 32 annos, e se em 1880 já se conhecia consagrado, com merecido renome litterario, o dr. *Candido de Figueiredo,* ainda não se mostrara o sr. *Ca-*

turra Junior, que muito bem póde ser encarregado de lavrar sentença no processo em que depõem Camillo Castello Branco, Filinto Elysio, Francisco Dias Gomes, Monsenhor Ferreira Gordo, e o sr. Laet que n'aquelle mesmo anno collaborava na *Revista Brazileira.*

Mas passemos da grammatica para a tavolagem.

Por esse tempo andava, como hoje anda, em discussão accesa o ponto controverso—*se devemos regulamentar ou prohibir o jogo,* porque até agora tem-se vivido no regimen das *rusgas* a espaços.

Lá de vez em quando...

Ora estas *rusgas* teem revestido entre nós diversas fórmas, e a informação historica de Camillo póde valer por um episodio de novella:

> «Eu quizera que se castigassem os guerriteiros com a limpeza de mãos de D. João II, de saudosa memoria. Este monarcha, sabendo que Diogo Pires do Pé, morador na Praça da Palha, tinha jogo de cartas e dados, mandou, com pregão de justiça, pegar fogo á casa, não de noite, com as insidias manhosas da policia, mas ao meio dia do 1.º de Julho de 1490, com archotes de breu... Não se salvou uma escarradeira. Isto sim, que tem grandeza, e umas entranhas lavadas de rei que não se aproveitou de um vintem.»

E tambem ensina a fazer erudicção especial. Assim, em uma nota do numero 4.º dos *Echos*, encontra-se a seguinte passagem:

> «Para os realistas não estarem sempre a citar

Cambronne, ahi está outra auctoridade menos phabulosa.»

E sabem quem vem a ser essa auctoridade?

Nem mais nem menos que o desengonçado poeta Byron, o grande poeta do *Child Herold*, que Camillo nos apresenta a espectorar exclamações deslinguadas, emparelhando-se o Lord inglez, na chronica das porcarias falladas e escriptas, com o soldadão das guardas do Corso imperador!

Mas para collocarmos um ponto final nas referencias aos *Echos Humoristicos do Minho*, fóra de materia de azedumes, transcrevemos um trecho precioso, referente ás *Vesperas* de Thomaz Ribeiro:

«Se começamos a ver o mundo tal qual é, a poesia acaba de todo. E' preciso cantar e suspirar, como dizia Gil Vicente:

Cantando de quando em quando
E ás vezes suspirando
Entre cantar e cantar.

Voltareis, ó Christo?

Como, por certo, os leitores terão notado, o nosso registo camiliano não segue nenhuma *ordem*. Vai feito de mistura de cousas alegres e cousas serias, de humorismos e philosophias varias, de ironias amargas e tristezas compadecidas. Se algum plano existe n'este trabalho consiste n'este propositado falta de plano, guardando, possivelmente o *methodo* para uma futura edição definitiva.

Assim, esta *narrativa*, como o auctor sub-intitula o folheto, terá de um lado os *Echos Humoristicos do Minho* e as Chronicas para o *Cruzeiro*, e do outro o *Cancioneiro Alegre*, dedicado *ao bom senso da rua das Flores e da rua dos Capellistas:* ou sejam lagrimas comprimidas entre guizalhadas de troça.

Não obteve grande voga o folheto em questão, marcando-lhe os bibliophilos apenas duas edições: uma de 1871 e outra de 1889—ou fosse 18 annos depois.

A primeira edição, da Casa Moré, é a que temos presente; e por signal que marca a data em que come-

çámos a arrumar livros com a preoccupação do collecionador curioso.

Eis o caso: o auctor seguia em deligencia para Villa do Conde, e entre os seus companheiros de jornada despertou-lhe attenção especial um velho sacerdote, que o acompanhou em Moreira, junto da quinta *em que Vieira de Castro vivera dois annos felizes com sua esposa.*

Abeirou-se-lhe o padre, perguntando se n'aquella casa morara algum tempo o sobrinho do seu condescipulo e amigo, o ministro de estado Antonio Maria Lopes Vieira de Castro.

Ao que Camillo respondeu:

> «Aqui viveu os mais encantados dias da sua vida.»

O dialogo proseguiu e d'elle resultou o convite, do presbytero ao romancista, para que fosse á Povoa, onde se demorava a banhos, para de Vieira de Castro fallarem a sós e á vontade.

Camillo obedeceu, e a *narrativa* do hospedeiro fórma o assumpto do pequeno livro, de grande tensão dramatica.

E fallaram muito, com effeito, de Vieira de Castro, pois que essa narrativa não é mais que um dos muitos documentos que Camillo deixou, justificativos da sua dedicação extrema por aquelle que conhecera aos 18 annos, *quando o coração abafava em si as amarguras da soledade, retrahindo-se aos devorantes desejos do amor de familia, paixão santa, unica e profunda que lhe conhecera.*

Eis agora o drama: o sacerdote, em 1855, perdera-se de noite em caminho de Mirandella, onde ia consoar com um antigo condiscipulo.

De atalho em atalho, foi parar ao palacio de um Barão austero, que o acolheu com fidalguia e prosapia; mas como a Baroneza se encontrasse na agonia, foi sollicitado para a ouvir em confissão.

Accedendo, ella contou-lhe a sua vida: agonisava de ha muito, enclausurada junto do esqueleto do homem que fôra seu amante, e que o marido assassinara.

Um lance de tragedia, podendo desenrolar-se em episodios da arte e do natural, como pouco eguaes se veem no reportorio classico dos grandes auctores consagrados.

Mas não fica por aqui.

O Barão austero, sabendo da revellação da morta, defende-se do seu feito de brio e pundonor offendidos, respondendo assim ao padre, que lhe objectava que melhor seria ter morto a adultera, sendo essa morte um acto de generosidade:

> «Bem sei, bem sei. Ella soffria cinco minutos de castigo, e eu ficava soffrendo uma vida inteira de vergonha. Além de que, se eu a houvesse esmagado debaixo do peso da minha affrontosa desgraça, o mundo sanctifical-a-ia, lavando-lhe em hypocritas lagrimas os ferretes da cara, para que se attendesse sómente ás manchas de sangue nas minhas mãos de assassino.»

O leitor está vendo a intenção da propaganda do livro:

Primeiro — Matar a adultera é um acto de generosidade.

Segundo — Matar a adultera é sanctifical-a nos conceitos da opinião e perder-se na critica da mesma illustre e conspicua senhora.

Por outra: D. Claudina Guimarães, estrangulada por Vieira de Castro, foi quem ficou em melhor situção na historica tragedia da Rua das Flores, na cidade de Lisboa.

E' manifestamente paradoxal, mas este paradoxo, com todas as suas premissas e conclusões, é um documento para a accentuação da affectividade de caracter de Camillo e ainda do sentimento de gratidão de que se enchia o seu espirito, a que já temos feito referencias, e de que ha muitos indiculos espalhados por toda a sua obra immortal.

Immortal, dissemos nós, convictos do que dizemos; mas a verdade é que a palavra *immortal* já vai sendo considerada obsoleta, á falta de quem tenha direito á classificação.

Mas vamos ao nosso programma:

> «Os pintores christãos nunca souberam bosquejar Lucifer, porque similhante homem jámais deu nos olhos de artista, que desejasse fazer bem conhecida a plastica do diabo com feitio de gente.»

Não podemos affirmar se á face da pintura christã a asserção de Camillo é verdadeira. Os conhecimentos de Camillo na materia, porque não viajava e porque as illustrações no seu tempo eram escassas, tambem não podiam ser de maior.

Mas seja como fôr, a phrase, nas suas intenções, é modelar.

Para fecharmos, copiamos as exclamações que dão motivo ao titulo do folheto:

> «Meu Deus, enviae segunda vez á terra o vosso divino Filho! Esta negridão gentilica é peior que a de ha dois mil annos. N'aquelle tempo esperava-se: nas entranhas sociaes estremecia o presentimento de um regenerador. Hoje em dia, nada, nada, ó altissima Providencia! Nada! Mas... voltareis, ó Christo?»

A' grande interrogação de certo dão resposta negativa milhares de gentes com secura na alma e muita presumpção na cachimonia.

Mas se Christo voltasse, encontraria centuplicado o numero de vendilhões que azorragou: muitos dentro, mas ainda muitos mais fora do templo.

«Cancionero Alegre» de poetas portuguezes e brazileiros

Produziu um verdadeiro escandalo litterario o apparecimento d'este volume de 548 paginas, em 1879, quando o auctor estava no auge da sua phase de combatividade critica.

Como ironisasse o sr. Guerra Junqueiro—que então sacerdotava entre a geração nova—, vieram á estacada de lança em riste os plumitivos do tempo, cá do reino e do Brazil.

E entre elles, e dos mais atrevidos, fomos nós, que chegámos a extremos de phrases crúas, sem aquellas conveniencias que o bom juizo mandava guardar!

Afinal não havia razão de maior para a bulha, porque Camillo, sorrindo apenas, limitava-se a um ajustamento de contas com alguns que lhe estavam em debito, passando por sobre os versos d'elles as scintillações do seu estylo.

Todos nós, os que viemos a terreno, pretendiamos, pelos modos, que elle fabricasse um *Cancioneiro* pautado e grave, á guiza de selecta de lyceus, de La Place

consagrado, já que por falta de cantores de suas damas, o não podia arranjar á maneira de Rezende.

Era uma pretensão... pretenciosa a de querer sujeitar Camillo a um programma... que seria nosso, quando o programma d'elle fôra expresso n'estes termos de Molière:

> «Je voudrais savoir si la grande régle n'est pas de plaire. Laisson-nous aller de bonne foi aux choses qui nous prennent par les entrailles, et ne cherchons point de raisonnement pour nous empêcher d'avoir du plaisir.»

Termos de Molière acrescentados por estes outros da sua lavra:

> «Esta idéa de um *Cancioneiro Alegre* sugeriu-a ao commentador um formoso livro escossez intitulado *The book of humorous potry*, impresso ressentemente e primorosamente em Edinburg. E' leitura variada e deliciosa, ridentissima sempre, não das casquinadas que nos distinguem dos outros animaes, mas do sentir intimo de contentamento quando vemos bem solfejada nos versos a prosa ridicula das nossas esquipações.»

E foi sob este ponto de vista, porque a palavra criterio não vem para o caso, que Camillo juntou notas a versos de Alexandre da Conceição, Alfredo de Carvalhaes, Alvares d'Azevedo, Anthero do Quental, Augusto Soromenho,[1] Antonio d'Azevedo Castello Branco, Barão de Roussado, Bulhão Pato, Bucage, Braz Luiz d'Abreu,

Antonio de Cabedo, Luiz de Camões, Joaquim da Costa Cascaes, Casimiro d'Abreu, Claudio José Nunes, Conde d'Azevedo, Correia d'Almeida, Donas Botto, Duarte d'Almeida, Fagundes Varella, Faustino Xavier de Novaes, Fernando Caldeira, Caetano Filgueiras, Francisco Palha, Franco de Sá, Garção, Gil Vicente, Ferreira Girão, Gomes d'Amorim, Gomes Leal, Gonçalves Crespo, Gonçalves Dias, Guerra Junqueiro, Guilherme d'Azevedo, Guilherme Braga, João de Deus, João Penha Jorge d'Aguiar, Moniz Barreto, Nunes da Ponte, Luiz Palmeirim, Macedo Papança (Conde de Monsaraz), Menezes Parreira, Paulino Cabral, Pedro Diniz, Sá Coutinho, Simões Dias, Sousa Andrade, Thomaz Pinto Brandão, Thomaz Ribeiro, Eduardo Vidal, Visconde d'Almeida Garrett, Visconde de Castilho, Visconde da Pedra Branca, Sousa Viterbo e Xavier da Cunha (1).

D'esta vez passou pela malha o sr. dr. Theophilo Braga, não figurando na galeria, mas Camillo commentou-se a si proprio, fechando o livro com dois sonetos da sua lavra, precedidos d'este prologo:

> «No cerebro d'este sujeito nunca phosphoreou pyrilampo de poesia bem medida. Não perpetrou grandes delictos de romantismo impresso, porque foi de uma roda de homens praticos, scepticos, deconhecidos da lua, mais amigos do theatro que das florestas rumorosas, e mais da-

(1) Não confundir com o distincto bibliophilo dos mesmos appellidos. Trata-se de Antonio José *Xavier da Cunha*, que publicou no Porto um volume de versos em 1796.

dos ao ponche queimado que ao rumorgir das vagas e ás brizas fagueiras do mar, do qual principalmente apreciavam as ostras na Aguia de Ouro. Foi muito parco em trovas aos objectos de seus ais. (1) Poesia parturejada com dor e não cantada syllabicamente pelos dedos, fez uma só, e foi a ultima. Quando tinha saude e dinheiro, regrava elegias, debulhava-se em lagrimas de consoantes. Se ás catharraes se ajuntavam as angustias da fallencia, entrouxava-se nos cobertores, e vingava-se da therapeutica e dos capitalistas fluminando o lapis de onde rutilavam coriscos de chalaças salobras.

«De certo tempo em diante começou a dizer que morria, e mandava adiante d'elle um livro de versos á voragem do esquecimento; porque aos funeraes do seu *eu* de poeta já elle tinha assistido em pessoa e de saude perfeita. Qnando estava sinceramente velho, acabou por onde começara.»

Sujeitando-se a esta craveira, pela mesma mediu os outros, sem no entanto calar o louvor que muitos lhe mereciam.

Mas o grito de guerra foi soltado a proposito do capitulo referente ao sr. Guerra Junqueiro ,accusado, nada mais, nada menos, de plagiario, por haver reproduzido no seu primeiro livro, *Vozes sem eco*, modestissimo pelo

(1) Não é verdade. Nos seus versos, lembra-nos que cantou *Amelia, Lucinda, Rosa, Luiza, Alda, Maria, Angela* e outras senhoras de diversa nomenclatura e diversas classes sociaes.

titulo, publicado em 1867, umas quadras que Luiz Carlos Simões Ferreira escrevera cinco annos antes.

O caso nunca se esclareceu convenientemente ; mas não valendo menos, nem mais, os versos das *Vozes sem ecco* que os versos incriminados, é mais acreditavel a hypothese de uma confusão de papeis enviados para a imprensa, e porventura revistos fóra das vistas do auctor, que o proposito de um copiante inconsciente e inepto—classificativos que estão fóra, em todo o sentido, da individualidade do sr. Guerra Junqueiro, em todos os tempos, desde aquelles de Coimbra em que lhe penujava o bigode em cara setinosa e pallida, bairrista dos Grillos e Palacios Confusos, até estes tempos duros em que a barba isrealita lhe cresceu hirsuta, em rosto enrugado, nas terras quentes de Traz-os-Montes.

O poeta Luiz Carlos Simões Ferreira, *filhote* (1) de nascença, irmão do dr. Joaquim Simões Ferreira que falleceu ha dois annos, foi contemporaneo do sr. Guerra Junqueiro, formando-se este em 1873, um anno ou dois após a formatura de Luiz Carlos.

Se não foram intimos, viveram relacionados, e o sr. Junqueiro ao tempo, embora o poeta de Coimbra fosse correctissimo, não precisava recorrer a plagios flagrantes de criminalidade.

Ainda não levantara o vôo com azas victorhugueanas; rastejava terra a terra como o resto dos mortaes em materia de inspiração e respectivas glosas, mas emparelhava-se já com Luiz Carlos, sem que necessitasse

(1) Na giria academica *filhote* é synonimo de natural de Coimbra.

de uns versos d'elle para completar o seu livrinho de principiante.

Caesari quae sunt Caesaris.

Em todo o caso, archivemos o corpo de delicto.

Alexandrinos de Luiz Carlos, em 1862:

No Bussaco

Foi aqui, foi aqui que o povo lusitano
O trilho da victoria achou mais uma vez;
Foi aqui que, gemendo, as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez!

Parece-me inda ouvir os gritos dos vencidos,
O estrepito de luta, as vozes do canhão;
Parecem retumbar ainda em meus ouvidos
Os eccos do clarim, perdidos na amplidão.

Meus olhos cuidam ver o aspecto magestoso
D'aquelles que o pendão da patria defenderam!
O canto da floresta, um canto grandioso,
E' hymno de triumpho e nenia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Tranquillos repousai da ingente heroicidade:
Raiou da vossa campa a deslumbrante aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

Alexandrinos do sr. Guerra Junqueiro em 1867:

Na Cruz Alta do Bussaco

Foi aqui, foi aqui que o braço luzitano
Os livros da victoria abriu mais uma vez!
Foi aqui, foi aqui que as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez.

Parece-me inda ouvir os gritos dos vencidos,
O estrondo da batalha, os roncos do canhão!
Parecem reboar ainda aos meus ouvidos
Os eccos do clarim, perdidos na amplidão.

Nos robles estou vendo o vulto valoroso
Dos nossos que o pendão das quinas defenderam!
O canto da floresta, altivo, rumoroso,
E' hymno de triumpho, é nenia aos que morreram!

Brávos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Das lides descançae na santa eternidade:
Raiou de vossa campa uma sublime aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade.

Como se vê, as modificações são poucas. Não melhoram, nem peioram. Mas devem ter uma explicação, fóra da hypothese inadmissivel de um plagiato banal e grosseiro.

Mas que *má vontade* seria esta de Camillo pelo sr. Guerra Junqueiro? Por nossa parte podiamos formular hypotheses, muitas hypotheses. E quem não é capaz de as arranjar com liberdades de raciocinio? Mas hypotheses não prestam, e factos não os temos, precisos e concretos. Mas Camillo, pela certa, devia ter motivo para assim tratar o poeta da *Morte do D. João*, brincando com o classificativo que Eça de Queiroz lhe concedera de ser *o grande poeta moderno da peninsula*:

> «Eu abundo nas dimensões que o romancista marca ao poeta no mappa da Europa. Vingo-me assim da onça do Escurial que nos mostra os velhos gryphos nos sorrisos de Fernandez de los

Rios e Castellar. Os hespanhoes póde ser que venham a desnacionalisar-nos; mas, em materia de poetas e prelados, a primazia ha de ser sempre do sr. Guerra Junqueiro e do Arcebispo de Braga.

«Emquanto se fallar a lingua de Portugal, Algarves, e d'além em Africa, fusca Ethiopia e Guiné dir-se-ha sempre:

«D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo primaz;

«Guerra Junqueiro, poeta primaz;

«Ambos das Hespanhas.»

Devia Camillo ter motivo para esta verdadeira excepção de tratamento, que contrasta com as referencias de carinho e affecto para com outros poetas, que como o sr. Guerra Junqueiro eram permanentes collaboradores da *Folha*—João Penha, Gonçalves Crespo, Simões Dias e Sousa Viterbo, todos na terra da verdade, excepto o primeiro, que ainda desfere notas de amor no arabil da sua eterna mocidade.

Que esclareça o incidente litterario quem souber e poder. Vale a pena, porque Camillo e Junqueiro são dois nomes que *marcam*, são dois nomes que *ficam* na historia da litteratura portugueza.

Estabelecida assim a razão fundamental do escandalo provocado pela apparição do *Cancioneiro Alegre*, passemos á nossa revista.

Ainda no Prologo:

«Tudo o que nos alegra, poema ou tolice, é um raio de misericordia divina.»

Aplaudimos. A alegria é dom provindo do ceu. Já um velho dictado conta que *de tristezas está o inferno cheio.*

E está sendo bem triste, por toda a parte, este nosso tempo, mesmo com o regime das *revistas, zarzuelas* e *operetas,* que monopolisam a frequencia dos theatros, tornando impossivel a vida da arte pura.

Em literatura propriamente dita, e no genero d'aquella que entra na communhão geral, na corrente das multidões, não ha raio de alegria, que se expanda em risos francos e abertos. Nicolau Tolentino (á parte a boa moral) gerou a Pinto Brandão; Pinto Brandão a José Daniel; José Daniel a Faustino Xavier de Novaes; o Novaes a Luiz de Araujo...

E acabou-se a genealogia, sem que haja signaes de ella poder continuar.

Tudo passa, e tanto que tambem acabou esta importancia que o auctor, ha 30 onnos, atribuiu á cidade de Lisboa:

> «... faz e desfaz, com a mesma semcerimonia. E' a moderna Jerusalem dos Judeus antigos. Recebe em Santa Apolonia com hossanas e fados os pregoeiros da Idéa Nova em prosa e verso. Depois enfastia-se d'elles, cahe em si, chama-se tola, e crucifica-os.»

Bem se importa hoje, *a cidade de marmore e granito,* com os poetas, com os literatos, com os artistas! Almoça, lancha, janta, merenda e ceia politica. Come-a, bebe-a, palita-a; não tem outra preoccupação desde que se levanta até que se deita. E' a sua faina, de semana

e aos dias santos, e se ainda desfaz algum idolo, é em materia de publicistas e estadistas, porque não conhece outras classes de gente.

Tudo o mais lhe cahiu na indifferença mais completa e absoluta.

Em materia de linguagem, se em 1879 era justa a seguinte observação, em 1912 seria justissima:

> «A palavra do seculo XV não exprime o pensamento do seculo XIX. Então eram *ovos frilos*, hoje é *omelette*. E assim por diante em tudo o que intende com o paladar e com os quatro restantes sentidos corporaes. Já agora a gente só poderá expressar-se em portuguez castiço, e fazer-se entender, se acertar de encontrar-se nas explanadas infinitas das Ilhas Beatas do poeta Alceu com o historiador Fernão Lopes e com as poetisas Luiza Sigêa e Paula Vicente.»

O amor pouco se canta hoje em dia, e nos ultimos annos de Camillo já começara o seu ocaso nos horisontes da arte. Já começara a pôr-se de banda no verso — como se a poesia, por ser divina e ser sublime, merecesse outro objectivo além do amor!

Camillo observa:

> «Os amantes que sentem um Petrarcha a vibrar-lhes a protuberancia da amatividade, abafam e morrem ineditos. Escassamente remettem da provincia ás gazetas as dores de alma com estampilha de vinte e cinco.»

E mesmo que gastassem papel, sobrescripto e *porte*, não encontravam jornal que désse sahida ás suas expansões!

O espaço falta para a *correspondencia*, e não chega para o *communicado*, que estão sendo os unicos factores da nossa sociabilidade.

Mas deixemos tristezas, que não pagam dividas, e vamos ás cousas alegres.

O dr. Caetano Filgueiras, vate brazileiro, foi um dos que despertaram breve commentario ao humorismo de Camillo.

D'elle arrancamos um trecho, que tem o principal merecimento de mostrar que o doutor e poeta foi um dos precursores do regime orthographico em que vivemos por decreto:

> «O dr. Filgueiras escreve *agora* d'este feitio: haghora. Esta profusão de *h h* confunde outros orthographos que dizem que o *h* não é letra. Por estas e por outras incongruidades, é que Edgar Poë fazia ardentes votos pela abolição da pena de morte e da orthographia.»

Pena é que Camillo não vivesse ainda—e podia ainda viver—para matar os seus ocios de velhinho com os Filgueiras que se multiplicaram em materia de *h h* permittidos e de *h h* prohibidos, tirando á esthetica da escriptura aquelles adornos, de mais ou de menos, que aliaz elles não dispensam para as suas andainas, bastas vezes pintalegradas em guiza de pelle de lagartão!

Pena é, em todo o sentido!

Mudando de assumpto,

Sobre D. João V, ainda mais *magnifico* que Luiz XIV, tem-se dito e escripto muita cousa, quasi tudo em mal, quando algum bem se podia dizer, pois que, pelo menos, desbaratava em cousas *que ficavam*, e que ainda são das poucas cousas de valor que possuimos para mostrar ao estrangeiro que nos visita.

Tem-se escripto e declamado muito sobre o real amante de Madre Paula, mas esta observação de factos ainda não tinha sido formulada:

> «... usava os poetas como aphrodisiacos: a uns fazia corregedores de bairros, como a Sotto Mayor, a outros pregadores regios como a fr. Simão e fr. Pedro de Sá. Nenhum dos devassos notaveis pediu esmolla como o bacharel Domingos Maximiano Torres, que fazia versos serios e doutrinaes.»

E' que o Sotto Mayor desentristecia-o, e o Torres não abria n'alma *aquelle raio de misericordia divina*, que nos termos da sua phrase, póde e deve assim considerar-se *tudo quanto nos alegra, poema ou tolice.*

E o rei magnifico mostrou por toda a sua vida que era mais humano, para as fragilidades e suggestões da natureza mãe, que todos os seus subditos, a um por um.

Mas nem sempre observava bem, e assim, no *Cancioneiro*, deixando correr a pena com muita ligeireza e pouca critica, refere-se n'estes termos descerimoniosos (1) ao visconde d'Almeida Garrett, o escriptor mais

(1) Aos leitores recommendamos que reparem no *respeito* com que Herculano, pouco dado a respeitos, se refere sempre a Garrett.

completo de todos os nossos seculos de elaboração litteraria:

> «O visconde não era trabalhador que caboucasse os alicerces do edificio novo: era em lettras e tudo o mais um casquilho a narcisar-se entre o espelho e o livro, a pentear a cabelleira e a phrase, a fazer de dia a *toilette* do corpo e do espirito, a fim de, á noite, entrar nas salas com ares de divindade enfastiada da ambrosia olympica.»

Esta critica, embora em melhores dizeres, tem ressaibos dos processos do sr. dr. Theophilo Braga, como o proprio Camillo deixou registado por mais de uma vez. Com effeito, se em materia de mundaneidades—fraquezas dos grandes homens!—condiz em geral com o *divino Garrett*, o certo é que elle, fallecido antes dos 60 annos, com uma vida acidentada e exhaustiva de emigração e luctas politicas, teve ainda mais tempo que o preciso para *caboucar* os alicerces: construiu a obra litteraria mais completa e complexa de todos os escriptores portuguezes de todos os tempos.

Por que elle foi grande em tudo! O Visconde de Almeida Garrett é, por si, *uma litteratura*.

A'cerca de Correia Garção, *que fazia dythirambos de uma graça tão duvidosa que pareciam elegias*, porque eram *salobros os evohés dos arcades quando se entretinham a escrever borracheiras;* ácerca de Correia Garção dá-nos Camillo Castello Branco uma informação curiosa:

> «Onde ainda vislumbram algumas scintillas de protervo talento é nos poemas ineditos e aphrodisiaco que, do modo como a poesia do macadam se vai deslinguando, não tardarão a ser estampados como modelos de virgindade.»

Pois se a publicação ainda se não fez, que se faça, porque serão de curiosidade grande essas *scintillas de talento protervo!*

Vejamol-o agora na sua verdadeira corda, mordente e caustico:

> «A taberna e o prostibulo conservam a sua estatistica inalteravel ha seis mil annos, desde que a gente conhece o mundo tão pôdre, que parece decrepito ao nescer. Sir Joh Falstaff é eterno, posto que ande repartido por diversos sujeitos que, lançados na retorta, dariam como resultado a concreção da asneira.»

Referindo-se ao poeta e dramaturgo por excellencia patriota, e enthusiasta intelligente da nossa independencia, Joaquim da Costa Cascaes:

> «General que faça versos em Portugal, só este. A maioria dos outros fazem-se juvenis; mas não remoçam a versejar, é a tingirem-se.

E cremos que depois de Costa Cascaes, nunca mais houve outro general que juntasse rimas em versos causticos, como póde ajuizar-se d'este retrato que elle nos faz do *servil:*

Faz tedío, raiva, só vêl-o
Outro do que elle mais vil,
Do que o typo do servil ..
Não ha, não; vamos-lhe ao pello.

E entre outras cousa, vai assim dizendo do *servil*, escovando:

Esphinge de nova especie,
Não phabulosa — real
De reptil e homem formada,
Junto do poder creada,
Eis o sordido animal.
Desdouro da especie humana,
Que Deus fez á sua imagem;
Um coração de bandana,
Brios de torna-viagem;
Diante da authoridade
Sempre curvo, derreado,
Seus actos elogiando
Com louvor exagerado;
Batendo no coração,
E jurando convicção,
Conforme a ordem do dia:
Hoje, sim; amanhã não.
De mau muito, e mais de vil...
Não é tão pouco o servil.
E' mais, muito mais: — qual Jano
Dois modos, e caras tem.
P'ra cima — como ninguem
Cara alegre, e dobradiço,
Mais que delgado caniço
Que geme, varrendo o chão
Ao violento furacão.
P'ra baixo — carranca, empafia,
Ar de grande valimento,
Que não vale a um por cento;

Fallas seccas, sempre andando,
O costado endireitando,
Que, por não estar afeito
Nunca fica bem direito.

Etc.

Póde haver versos duros, mas ha nobreza de intenção que desculpa as destoações do ouvido.

Contrasta a sua critica sobre Almeida Garrett com a que sempre lhe mereceu Antonio Feliciano de Castilho —idolo dos seus altares e das suas devoções.

Vejam:

> «Se Castilho apparecesse um dia poeta realista, se retrocedesse dois mil annos para o ser, iria á Roma imperatoria avinhar-se de phalerno a casa de Apicio, e viria mostrar aos Baudelaires do Baltresqui que o realismo d'elles tem as vinolencias agres e brutaes do Collares falsificado. Um livro de Castilho, sem respeito aos ouvidos honestos, e sem dó dos corações innocentes, e sem veneração ás crenças das almas infefizes e conformadas, que formoso e infame não seria esse livro!»

Com effeito, estamos em que ninguem faria melhor que Castilho um livro d'esse teôr; porque o poeta dos *Ciumes de bardo* e da *Noite ao Castello* tinha, como ninguem, e viu-se quando o provocaram, virilidade e energia de expressão, a par da extrema maleabilidade na construcção da phrase, capaz de dar vulto e vida exhuberante a todas as perversões da natureza ou da sociedade!

Que *formoso e infame seria esse livro*, como diz Camillo!

Sobre Anthero do Quental e os seus discipulos ou imitadores dá-nos esta opinião, que é absoluta de verdade na apreciação do poeta original e no depreciamento e vulgaridade dos adeptos que lhe fizeram roda:

> «As *Odes* de Anthero do Quental ficam emperladas do orvalho da estrella d'alva, e as imitações para ahi se espapam nos marneis que fizeram.»

Para fecharmos, damos a definição—se assim nos podemos exprimir—da personalidade poetica, unica e authonoma, de João de Deus:

> «... o mais doce scismador que as estrellas ainda alumiaram, desde que a alma do provedor de defuntos de Macau vaga por este ceu de Portugal á busca de corações onde estylar raios da sua luz perpetua.»

João de Deus, logo depois de Camões...
Por nossa parte, está certo.

Os criticos do Cancioneiro Alegre

Estes articulados de defeza e accusação foram primeiramente publicados na *Bibliographia Portugueza e Extrangeira,* em quatro numeros successivos, de Julho a Novembro de 1879.

Assim eram elles intitulados:

I — *O sr. Sargio de Castro.*

II — *O sr. Carlos Lobo d'Avila.*

III — *O sr. Mariano Pina.*

IV — *O sr. Mariano (bi) Pina.*

V — *O sr. Gaspar da Silva.* (1)

VI — *Arthur Barreiros.* (2)

---

(1) *Gaspar da Silva* era, no Brazil, o pseudonimode *Boaventura da Costa Barbosa,* que veio a morrer *Visconde S. Boaventura.*

(2) Este nem o *sr.* mereceu.

VII—*A sr.ª Mariana (tri) Pina.*

VIII—*O sr. Thomaz Filho.*

Tiveram larga publicidade estas execuções litterarias, porque além de serem recolhidas em folheto, foram apensas depois á 2.ª edição do *Cancioneiro,* feita em 1888.

Camillo, ao contrario do que se possa suppor, não era um violento de natureza. As suas indignações litterarias eram de sobreposse. Mas foi violentissimo, como ninguem o foi mais ainda, a não ser o Padre José Agostinho de Macedo, quando este prevertia o enorme talento em bebedeiras de prosa ordinaria, nas polemicas em que entrou, quando lhe beliscavam o justificado orgulho.

Mas era tudo arte—aquella arte espontanea, se assim podemos dizer, que se despejava na sua prosa fluentissima, rithimica, com que elle se sabia exprimir, consoante os assumptos, despertando as lagrimas, desafiando os risos, irritando as paixões, ferindo as prosapias, abatendo as vaidades.

Era um adversario destemido, implacavel, sem dó, sem piedade, fazendo morder o pó, obrigando, como nas luctas do circo, ao reconhecimento da victoria!

Mas tambem, passada a refrega, não alimentava odios, nem conservava rancores!

Luiz Veuillot, o celebre polemista francez, teria que aprender com Camillo; e se elle, com persistencia, se tivesse dedicado ao jornalismo politico, sem defecções nem esmorecimentos, caminhando para a frente com vontade firme, seguindo a direito entre os meios e os fins, seria um poder na vida constitucional do seu tempo,

com mais força de opinião temivel e decisiva que a força que tiveram Antonio Rodrigues Sampaio, Emygdio Navarro e Marianno de Carvalho—os tres grandes jornalistas portuguezes.

São articulados modelares estas replicas aos que haviam atacado os processos do seu *Cancioneiro Alegre*, e de todos elles vamos apartar passagens que mostrem a pujança da sua lucta de athleta, quando tratava de manejar a sua prosa como qualquer gigante que symbolicamente podesse manobrar com a clava de Hercules.

Varreu o arraial.

Adjectivo a um, phrase a outro, argumento a este, ironia áquelle, tudo lhe foi adiante em debandada; e se algum recalcitrou, como Mariano Pina, a resistencia apenas serviu para que a execução fosse mais estrondosa.

Do capitulo referente a *Sergio de Castro*, que classificara de *denuncia* o incriminado plagiato do sr. Guerra Junqueiro:

> «A Idéa Nova não tem mais direitos a ser mais ladra que a velha. No *Cancioneiro Alegre* não ha denuncia nem torpesa. Ha um *memento*, um «lembra-te que és homem» do escravo ao Cesar, um estorvo á filaucia insolente do *enfant-gâté*, que fizera dos seus alexandrinos um latego com que andava destroçando poetas e prosadores dos seus dominios da Peninsula.»

E depois, fazendo erudição desenfastiada, d'aquella erudição que não aborrece:

«O grammatico Aristofanes colligiu os roubos de Menandro;

«Philostrato accusou os roubos de Sophocles;

«Horacio delatou os plagios de Celso;

«Cajot argue J. J. Rousseau de ter plagiado o *Livro da Educação;*

«Charles de Rosoir accusa de larapios Voltaire, Montaigne e Charron;

«La Harpe fulminou os plagiatos de Corneille;

«José Feliciano de Castilho diz que o padre João de Lucena se apoderou fraudulentamente do manuscripto das *Perigrinações* de Fernão Mendes Pinto.

«Alexandre Herculano accusa Galvão, Ruy de Pina e Acenheiro de terem expoliado as primitivas chronicas manuscriptas de Fernão Lopes.»

Etc.

Est modus in rebus. Vai grande distancia dos plagios referidos aos plagios em questão, mas ainda assim, por causa das quadras inspiradas pelo Bussaco, o sr. Junqueiro não ficava em má companhia: Voltaire á direita, Rousseau á esquerda, com o prégador Lucena na frente de todos a fazer predica consolativa sobre estas e outras decepções de vida attribulada que se arrasta na terra!

Do capitulo em que respondia a *Carlos Lobo d'Avila:*

«A critica d'este litterato vem gravita de duas idéas superiores, boas e resolutivas, que parecem

de Taine. A primeira é chamar-me *velho* (1) o sr. Lobo d'Avila. Este argumento fulmina, é um triumpho. A sua rectidão é tão impenetravel, que eu só poderei questional-a com a sophisma da Agua Circassiana usada pelas familias principaes da Europa.»

A *Mariano Pina*, em crescendo de metralha:

«Mas afinal, quem me assevera a mim que existe este papa-fina de Pina que refina e se empina e apepina? Se não é um homem transcendente que fez metamorphose de crysalida de garoto, então é um Pina que cultiva miseravelmente o primeiro anno de instrucção primaria e escreve: «E' por tudo isto que eu tenho muito dó *de si*.» *De si*, ó alarve? E' incrivel que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias supramencionadas, sahisse tão adulta e descompassada besta.»

A *Gaspar da Silva*:

«E' um talento portuguez emigrado. Não quer que a patria lhe consuma os ossos e a cascoria. Que pena, se este Gaspar se estraga com a cachaça brazileira! O nosso irmão d'além mar, Gaspar! venha, repatrie-se, recolha-se ao lar. Se

(1) Carlos Lobo d'Avila, na sua brilhante estreia parlamentar, em 1884 ou 1885, tambem chamou *velho* a Fontes Pereira de Mello, que egualmentelhe replicou gracejando.

aqui lhe não derem posição que as suas letras reclamam, entretenha-se a cavar, na terra natal, pés de burro: não precisa sahir da sua pessoa; cave-se nos pés como pelicano no peito...»

A *Arthur Barreiros:*

«Se o pello mulato ainda tem algumas tradicções glossologas dos velhos guinchos articulados dos seus antepassados, deve perceber a lingua tapuia. Eu preciso de dizer-lhe duas cousas em resposta á sua carta; mas corre-me o dever de lh'as çommunicar em lingua pouco conhecida na Europa: *Indê gpé saraivaia tapirá, turusu maranhave busapu. Taiassé nhamim nhamenguará xenaxatupê.* Assim se exprimia o seu decimo avô, o botocudo, pintado com rajas de urucu e genipapo, e tinha batoque de pau no beiço e nas orelhas, e comia o tapy e os primos, como sua decima avó, nas folhudas choupanas de patioba.»

A *Thomaz Filho:*

«Thomaz Filho! Começa logo por mentir no appellido. *Filho!* Quer-me parecer que elle não tem pae. E, se o teve anonymo e hypothetico, Gil Vicente, Antonio Prestes e Jorge Ferreira, são quem a miude lhe dizem o nome da mãe.»

Basta.

Sem duvida o grande escriptor desmandou-se em excessos de linguagem, principalmente na replica aos brazileiros; mas descontando no exagero, fica muito para admirar na tensão forte do estylo em materia de desandas litterarias.

Foi tudo corrido, parecendo que se esta palavra era uma pedrada, logo a seguinte fazia brecha como fueiro de azinheira ou carvalho cerquinho atirado á cabeça pelo que mais fosse perito em jogos de pau!

. . . . . .

E agora, passados 33 annos, que saudades, que saudades d'aquelle tempo em que a nossa mocidade irrequieta recebia merecidamente estas lições merecidas!

Que saudades, porque não sabendo do destino dos jornalistas brazileiros, dos portuguezes sabemos que só resta na vida o que escreve estas linhas, com os olhos a marejarem-se-lhe de lagrimas!

A'quelle tempo, Carlos Lobo d'Avila era nosso companheiro de casa em Coimbra, na rua das Fangas, juntos com o dr. Bernardino Machado, já então lente da Faculdade de Philosophia na Universidade, e quando appareceu a *Bibliographia* a desancar-nos desapiedada, lembra-nos bem, que passadas a primeira impressão das vaidades offendidas, confessavamos, reconhecendo-a, a valentia do adversario invencivel...

. . . . . *Saudade*
Delicioso pungir de acerbo espinho.

FIM DO 2.º VOLUME

INDICE

Prolongando 5
Novellas do Minho 15
Gracejos que matam 19
O commendador 25
O cego de Landim 31
A morgada de Romariz 35
O filho natural 39
Maria Moysés 45
O Degredado 51
A viuva do enforcado 55
O demonio do ouro 61
Delictos da Mocidade 73
Onde está a felicidade 81
Um homem de brios 91
Memorias de Guilherme do Amaral 101
Memorias de Carcere 109
Um livro 133
Mysterios de Lisboa 141
O livro negro de Padre Diniz 153
Cousas leves e pesadas 165
Euzebio Macario 175
Noites de Lamego 185
Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado 199
Curso de litteratura portugueza 211

Esboços de apreciações litterarias 225
Noites de insomnia 236
Bibliographia Portugueza e Estrangeira 249
Echos humoristicos do Minho 261
Voltareis, ó Christo? 269
«Cancioneiro Alegre» de poetas portuguezes e brazileiros 275
Os criticos do Cancioneiro Alegre 293

PQ
9261
C3Z64
v.2

Castro, Sergio de
Camillo Castello Branco

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 07 019 7